Seminário Gestão Cultural e Gestão Social:
E-book do V SOCULT 2023

Maria de Lourdes Borges
(Organizadora)
2024

PPG UNILASALLE
Memória Social e Bens Culturais

Maria de Lourdes Borges
(Organizadora)

V SOCULT
V Seminário Gestão Cultural e Gestão Social

Seminário Gestão Cultural e Gestão Cultural: E-book do V SOCULT 2023

2024

COMISSÃO ORGANIZADORA DO V SOCULT:
Dra. Maria de Lourdes Borges Coordenadora e pesquisadora vinculada ao PPG Memória Social e Bens Culturais, UniLaSalle
Dra. Ingridi Vargas Bortolaso vinculada ao PPG Memória Social e Bens Culturais, UniLaSalle
Dr. Moisés Waismann vinculado ao PPG Memória Social e Bens Culturais, UniLaSalle
Dra. Rute Henrique da Silva Ferreira vinculada ao PPG Memória Social e Bens Culturais, UniLaSalle
Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan pesquisadora vinculada ao PPG Memória Social e Bens Culturais, UniLaSalle

UNIVERSIDADE LA SALLE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

EQUIPE DE FORMATAÇÃO E REVISÃO
Dra. Maria de Lourdes Borges (Coordenadora)
Fernanda Veadrigo Irber (Bolsista IC CNPq)
Camile Rosa de Souza (Bolsista IC Fapergs)

REVISÃO FINAL
Dra. Maria de Lourdes Borges

Obs.: Os conteúdos e argumentos presentes nos textos, bem como a revisão textual, formatação e adequação às Normas ABNT são de responsabilidade dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S471 Seminário Gestão Cultural e Gestão Social: Ebook do V SOCULT 2023 (5. : 2023 : Canoas, RS).

Seminário Gestão Cultural e Gestão Social [recurso eletrônico] : Ebook do V SOCULT 2023 / organização Maria de Lourdes Borges. – Dados eletrônicos – Canoas, RS : Ed. Unilasalle, 2024.

Modo de Acesso: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/>

ISBN: 978-65-5441-108-0

1. Memória Social. 2. Gestão cultural. 3. Gestão social. 4. Eventos. 5. I. Título. 6. Borges, Maria de Lourdes

CDU: 316.7(063)

Bibliotecária responsável: Michele Padilha Dall Agnol de Oliveira - CRB 10/2350

Editora Unilasalle

Apresentação

Este livro, denominado "Seminário Gestão Cultural e Gestão Social: E-book do V SOCULT 2023", trata dos anais do SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, o qual é um evento que tem se posicionado no ambiente acadêmico e das práticas culturais e sociais como congregador entre estes dois modos de fazer gestão. O evento é promovido pelo Programa de Pós Graduação Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

Ao procurar tematizar os avanços existentes e vindouros acerca da gestão cultural e da gestão social, duas faces comumente esquecidas da prática e estudos em gestão, o evento concentra um locus de diálogo entre elas. A primeira, de importância para o fortalecimento de profissionais e instituições promotoras de cultura, e a segunda, imprescindível para a promoção do desenvolvimento social e regional.

Cabe rememorar e registrar as edições anteriores do evento:

A primeira edição ocorreu em 12/11/2015 de maneira presencial com duração de 8 horas, composto de palestras com os professores Prof. Airton Cardoso Cançado (da UFT, referência em gestão social), Dra. Marilia Verissimo Veronese (Unisinos), praticantes de gestão cultural: Henrique Martins de Freitas, Cláudia Feijó da Silva e Letícia Góes Schaurich e roda de conversa com egressos, ao final teve apresentação musical e lançamento do livro do Grupo de Pesquisa Tecnologias Sociais, Inovação e Desenvolvimento liderado por esta proponente.

A segunda edição ocorreu em 07/11/2017, na modalidade híbrida com 8 horas de duração, o qual teve a participação virtual do Dr. Paulo Alexandre Guedes Lopes Henriques da ISEG (Lisboa-PT), Dra. Marilene Maia, painel com as praticantes Aline Bueno e Márcia Braga. Também foi inauguração da obra de arte de autoria da artista plástica Sílvia Marcon em homenagem ao São João Batista de La Salle, afixada na Unilasalle.

A terceira edição ocorreu em 06 e 07/11/2019 com duração de 12 horas. Nesta edição, tivemos submissão de artigos científicos, os quais passaram por avaliação duplo-cega, sendo aprovados e apresentados 16 artigos em quatro Grupos de Trabalho (GT). Também foi apresentada a Esquete Teatral Mulheres de Machado dirigida pela Dra. Lúcia Regina Lucas Rosa e também palestra com a Dra. Ana Clara Aparecida Alves de Souza da PUCRS.

A quarta edição do SOCULT ocorreu em 16 e 17/11/2021 com duração de 16 horas. Devido à pandemia, o evento ocorreu de maneira virtual. Esta edição também contou com a submissão de artigos científicos completos, os quais também passaram por avaliação duplo-cega. Foram apresentados em 4 GTs o total de 31 artigos, apresentados em sete salas virtuais. O evento iniciou com uma recepção musical da cantora Anaadi (mestra do nosso PPG e ganhadora do Grammy Latino). Também tivemos as seguintes palestras virtuais: Confinamento involuntário da música com a cantora Anaadi. Mesa redonda sobre transculturalidade com Cátia Rosane Würth e com o nigeriano Ìdòwú Akínrúlí. Além disso, houve a participação do Clube de Leituras Literartes (em parceria com o SESC Canoas). Na finalização do evento contamos com a palestra: Empreendedorismo Social e Protagonismo Juvenil nas Periferias. com o educador e ativista cultural dos direitos humanos Rafa Rafuagi e também com o Dr. Wagner dos Santos Chagas sobre Cidadania e o Movimento Black Money.

Em sua quinta edição, o evento teve a duração de 17 horas, ocorridas de maneira híbrida de 20 a 22 de novembro de 2023, composto de quatro grupos de trabalho que apresentaram 25 trabalhos. O evento contou também com seis paineis de debates, tal como apresentado na próxima seção. A programação completa pode ser acessada no link https://www.unilasalle.edu.br/canoas/eventos/v-socult-seminario-de-gestao-cultural-e-gestao-social

Este ebook publica 11 trabalhos completos convidados que foram apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social.

Desejamos uma boa leitura.

Dra. Maria de Lourdes Borges
Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan
Dra. Ingridi Vargas Bortolaso
Dr. Moisés Waismann
Dra. Rute Henrique da Silva Ferreira
(Comissão Organizadora)

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO COMPLETA E APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS 2023..... 5

1 Como a educação ambiental em escolas pode contribuir na preservação do Pampa?..... 9
Duana Suelem Alves e Mauricio Pereira Almerão

2 Ação Humanitária do CEBRAS para o combate à COVID-19..... 17
Kenia Maria dos Santos Amaral

3 Histórias e Culturas indígenas brasileiras..... 29
Marilene Lenz Correa, Rute Henrique da Silva Ferreira, Moisés Waismann, Maria de Lourdes Borges e Leonel Pires Ohlweiler

4 Memórias de engajamento na perspectiva da psicologia positiva e da memória social..... 38
Grayce de Castro Couri, Fernanda Veadrigo Irber, Camile Rosa de Souza e Maria de Lourdes Borges

5 Memória do Trabalho e a História Incorporada: uma análise inspirada em Bourdieu..... 46
Claudiâni Guimarães Vargas Gonçalves e Moisés Waismann

6 Ensaios sobre equidade digital: estratégias do Polo UAB Sapucaia do Sul.....55
Joseane Leoni Silveira Goularte, Patrícia Kayser Vargas Mangan e Ingridi Vargas Bortolaso

7 A exposição memórias da escolinha de futebol: aspectos sociais e culturais....63
Enedir Manoel Monteiro e Maria de Lourdes Borges

8 Estratégias para tornar uma cidade inteligente.....70
Adriano Rostirolla

9 Memória coletiva e inovação na APAE de Pedreiras-MA.....78
Graciete Rodrigues dos Santos

10 Aruanda é logo ali: memória, resistência e criatividade da umbanda de mãe Jovelina..... 88
Alexandre Machado da Silva e Marcelo Alexandre de Azevedo

11 A afirmação da identidade e da cultura negra: um estudo à luz de Pierre Bourdieu..... 97
Paola Verdun e Lúcia Regina Lucas da Rosa

PROGRAMAÇÃO COMPLETA E APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS 2023

	20/11/2023 (segunda-feira)

18h30min - Apresentação musical Anaadi

19h - Abertura Oficial - Patrícia Kayser Vargas Mangan - Coordenadora PPG Memória Social e Bens Culturais

19h10min - Aruanda e Consciência negra: Caminhos de Liberdade com Alexandre Machado da Silva - Mestrando em Memória Social e Bens Culturais

19h40min - 22h
Painel: "Legados de Responsabilidade Social Universitária: Experiências do **Chile e do México**" com a **Dra. Gladys Jiménez Alvarado**, Responsável pelo Projeto Responsabilidade Social Universitária da Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso - Chile e **Ms. María de Los Ángeles Garriga González**, Coordenadora de Desenvolvimento Social e Comunitário da Universidade La Salle México, teóloga e Mestra em educação.

Mediação: Paulo Felipe Almeida, Doutorando em Memória Social e Bens Culturais (UNILASALLE). Mestre em Teologia: Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais (EST). Atua na Pastoral da UNILASALLE

	21/11/2023 (terça-feira à tarde)	
	GT 1 - Memória e Gestão Cultural Dr. Moisés Waismann e Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan 14h às 18h	
	Título	Primeiro/a autor/a
14h	Abertura e organização inicial	
14h10	MEMÓRIA DO TRABALHO E A HISTÓRIA INCORPORADA (BOURDIEU)	Claudiâni Guimarães Vargas Gonçalves
14h25	PERSPECTIVAS DE COLABORADORES DO MUSEU DO AMANHÃ SOBRE GESTÃO DE ESPAÇOS FÍSICOS E VIRTUAIS DURANTE E APÓS PANDEMIA DE COVID-19.	Tatiana Araújo de Lima
14h40	A EXPOSIÇÃO DE MEMÓRIAS DA ESCOLINHA DE FUTEBOL SOB O PONTO DE VISTA DA MEMÓRIA COLETIVA	Enedir Manoel Monteiro

14h55	O PODER SIMBÓLICO E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO DOS IMIGRANTES NO HAITI E NO BRASIL	Maria Geraldina Venancio
15h30	ACESSO AOS BENS CULTURAIS POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE, PRÉ-EGRESSOS E EGRESSOS	Josiane lima de Andrade
15h45	COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESCOLAS PODE CONTRIBUIR NA PRESERVAÇÃO DO PAMPA?	Duana Suelem Alves
16h	MEMÓRIA, GESTÃO E DIFUSÃO CULTURAL: AS ESTRATÉGIAS DE EXPANSÃO DAS REDES DE COLABORAÇÃO NORTE-AMERICANAS NO SÉCULO XX.	Rodrigo Vieira Pinnow

21/11/2023 (terça-feira à tarde)

GT 2 - Memória e Gestão Social
Dra. Elaine Conte; Dra. Ingridi Vargas Bortolaso
14h às 18h

14h	Abertura e organização inicial	
14h10	AÇÃO HUMANITÁRIA PARA O COMBATE À COVID-19: UM ESTUDO DE CASO DE UMA PARCERIA ESTABELECIDA ENTRE A FIOCRUZ E UMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DA CIDADE DE CANOAS/RS	Kenia Maria dos Santos Amaral
14h25	MEMÓRIA COLETIVA E INOVAÇÃO NA APAE DE PEDREIRAS-MA	Graciete Rodrigues dos Santos
14h40	MEMÓRIAS DE ENGAJAMENTO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA POSITIVA E DA MEMÓRIA SOCIAL	Camile Rosa de Souza
14h55	O MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE, COMO UM ESPAÇO DE TRÂNSITO MIGRATÓRIO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, NO BRASIL	Daiana de Aquino Hilario
15h10	A CULTURA DA MORTE: ESCREVIVÊNCIAS DOS AMORES E DAS DORES NO CREMATÓRIO E CEMITÉRIO PARQUE JARDIM DA MEMÓRIA	Everson Jaques Vargas

21/11/2023 (terça-feira à noite)
19h30min-22h

LITERARTES: Clube de Leituras Artísticas. 15ª edição com o **escritor Luís Dill**.
Auditório Arsênio Both no Prédio 1 (5o. andar).
Evento híbrido (presencial e on-line)
Facilitadora: Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa
Apoio: Sesc

22/11/2023 (quarta-feira à tarde) 14h-18h		
GT 3 - Memória, Cultura e Identidade Dr. Clóvis Trezzi; Dra. Adriana Storti 14h-18h		
14h	Abertura e organização inicial	
14h10	MÚSICA PARA SURDOS? INCORPORAÇÃO DE MÚSICAS SINALIZADAS COMO AÇÃO INOVADORA NO CONTEXTO RELIGIOSO DE UMA IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL	Lucirene Franz Ferrari Fernandes
14h25	PROBLEMATIZANDO A INCLUSÃO DE IMIGRANTES NO BRASIL À LUZ DOS CONCEITOS DE COSMOPOLITISMO E DE MULTICULTURALISMO	Paulo Felipe Teixeira Almeida
14h55	ARUANDA É LOGO ALI: MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E CRIATIVIDADE DA UMBANDA DE MÃE JOVELINA.	Alexandre Machado da Silva
15h30	UM OLHAR SOBRE O PAPEL DE UM CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL NA CONSTITUIÇÃO DO ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO	Adriana Troczinski Storti
15h45	MEMÓRIA, INOVAÇÃO E URBANISMO: TRANSFORMANDO O FUTURO DAS CIDADES	Tatiane Rodrigues Borges Martinelli dos Santos
16h	GAMES E SUAS COMUNIDADES INOVATIVAS	Paulo Pires de Avila
22/11/2023 (quarta-feira à tarde) 14h-18h		
GT 4 - Memória e Linguagens Culturais e Sociais Dra. Rute Henrique da Silva Ferreira; Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa 14h-18h		
14h	Abertura e organização inicial	
14h10	CULTURA AFRO-BRASILEIRA E RACISMO À LUZ DAS TEORIZAÇÕES DE BOURDIEU	Paola Verdun
14h25	VILA PEDREIRA: MEMÓRIA SOCIAL E A BUSCA DE INOVAÇÕES NUM AMBIENTE DE PERIFERIA	Manoela Dias Gomes
14h40	HISTÓRIAS E CULTURAS INDÍGENAS BRASILEIRAS	Marilene Lenz Correa
14h55	ENSAIOS SOBRE EQUIDADE DIGITAL: ESTRATÉGIAS DO POLO UAB SAPUCAIA DO SUL	Joseane Leoni Silveira Goularte
15h30	ESTRATÉGIAS PARA TORNAR UMA CIDADE INTELIGENTE	Adriano Rostirolla

15h45	DEMOCRACIA E DIVERSIDADE ÉTNICA EM DOCUMENTOS ESCOLARES DA EMEB OSWALDO ARANHA	Monique Valgas Ferreira
16h	A CULTURA DA MORTE: ESCREVIVÊNCIAS DOS AMORES E DAS DORES NO CREMATÓRIO E CEMITÉRIO PARQUE JARDIM DA MEMÓRIA	Everson Jaques Vargas

22/11/2023 (quarta-feira à noite)
19h-22h

19h - 19h30min - Mesa redonda: Inovação e conexões entre gestão cultural e gestão social - Dra. Maria de Lourdes Borges, Dra. Ingridi Vargas Bortolaso e Dr. Moisés Waismann

19h30min - 22h – Painel de encerramento:
Memórias do Tecnosocial e a Gestão Social

Painel 1 – "Pílulas de formação pró-ambiental em prol da Casa Comum" **Michele Ferreira dos Santos**, coordenadora da Cooperativa de Reciclagem Renascer - Canoas e Dra. **Maria de Lourdes Borges**

Painel 2 – "Educação ambiental e inclusão social: o caso do projeto Canoas Recicla com a Gente" – **Fernanda Corrêa Gewehr** - Representante da Apoena Socioambiental

Mediação: Dr. Moisés Waismann

O link do evento pode ser acessado em
https://www.unilasalle.edu.br/canoas/eventos/v-socult-seminario-de-gestao-cultural-e-gestao-social

1
Como a educação ambiental em escolas pode contribuir na preservação do Pampa?[1]

Duana Suelem Alves[2]
Mauricio Pereira Almerão[3]

Resumo:
A Área de Proteção Ambiental (APA) do Ibirapuitã, é a maior Unidade de Conservação (UC) de Uso Sustentável do bioma Pampa. Desde 2020, nesta UC vem sendo desenvolvido o projeto RestaurAPA, com o objetivo de restaurar cerca de 1.930 ha de campo nativo em 20 propriedades de pequenos produtores, invadidas pela *Eragrostis plana* Nees, uma espécie exótica invasora (EEI), conhecida popularmente como capim-annoni. A não conexão da comunidade local que vive na APA (e no seu entorno) com o contexto da mesma é um exemplo de um dos principais problemas de gestão em UC no Brasil, e a Educação Ambiental, nesse caso, é uma das principais ferramentas para melhorar esta conexão, aproximando a comunidade local com a área. Sendo assim, foi pensado em se utilizar do ambiente escolar como meio para trabalhar as temáticas presentes na APA do Ibirapuitã (espécies nativas, EEI, serviços ecossistêmicos, etc), através de oficinas e cartilhas dedicadas a ecologia e cultura do Bioma Pampa. Além do conhecimento técnico, uma parte importante da dinâmica estabelecida com os professores das escolas, será a troca de conhecimento que envolve toda a endoculturação característica da campanha gaúcha, buscando entender a visão desses profissionais acerca da importância do patrimônio ambiental que se inserem. Os resultados obtidos até então são relacionados ao prognóstico do perfil das escolas escolhidas, que já foi realizado por meio de reuniões online e presenciais, onde observou-se diferenças e semelhanças entre si que ajudarão na montagem do material final. Dessa forma, cada uma das três escolas escolhidas pôde ser associada a uma cartilha e oficina, dentro dos temas: Bioma Pampa e Projeto RestaurAPA, com um enfoque cultural sobre a área da campanha gaúcha, Flora e Fauna, com a etnobotânica

[1] Capítulo do e-book de trabalhos apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2023 na Universidade La Salle, Canoas, RS.

[2] Duana Suelem Alves, mestranda em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle, Brasil, https://orcid.org/0000-0002-9040-8282 / duana.eli@gmail.com.
[3]Mauricio Pereira Almerão, professor da Universidade La Salle, Brasil, https://orcid.org/0000-0002-8851-8343 / mauricio.almerao@unilasalle.edu.br.

da região, e por fim, Uso Sustentável de Recursos Naturais, com enfoque mais específico em reciclagem.

Palavras-chave: educação ambiental; unidades de conservação; restauração ecológica.

1 Introdução

A criação de Unidades de Conservação representaram um passo fundamental para a possibilidade de conservação e manutenção de alguns ecossistemas, conseguindo manter estoques básicos de recursos naturais que provavelmente já teriam sido explorados, e conseguindo garantir que os processos ecológicos se mantenham ao longo prazo, o que é essencial para a restauração de áreas degradadas dentro dessas UCs. Segundo Hassler (2006), isso significou um grande avanço no que diz respeito à preservação e conservação dos recursos naturais, já que conseguiu desacelerar o processo de desmatamento das áreas naturais.

Infelizmente, somente a criação de Unidades de Conservação, por si só, não assegura a efetividade do projeto. Isso depende de um conjunto de esforços e fatores, começando pela correta aplicação da legislação, aspectos econômicos, aspectos políticos, como programas de desenvolvimento regional, fiscalização, capacidade institucional, e em principal os aspectos técnicos, como o planejamento, a localização e a presença de conectividade com outras áreas naturais. Dificilmente todos estes fatores são possíveis de se atender, culminando em problemas posteriormente durante a manutenção do local, ou seja, o grande desafio para a implementação e o sucesso de uma UC é assegurar a efetividade da sua gestão. (WWF-Brasil e ICMBio, 2012).

Áreas de Proteção Ambiental (APA), são uma categoria de unidade de conservação de uso sustentável, podendo ser pública ou privada, normalmente com um extenso território e com proprietários e comunidades tradicionais residindo dentro da área (WWF-Brasil). A Área de Proteção do Ibirapuitã foi criada oficialmente em 20 de maio de 1992, pelo decreto nº529, sendo a maior UC de esfera federal do Bioma Pampa, com uma área de 316.788 ha, que está distribuída pelos municípios de Alegrete (15%), Quaraí (12%), Rosário do Sul (16%) e Santana do Livramento (57%) (ICMBio, 2019).

O projeto RestaurAPA, iniciou no final do ano de 2020, implementado pela Universidade LaSalle em conjunto com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Emater-RS, sendo financiado pelo GEF Terrestre, o projeto de estratégias

de conservação, restauração e manejo para a biodiversidade da Caatinga, Pampa e Pantanal do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). Com o objetivo de restaurar cerca de 1.930 ha de campo nativo, e em específico, impedir a expansão do Capim Annoni (*Eragrostis plana*), uma gramínea exótica invasora de origem africana que foi introduzida no estado na década de 50. (RestaurAPA, 2021).

A não inserção da população nas causas ambientais também é um dos problemas que só são percebidos depois, durante a gestão das UCs, em principal das comunidades tradicionais que moram dentro dessas áreas de proteção. O que acaba por culminar em conflitos e falta de cooperação pela população local. Deste modo, a parte final do projeto se refere ao engajamento popular em relação a valorização e conservação da APA e do bioma Pampa como um todo, em principal da população que mora dentro da área e em seus arredores. O trabalho de educação ambiental na área será realizado em três escolas da região, sendo aplicado por meio de cartilhas sobre temáticas ambientais e culturais, mais especificamente sobre o Bioma Pampa e a região da campanha gaúcha.

2 Referencial Teórico

Educação ambiental pode ser entendida como o ensino voltado aos assuntos de informação, preservação, e práticas sociais que estejam relacionadas à biodiversidade e ao meio ambiente como um todo. A lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) define Educação ambiental como “[...] todos os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente”.

Por ser visto como algo complementar e muitas vezes até opcional na matriz educacional, os projetos de E.A. nas escolas normalmente acontecem esporadicamente e em períodos muito curtos, isso se deve em grande parte por ser aplicado por profissionais de fora das instituições. Desse modo, a formação e a capacitação de professores como educadores ambientais ainda é algo quase não exercido, e mesmo com um bom material disponibilizado, isso é de extrema importância para garantir a efetividade desse trabalho. Segundo o Artigo 11 da PNEA, a educação ambiental deveria constar dos currículos de formação de professores, devendo receber formação complementar nas suas respectivas áreas de atuação.

Para Halbwachs (2006), não poderia existir memória coletiva sem um quadro espacial, qualquer gênero de atividade coletiva sempre vai ter alguma relação com um lugar, e embora isso não os defina como grupo, vai sempre existir uma forte relação com suas definições como um todo. Povos como os indígenas, quilombolas e caiçaras possuem uma experiência e compreensão da área em que vivem oriunda de gerações, fazendo parte não só de suas atividades socioeconômicas mas de suas cultura e identidade, portanto deveriam participar de forma ativa nas tomadas de decisões.

Ao trabalhar o patrimônio, Candau (2010) define esse fenômeno como uma tradicionalização de narrativas pessoais, que são feitas para assegurar a essência desse objeto ou local, como um espelho da população, tendo como autor a própria sociedade. Para o autor, o patrimônio sempre é articulado à sobrevivência de uma tradição ou identidade local, buscando autentificar uma narrativa coletiva e uma representação de um passado compartilhado, sendo autêntico ou não, ainda sim continuariam a se unir ao compartilhar dessa mesma convicção.

Segundo Viertler (1988) “As mudanças culturais são concebidas como sendo resultado da adaptação das culturas humanas aos seus ambientes.”, sendo assim, sempre é necessário a análise e compreensão dos processos sociais ligados a essas mudanças, tanto os processos advindos do ambiente humano, história, quanto do ambiente físico, habitat. Definir o que foram influências e o que foram limitações na organização atual das comunidades é complexo, se precisa levar em consideração os recursos materiais e humanos, suas racionalizações e ideologias, e quais foram as condições exigidas para a sua sobrevivência enquanto cultura.

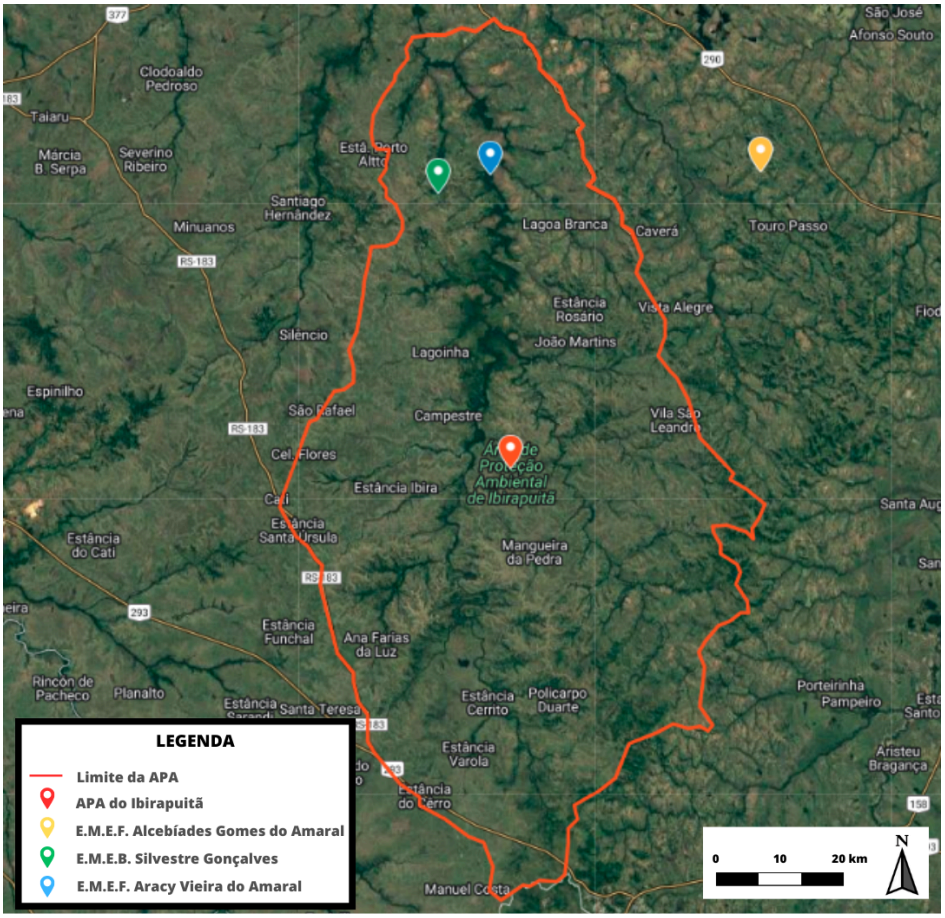
3 Abordagem Metodológica

Foi feito um levantamento online das escolas públicas dos quatro municípios que fazem parte da APA do Ibirapuitã, selecionando todas as escolas em zona rural de ensino fundamental. A segunda parte da seleção foi relacionada à distância de cada uma com a Área de Proteção, visando a maior proximidade com o local, e a melhor logística para as visitas dentro do período do projeto.

Ao final da pesquisa foram selecionadas três escolas públicas da região, levando em conta a distância em relação à área de proteção, sendo 2 delas dentro da APA e uma que se encontra próxima a área. Sendo elas respectivamente:

- E.M.E.B Silvestre Gonçalves localizada no Rincão do 28, em Alegrete (dentro da APA);
- E.M.E.F. Alcebíades Gomes do Amaral localizada em Passo do Ibirapuitã, em Rosário do Sul (dentro da APA);
- Escola Aracy Vieira do Amaral localizada no 6º Distrito - Touro Passo, em Rosário do Sul (fora da APA).

Figura 1 - Mapa com a delimitação da Área de Proteção do Ibirapuitã e as Escolas escolhidas para o projeto de educação ambiental.



Fonte: Google Earth, 2023. Elaborado pela autora, 2023.

O material de Educação Ambiental será composto por três cartilhas sobre temáticas ambientais e culturais, mais especificamente sobre o Bioma Pampa e a região da campanha gaúcha. Cada uma das cartilha irá abordar os seguinte temas:

- Cartilha 1: Bioma Pampa e Projeto RestaurAPA;
- Cartilha 2: Fauna e Flora;
- Cartilha 3: Uso Sustentável de Recursos Naturais e Reciclagem.

As cartilhas vão conter além de informações gerais dos temas, curiosidades, notícias recentes e propostas de atividades práticas de aprendizado e artesanato. Com uma linguagem de fácil entendimento, e de acordo com a necessidade de cada local, os professores poderão adaptar as temáticas para a série que irão trabalhar, assim também reaproveitando o material nos anos seguintes. Os trabalhos gerados poderão ser expostos em apresentações ou eventos da escola, de modo a integrar também os pais e familiares do assunto.

4 Resultados parciais

Durante o planejamento do projeto foi feita uma reunião durante o mês de maio, via meet, com o gestor da APA do Ibirapuitã, e com uma professora da Escola Aracy Vieira do Amaral, que também é presidente da Associação de Produtores Rurais do Rincão da Batista, e conselheira da Apa do Ibirapuitã. Nessa conversa foram levantados alguns pontos importantes sobre o histórico de ações de educação ambiental na região.

Segundo os relatos, já foram realizadas algumas tentativas em relação a projetos e atividades sobre reciclagem e sustentabilidade anteriormente, que não obtiveram bons resultados. Um aspecto que não tinha sido considerado no projeto inicial, mas foi muito citado durante a conversa, foi os problemas com o gerenciamento dos resíduos e o engajamento na reciclagem pelos moradores da APA e entorno, o que realmente é evidente ao visitar a área de proteção. Segundo dados do ICMBio ainda não existem programas municipais de coleta de resíduos na zona rural dos municípios que integram a APA.

D'Oliveira (2010) realizou um diagnóstico participativo dos desafios socioambientais de comunidades tradicionais de uma Unidade de Conservação no Rio Grande do Norte e seis dos nove grupos de pesquisa também apontaram o lixo como principal problema.

Além da reciclagem, foi sugerido algum tipo de incentivo para a comunidade, algo que poderia ser mostrado e trabalhado em casa com os pais pelas próprias crianças, como a importância das espécies nativas e a preferência pelo plantio de mudas nativas da região. As atividades relacionadas ao uso sustentável dos recursos naturais foi muito bem aceita por todos, e em principal, foi lembrada a temática de vertentes, rios, cacimbas e economia de água, assunto muito relevante em uma região com fortes e regulares períodos de seca.

No início do mês de setembro foi feita a segunda reunião do projeto, desta vez com a diretora, o professor de Técnicas Agrícolas e outros professores de disciplinas relacionadas, da Escola Silvestre Gonçalves, localizada no Rincão do 28, em Alegrete, onde foram apresentados os possíveis temas e discutido as necessidades da instituição. Assim, foi lembrado mais uma temática importante da região, a da etnobotânica, que será incluída na cartilha de Fauna e Flora, abordando as plantas medicinais e de importância cultural do Pampa.

Do mesmo modo, foi feito no mês de outubro, na Escola Alcebíades Gomes do Amaral localizada em Passo do Ibirapuitã, em Santana do Livramento. A visita foi realizada em conjunto com os profissionais do ICMBio do município, que também começariam um trabalho de educação ambiental na escola na mesma época. Dentre as demandas citadas, uma se encaixou perfeitamente com a temática da primeira cartilha, a da importância de cativar os alunos sobre as características do bioma e da cultura da região da campanha, pois segundo os professores, os alunos não eram ligados às atividades escolares, por conta da distância das residências e do modo de trabalho itinerante dos pais. Então foi acordado que a primeira cartilha seria trabalhada na escola, com as temáticas de Cultura do Pampa e o Projeto RestaurAPA.

5 Considerações finais

Segundo os resultados de 2010 do relatório de efetividade da gestão das Unidades de Conservação federais do Brasil feito pelo WWF Brasil e ICMBio, em cinco anos houve um incremento de aproximadamente 18% no índice de efetividade de gestão das UCs, ao mesmo tempo que foi observado diferenças negativas quanto à importância biológica e socioeconômica, devido a fatores como o desmatamento e degradação tanto no entorno das áreas quanto no interior, em alguns casos. Nesse contexto é comum apenas atribuir o problema a falta de fiscalização dos responsáveis, porém dificilmente é pensado em propostas que ajudem a prevenir essas práticas, como informar a população local sobre as consequências dessas ações, assim como instruí-la a denunciar atividades ilegais.

A Educação Ambiental para as comunidades locais nesse caso é uma das principais ferramentas para a disseminação da informação e na resolução de conflitos, sendo uma importante aliada das Unidades de Conservação, ajudando assim, que consigam cumprir com os objetivos de sua criação. As atividades de E.A. podem trazer mudanças significativas no comportamento das pessoas em relação ao meio ambiente, e

o contato com as comunidades proporciona também uma troca de conhecimentos que é fundamental para a conservação e o desenvolvimento socioambiental.

O objetivo da criação das cartilhas é proporcionar aos professores uma forma simplificada e fácil de trabalhar os conceitos da área ambiental, assim como diversificar e variar um pouco a forma de ensino tradicional, com propostas de atividades práticas e artísticas ao final de cada temática. Trazendo para as crianças, de modo interessante, a importância da preservação do ambiente em que se inserem, e os vários usos dos recursos naturais de forma sustentável.

Referências

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, n. 1, v. 1, mar. 2010.

D´OLIVEIRA, Rosângela Gondim et al. DIAGNÓSTICO RÁPIDO PARTICIPATIVO - UMA FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **62ª Reunião Anual da SBPC**, São Paulo, 2010. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/4559.htm. Acesso em 1. jun. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
HASSLER, M. L. A importância das unidades de conservação no Brasil. **Sociedade & Natureza**, [S. l.], v. 17, n. 33, 2006. DOI: 10.14393/SN-v17-2005-9204. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/9204. Acesso em: 2. jul. 2023.

ICMBIO. Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã. [S.l.]. **ICMBio**, 2019. Disponível em: https://sites.google.com/site/apadoibirapuita/apa-do-ibirapuita. Acesso em 30. abr. 2023.

ICMBIO. ICMBio - Educação Ambiental. [S.l.]. **Gov.br**, 2023. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/. Acesso em 7. jun. 2023.

MMA; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. ProNEA - PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL . 3. ed. Brasília: MMA, 2005.

RESTAURAPA. 2021. Disponível em: https://www.restaurapa.org/. Acesso em 10. abr. 2023.

VIERTLER, Renate. **Ecologia Cultural:** Uma antropologia da mudança. Editora Ática, série princípios, 1988, São Paulo.

2
Ação Humanitária do CEBRAS para o combate à COVID-19[4]

Kenia Maria dos Santos Amaral[5]

Resumo:
A pesquisa tem por objeto avaliar o trabalho voluntário exercido por uma Organização da Sociedade Civil conhecida como Centro Batista de Referência em Ação Social - CEBRAS que, por meio de uma chamada pública lançada pela FIOCRUZ visando apoiar ações emergenciais junto a populações vulneráveis durante a pandemia da COVID-19, foi beneficiada para atuar com medidas preventivas e educativas junto a famílias de migrantes residentes do Município de Canoas/RS. Dentre os objetivos previstos na proposta apresentada pela OSC, visava-se, através da produção de material impresso em língua nativa dos assistidos, conscientizá-los acerca da prevenção, orientando-os sobre as ações necessárias para evitar o contágio. Além disso, o projeto previa a entrega de insumos de higiene, limpeza, bem como alimentos para o combate à fome e desnutrição de famílias em maior vulnerabilidade social. Por fim, objetivando auxiliar migrantes desempregados, contratou-se, por meio de contrato RPA, duas pessoas para produção de máscaras, as quais seriam posteriormente distribuídas à comunidade migrante, além de dois migrantes para tradução dos materiais. Diante do exposto, mediante um estudo de campo com observação participante e aproximação etnográfica, pretende-se difundir as ações desenvolvidas durante os três meses de parceria estabelecidos entre ambas as instituições, as quais alcançaram aproximadamente 700 migrantes, sendo que destes 143 foram contemplados com cestas básicas entres os meses de junho, julho e agosto de 2020. Com relação ao referencial teórico, além da legislação no que tange o Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil, dentre outras, utilizou-se também da competência de Tachizawa 2019 acerca do funcionamento e demais possibilidades no âmbito da gestão social exercida por entidades do terceiro setor.

Palavras-Chave: Covid-19; migrantes; organização da sociedade civil.

---

[4] Capítulo do e-book de trabalhos apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2023 na Universidade La Salle, Canoas, RS.

[5] Graduanda em Direito. Unilasalle. Secretária Executiva. kenia.amaral@unilasalle.edu.br

1 Introdução

O Centro Batista de Referência em Ação Social – CEBRAS surgiu com a chegada de cinco migrantes na cidade de Canoas em abril de 2014. Estes não falavam português, mas precisavam fazer CTPS[6] para se inserirem no mercado de trabalho. Foi então que iniciaram, por meio de um projeto de assistência social da Igreja Batista, as aulas semanais de português e o acompanhamento para elaboração de documentos. Além disso, à medida que chegavam mais migrantes, os mesmos eram orientados para a busca de moradia e recebimento de doações de roupas de inverno, cobertores, utensílios domésticos e alimentos. Em 2016 cerca de 190 haitianos estavam sendo acompanhados, frequentando as aulas de língua portuguesa, bem como sendo orientados em suas necessidades mais urgentes, inclusive na área da saúde e educação. Foi então que, em 06 de dezembro de 2016, foi fundada a Associação de Pessoas da Sociedade Civil com a finalidade de acolher, orientar e acompanhar os migrantes na sua inclusão social, na defesa dos seus direitos humanos, atuando para a transformação de vidas, visando a diminuição das desigualdades sociais, a valorização dos indivíduos como cidadãos e o respeito a todos os povos, independente de origem, raça ou religião. A Associação mantinha-se exclusivamente com o trabalho voluntário, doações da comunidade e renda arrecadada com realização de brechós sociais. Os projetos desenvolvidos pelo CEBRAS colocavam-se em uma necessidade global, qual seja, o acolhimento e atenção básica aos migrantes. Os seguintes projetos sociais eram desenvolvidos pela instituição: **Acolher** (cadastro, elaboração de currículos, etc.), **Comunicar** (ensino da língua portuguesa), **Integrar** (palestras e confraternizações), **Capacitar** (cursos profissionalizantes e oficinas) e **Prover** (doações de roupas, calçados, cobertores, utensílios domésticos, móveis, alimentos, etc). Em 2020, o cadastro de migrantes do CEBRAS totalizava 1.194 pessoas, sendo que 130 eram crianças de 0 a 12 anos.

Diante do contexto ora apresentado, bem como tendo em vista que nos últimos anos o Brasil têm recebido um grande número de migrantes e refugiados que se deslocam pelos estados brasileiros procurando uma cidade onde possam fixar moradia e principalmente trabalhar, justificava-se a ação proposta pela entidade à Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, uma vez que o público assistido vive em situação de vulnerabilidade, portanto estava alinhado à chamada pública para Apoio a Ações

[6] Carteira de Trabalho e Previdência Social

Emergenciais junto a populações vulneráveis[7], cujo propósito era contribuir com a mitigação dos efeitos da pandemia junto a populações em situação de vulnerabilidade socioambiental, visando reforçar o trabalho realizado por coletivos populares informais e organizações não governamentais (ONG's).

Desta forma, o presente artigo busca **investigar** as atividades desenvolvidas durante a vigência da ação humanitária proposta pelo CEBRAS; **apresentar** os resultados obtidos referente às ações pretendidas *versus* executadas e **refletir** sobre os impactos decorrentes dos serviços que são prestados por entidades do Terceiro Setor e a sua contribuição para a responsabilidade social.

2 Referencial Teórico

Este referencial teórico tem por objetivo conceituar o Terceiro Setor, tendo em vista que a investigação diz respeito às atividades desenvolvidas por uma organização da sociedade civil. Ademais, abordará brevemente a pandemia da covid-19, bem como apresentará o plano de ação que foi contemplado através de um chamamento público para desenvolver ações emergenciais visando o combate à covid-19.

2.1 O Terceiro Setor

Sendo o CEBRAS uma Organização da Sociedade Civil, logo entra no rol de entidades que compõem o Terceiro Setor, o qual se caracteriza como atividades privadas sem fins lucrativos que visam o atendimento de necessidades coletivas e/ou públicas da sociedade (Tachizawa, 2019).

Bocchi (2022) resume que no limiar entre o primeiro (Estado) e o segundo setor (Pessoas físicas e/ou jurídicas que almejam atividades lucrativas), há aquele que se compõe de pessoas que almejam promover atividades sociais ou solidárias, sem desejar lucro, portanto, sem fins econômicos.

Amparadas legalmente, as associações e/ou organizações do chamado terceiro setor são regulamentadas pelo Código Civil, o qual estabelece que se tratam de pessoas jurídicas (art. 44) que se organizam para fins não econômicos (art. 53). Ademais, a Lei 9.790 de 23 de março de 1999 dispõe sobre as organizações da sociedade civil que exercem atividades de interesse público, lei esta que sofreu pequenas alterações a partir

[7] https://portal.fiocruz.br/chamadas-publicas-e-editais

da vigência do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil - MROSC (Lei 13.019) que estabelece o regime jurídico das parcerias estabelecidas entre a administração pública e as organizações da sociedade civil.

2.2 Pandemia da Covid-19

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que a Covid-19 causou a morte de aproximadamente 15 milhões de pessoas. Tais dados são apresentados como “excesso”, ou seja, representam mais mortes do que o número oficial de óbitos registrados pelos países. No Brasil, os números apontam que a taxa de mortalidade em excesso ocasionada pelo coronavírus ficou acima da média global entre os anos de 2020 e 2021, totalizando 160 por 100 mil habitantes.

Diante deste cenário e da facilidade de contágio muitos locais optaram pelo *lockdown*[8], medida preventiva e obrigatória que consistia em permanecer em casa para evitar a proliferação do vírus que assolava o mundo em 2020. Desta forma, muitos estabelecimentos tiveram que encerrar ou diminuir suas atividades e o mesmo ocorreu com o CEBRAS, pois a instituição teve de suspender os atendimentos de seus principais projetos, como o de ensino da língua portuguesa, permanecendo em operação apenas o Projeto Prover, justamente porque consistia em doações de roupas e alimentos.

De acordo com o Governo Federal, através de um painel[9] informativo do Ministério da Saúde, em 2020 a taxa de mortalidade a cada 100mil habitantes era de 92,77, sendo que quase 195 mil óbitos foram registrados naquele ano. O CEBRAS, preocupado com a população migrante, via-se incapacitado de realizar ações sem recursos financeiros. Portanto, através do encaminhamento de um plano de ação à Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ com o objetivo de receber recursos para o desenvolvimento de atividades de cunho assistencial e emergencial visando mitigar a disseminação do vírus, foi contemplado com um recurso estimado em R$ 24.990,00 para promover as ações que serão elencadas no próximo subcapítulo.

[8] Confinamento
[9] https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html

2.3 Plano de Ação

A proposta encaminhada pelo CEBRAS consistia em atuar com medidas preventivas e educativas no combate à COVID-19 junto a famílias de migrantes em vulnerabilidade social no município de Canoas/RS, promovendo também a segurança alimentar. Em relação aos objetivos específicos, a instituição propôs:

1. Conscientizar sobre a necessidade de prevenção.
2. Produzir material impresso em língua nativa com orientações sobre as ações necessárias para evitar o contágio.
3. Entregar insumos de higiene e limpeza, orientando as famílias no uso correto para higienização.
4. Distribuir alimentos para o combate à fome e desnutrição.
5. Produzir máscaras para distribuição/doação.

Tais objetivos traduzem o compromisso da instituição com a responsabilidade social que, segundo Tachizawa (2019), faz parte do chamado Terceiro Setor. Sobre isso, Dias (2012) considera que a responsabilidade social das organizações sem fins lucrativos está relacionada com a capacidade de se concentrar na sua forma de atuação, isto é, estar de acordo com os valores que buscam promover. Portanto, o CEBRAS, através da execução dos objetivos do plano de ação anteriormente resumido, confirma a sua atuação em respeito à responsabilidade social, tendo em vista que cumpriu com os valores que busca promover enquanto entidade de cunho social sem fins lucrativos.

3 Abordagem Metodológica

Este trabalho adota a metodologia de estudo de campo que, por meio de uma observação participante com aproximação etnográfica, tem como principal objetivo difundir o trabalho voluntário exercido pelo Centro Batista de Referência em Ação Social.

De acordo com Gil (2002, p.53), no estudo de campo, “estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes.” O autor ainda complementa que “o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observações do que de interrogação.”. Neste sentido, a pesquisadora procurou explorar, por meio de observação participante e entrevistas, as situações da vida real, especialmente de trinta famílias de migrantes residentes da cidade de Canoas/RS, acrescendo à pesquisa, portanto, um caráter etnográfico, a fim de avaliar os impactos da

pandemia na vida dessas pessoas. Ainda segundo Gil (2022, p. 130), a observação participante se “caracteriza pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno estudado, com a finalidade de obter informações acerca da realidade vivenciada pelas pessoas em seus próprios contextos.”.

A respeito das entrevistas, o mesmo autor destaca que

> O pesquisador as utiliza para descobrir as categorias de significados no âmbito de uma cultura. São úteis para verificar o que as pessoas sabem, pensam, creem, aspiram e temem, bem como para comparar essas percepções com as das outras pessoas. Essas comparações é que possibilitam identificar valores compartilhados na comunidade, na organização ou no grupo pesquisado. (Gil 2022, p. 131).

Tendo em vista que a pesquisadora participou pessoal e ativamente da ação, bem como contou com o apoio de diversos voluntários da instituição e também de compadecidos com a causa dos migrantes, salienta-se que a presente investigação envolveu, principalmente, mas não somente, a participação de migrantes haitianos e venezuelanos, bem como limitou o número de pessoas a serem contempladas com algumas ações, em especial a entrega de alimentos, pois o plano de ação tinha duração de apenas três meses, bem como o valor total do orçamento recebido, sendo R$ 24.990,00, não seria suficiente para atender um número elevado de pessoas. Desta forma, a instituições precisou impor alguns limites, os quais serão apresentados na sequência.

4 Resultados

O trabalho de campo em questão levou em consideração três principais pontos para o seu desenvolvimento:

a) **Localidade**: Canoas

b) **Período**: 3 meses (junho, julho e agosto de 2020)

c) **Público-alvo**: migrantes

Alinhado aos objetivos específicos, buscava-se, portanto, obter os seguintes resultados com a execução do Plano de Ação Humanitária:

1. Conscientização por meio de entrega de materiais informativos na língua nativa dos migrantes;
2. Acesso à alimentação necessária.
3. Produção de um número expressivo de máscaras para distribuição/doação.

Ressalta-se que, diante do recurso limitado e a necessidade de distribuição de alimentos, apenas trinta famílias de migrantes foram selecionadas para serem contempladas com o recebimento de cestas básicas por um período de três meses. A seleção levou em consideração dois principais pontos: desemprego e a presença de crianças no núcleo familiar.

Ademais, destaca-se que medidas foram observadas para a execução das atividades do plano de ação, tais como disponibilização de máscaras e álcool em gel àqueles que precisavam utilizar a sede da instituição (voluntários e migrantes), bem como durante a distribuição dos insumos (cestas básicas e cestas de produtos de higiene) ao público alvo da ação.

4.1 Indicadores

Os meios de verificação utilizados para a pesquisa de campo consideraram os seguintes critérios:

a) Quantidade aproximada de pessoas atendidas;

Aproximadamente 700 pessoas foram contempladas com todas as ações provenientes do Plano de Ação Humanitária do CEBRAS para o combate ao COVID-19.

b) Quantidade de material impresso confeccionado e distribuído;

Foram produzidos 1.000 livretos informativos na língua nativa dos migrantes (crioulo e espanhol); 1.000 folders com informações a respeito da instituição e 7 cartazes A3 com medidas de prevenção. Para a ação dos materiais em língua estrangeira, foram contratados dois migrantes, um haitiano e uma venezuelana, para tradução dos materiais informativos. Cada um recebeu R$ 120,00 pela tradução realizada.

c) Quantidade de cestas distribuídas;

O CEBRAS adquiriu 30 cestas básicas e 30 kits de higiene e limpeza, os quais foram doados a 30 famílias que foram selecionadas levando em consideração o grupo familiar, tomando como ponto de partida àquelas que possuíam crianças, pais desempregados e/ou pertencentes ao grupo de risco do coronavírus. As cestas e kits foram personalizados observando a necessidade de determinados produtos, tais como álcool em gel e líquido, para auxiliar durante a limpeza e desinfecção do lar. Além disso, pensando em contribuir com a alimentação das crianças, seis litros de leite estavam presentes nas cestas básicas.

d) Quantidade de máscaras produzidas;

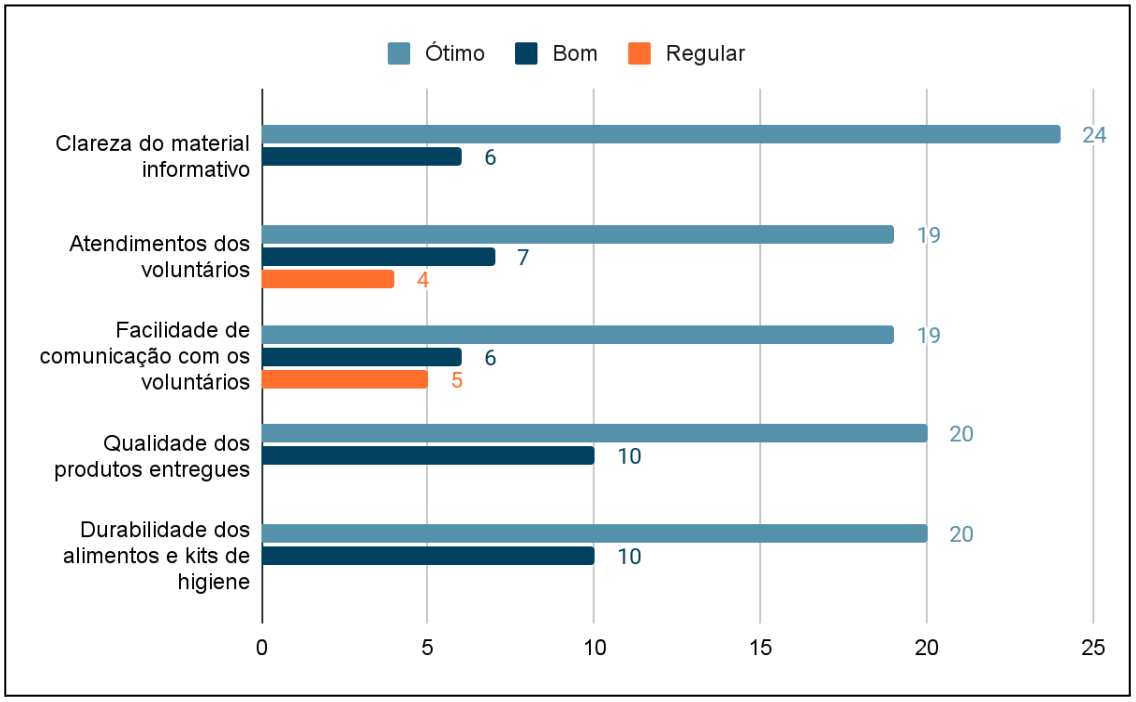
Durante dois meses foram produzidas máscaras para doação aos assistidos. No primeiro mês foram confeccionadas 368 máscaras, enquanto no segundo mês o total chegou a 379. Todas foram distribuídas aos migrantes, totalizando então 747 máscaras confeccionadas e distribuídas. Dois migrantes, sendo um haitiano e uma colombiana que se encontravam desempregados, foram contratados via RPA (recibo de pagamento autônomo) para a produção das máscaras. Ambos receberam R$ 500,00 por 10h semanais, considerando o período de dois meses.

Através de uma observação participante, já que a autora participou ativamente da ação desenvolvida com a comunidade em que foi realizada a pesquisa, foi possível atribuir o caráter etnográfico à ação humanitária desenvolvida pelo Centro Batista de Referência em Ação Social, principalmente durante a entrega das cestas básicas, momento este em que se observou o comportamento dos migrantes atendidos, sendo estes de diferentes nacionalidades, religião e costumes. Pôde-se perceber que cada ação contribuiu significativamente para a redução da angústia e medo dos assistidos, uma vez que se sentiam gratos e aliviados em estar sendo beneficiados com alimentos em um momento tão desafiador em virtude da covid-19.

A seguir, serão apresentados alguns dados e depoimentos que traduzem este caráter.

4.2 Gráficos e Depoimentos

Gráfico 1 - Pesquisa de Satisfação



Fonte: autora (2023).

Os dados do gráfico refletem as respostas obtidas através de alguns questionamentos que foram feitos a pelo menos um integrante dos grupos familiares que foram contemplados com o recebimento de cestas básicas e kits de higiene e limpeza. Com o propósito de obter indicadores para a entrega do relatório final à Fundação Oswaldo Cruz, os principais questionamentos acima visavam obter dos entrevistados suas percepções acerca das atividades que foram realizadas durante a vigência do plano de ação, bem como sobre os produtos que foram entregues. Observa-se, portanto, que a maioria considerou ótimo os materiais impressos recebidos e a qualidade e durabilidade dos produtos que foram distribuídos. A avaliação ‘regular’ apareceu apenas nos quesitos referentes à facilidade de comunicação e o atendimento dos voluntários do CEBRAS. Sobre isso registra-se que justamente devido a pandemia o número de voluntários também diminuiu, bem como os mesmos não possuem o domínio da língua nativa dos entrevistados, embora tenha se tentado utilizar o espanhol para facilitar a comunicação inclusive com haitianos.

Durante a execução do plano de ação, além da aplicação da pesquisa de satisfação por meio de questionamentos fechados, optou-se por colher depoimentos em vídeo de alguns assistidos, cujas transcrições são apresentadas a seguir:

Judes Laborde, haitiano, 34 anos – foi contratado via RPA para confecção de máscaras:

> eu acho que o projeto está me ajudando muito, porque eu estava desempregado e agora eu posso pagar meu aluguel e posso comprar outras coisas também para comer. Estou muito feliz pelo projeto e agradeço a todos por essa oportunidade.

Vivian Martinez, colombiana, 39 anos, mãe de três filhos, sendo dois vivendo no Brasil e uma ainda na Colômbia - também foi contratado via RPA para confecção de máscaras: “

> nós somos beneficiados, pois deram para mim uma oportunidade de estar empregada e uma ajuda para mudar a qualidade de vida. Também porque acharam que eu conseguiria ajudar vocês para costurar as máscaras para combater a covid-19.

Kiss Mendonza, venezuelana, 27 anos, mãe de um bebê:

> vivo com meu esposo e meu filho. Agora pouco estávamos comemorando, pois tem sido de bastante ajuda receber os alimentos, já que não estou trabalhando e meu esposo não tem carteira assinada [...] me sinto bastante apoiada já que não sou deste país.

Notou-se, através dos depoimentos, bem como durante a entrega de insumos (alimentos, máscaras e material informativo), que os beneficiados se sentiam agraciados por terem sido acolhidos de forma tão cuidadosa e humanizada, características essas que faziam parte dos valores do CEBRAS e que foram cumpridas de forma exemplar. Portanto, a fim de ilustrar a gratidão e alegria que sentiram quando receberam insumos para garantir uma adequada alimentação e proteção, seguem ao menos dois registros fotográficos que comprovam o caráter humanizado que foi adotado pela instituição.

Imagem 1 - Entrega de Máscaras

Imagem 2 - Entrega de alimentos

Fonte: autora (2023).

5 Considerações Finais

Os objetivos com esta pesquisa visavam a investigação, apresentação e reflexão sobre o Plano de Ação Humanitária do CEBRAS para o combate à covid-19. Percebeu-se que, dentre outros benefícios, o voluntariado exercido pelo CEBRAS tinha a intenção de difundir a diversidade cultural, gerar inclusão social, garantir a eficácia dos direitos humanos e proporcionar a inserção dos migrantes de forma digna na comunidade. A partir da aprovação do projeto e o recebimento do valor de R$ 24.990,00, a instituição pôde colocar em prática algumas ações emergenciais para o combate à Covid-19 e, ao mesmo tempo, manter o seu propósito de prestar assistência a migrantes em meio a um momento tão desafiador. Foram três meses de dedicação aos objetivos propostos na ação, sendo os meses de junho, julho e agosto de 2020. Durante o referido período, o recurso recebido foi utilizado em prol das famílias de migrantes que se encontravam em maior vulnerabilidade social, sendo estes em sua grande maioria haitianos e venezuelanos desempregados, os quais foram duramente impactados pela pandemia. As atividades desenvolvidas estavam presentes em três áreas temáticas: segurança alimentar, comunicação e medidas de afastamento e higiene.

Diante do exposto, conclui-se que as ações desenvolvidas pela instituição foram todas executadas e devidamente documentadas, registros esses que comprovam que a instituição desempenhou muito bem sua gestão social frente ao Plano de Ação Humanitária do CEBRAS para o combate à covid-19, ressaltando, então, seu papel como entidade que promove a responsabilidade social.

Referências

BOCCHI, Olsen Henrique. **O terceiro setor: uma visão estratégica para projetos de interesse público**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2022. *E-book*. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br. Acesso em: 12 dez. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 09 nov 2023

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2002: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 dez 2023

BRASIL. **Lei nº 13.019, de 31 de julho de 2014**. MROSC, Brasília, DF, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13019.htm. Acesso em: 09 nov 2023

BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Migração, Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 09 nov 2023

BRASIL. **Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999**. OSCIP, Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9790.htm. Acesso em: 10 dez 2023

CORNISH, Jack; GRIMLEY, Naomi e STYLIANOU, Nassos. Número real de mortes por covid no mundo pode ter chegado a 15 milhões, diz OMS. **BBC News**, 5 mai 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581. Acesso em: 12 dez. 2023.

DIAS, Reinaldo. **Responsabilidade social:** fundamentos e gestão. São Paulo: Grupo GEN, 2012. *E-book.* Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522484461/. Acesso em: 12 dez. 2023.

FIOCRUZ. Chamadas Públicas e Editais. **Portal Fiocruz**, 2020. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/chamadas-publicas-e-editais. Acesso em: 10 nov. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

TACHIZAWA, Takeshy. **Organizações Não Governamentais e Terceiro Setor - Criação de ONGs e Estratégias de Atuação**. São Paulo: Grupo GEN, 2019. *E-book.* Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597022186/. Acesso em: 10 nov. 2023.

3

Histórias e Culturas indígenas brasileiras[10]

Marilene Lenz Correa[11]
Rute Henrique da Silva Ferreira[12]
Moisés Waismann [13]
Maria de Lourdes Borges[14]
Leonel Pires Ohlweiler[15]

Resumo:

Este é um estudo no campo da memória social sobre as histórias e culturas indígenas, que surgiu após a constatação de que apesar de estarmos no século XXI, rodeados de tecnologia, temos toda uma população “esquecida” perante a sociedade. O projeto parte do problema “como criar novas memórias em professores do Ensino Fundamental I na perspectiva de valorização das identidades das histórias e culturas indígenas brasileiras?”, tendo como objetivo geral trabalhar as culturas e as histórias indígenas brasileiras de maneira interdisciplinar e lúdica (com crianças do 5º ano do ensino fundamental), mostrando assim possibilidades práticas para desenvolver o tema. Mas para que se possa avançar é extremamente necessário entender como começou ou o porquê deste descaso com toda população indígena do nosso país e porque da continuidade, faremos reflexões/discussões com base nas teorias de Bourdieu, Baniwa, Grupioni, Halbwachs,... E será em cima destas discussões que serão realizados os planejamentos das propostas de aulas interdisciplinares que abordam a temática da pesquisa e irão fazer parte de um material didático desenvolvido como produto final.

---

[10] Capítulo do e-book de trabalhos apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2023 na Universidade La Salle, Canoas, RS.

[11] Licenciatura em Biologia - Ulbra, Especialização em Educação Ambiental - Unilasalle, Especialização em Psicopedagogia institucional - USL, Mestranda PPG de Memória Social e Bens Culturais - Unilasalle. Professora EMEB Clodovino Soares - Esteio. Email marilene.200711425@unilasalle.edu.br

[12] Licenciatura em Matemática pela UFRGS, mestrado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e doutorado em Sensoriamento Remoto pela UFRGS.Professora PPGMSBC - Unilasalle. E-mail rute.ferreira@unilasalle.edu.br

[13] Doutor em Educação da Unisinos, Mestre em Agronegócios da UFRGS. Graduado em Ciências Econômicas pela UFRGS. Professor do PPGMSBC - Unilasalle. Email moises.waismann@unilasalle.edu.br

[14] Doutora em Administração Unisinos, Pós-doutora em Responsabilidade Social Universitária na Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Mestra em Administração Especialista em Gestão de Pessoas e graduada em Psicologia - Unisinos.Professora PPGMSBC - Unilasalle Email maria.borges@unilasalle.edu.br

[15] Pós-Doutor pela UFSC. Doutorado em Direito pela Unisinos. Mestre em Direito Unisinos. Professor do PPGMSBC - Unilasalle E-mail: leonel.ohlweiler@unilasalle.edu.br

Espera-se que o trabalho possa auxiliar o maior número de professores possíveis a criarem novas memórias sobre os povos originários brasileiros e consequentemente ensinar aos alunos todo um conhecimento que até então estava escondido.

Palavras chaves: indígena; povos originários; Bourdieu

1 Introdução

O Brasil é um país considerado continental, maior que o continente Europeu e segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), o Censo 2022 revelou que o Brasil tem 1,7 milhão de indígenas divididos em 305 etnias e 274 línguas indígenas. Povos esses com inúmeras histórias, culturas e línguas que a maioria da população brasileira não conhece. Conhecimentos importantíssimos que estão se perdendo. E por que isso acontece? Por que deste descaso com os povos originários? Teria alguma coisa haver com as relações de poder? Para tentar responder esta pergunta nos basearemos nas teorias de Pierre Bourdieu.

Apresentaremos como as memórias, com relação aos povos originários, foram formadas a partir do uso do poder simbólico e da violência simbólica, mostrando como o poder simbólico age em benefício dos dominantes, neste caso os colonizadores, e se perpetua até os dias atuais.

2 Referencial teórico

Usaremos as teorias de Bourdieu, como referencial teórico para que possamos compreender a origem da invisibilidade dos povos originários, podendo com base nestes conhecimentos criar formas de reverter esta situação tornando os indígenas reconhecidos e respeitados perante a sociedade brasileira e consequentemente mundial. Faremos uma revisão bibliográfica e discussões para que possamos atingir os objetivos propostos.

Os povos indígenas brasileiros vêm sofrendo desde o tempo do descobrimento do Brasil, um processo de desvalorização, de desumanização, de invisibilidade...o que Bourdieu chamaria de poder e violência simbólica, que iniciou a partir da chegada dos portugueses e que se mantém até os dias atuais.

Mas infelizmente as histórias e culturas dos povos indígenas brasileira foi reconstruída, manipulada, enquadrada,... Num desejo de aniquilar, inferiorizar, desprezar, todo um povo, numa tentativa de fazer com que eles nunca existiram.

> Eles foram forçados a abdicar de suas culturas, tradições, de seus valores e saberes porque eram considerados inferiores, satânicos e bárbaros (ou seja, eram considerados como sinônimo de atraso, o que os impedia de entrar no mundo civilizado, moderno e desenvolvido) e para poderem se tornar gente civilizada, moderna e desenvolvida. Eles foram obrigados a acreditar que a única saída possível para o futuro de seus filhos era esquecer suas tradições e mergulhar no mundo não-indígena sem olhar para trás.(Baniwa, 2006, p. 40)

Para compreender como essa situação se constituiu e como se mantém, se faz necessário conhecer um pouco dos conceitos de Bourdieu, de Halbwachs e Pollak, Ricoeur.

Bourdieu no seu livro, O poder simbólico, nos faz enxergar que o poder está em toda parte, e que precisamos estar cientes de sua existência. Precisamos estar atentos aos mínimos detalhes, pois ele acaba muitas vezes passando despercebido pela maioria das pessoas, e ele o chama de “poder invisível”. Só que realmente ele não o é, e está ali impondo pensamentos, ações,...

Para que possamos entender isso ele nos apresenta duas sínteses sendo a primeira sobre os sistemas simbólicos:

> Os Sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados.O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social). (Bourdieu, 1989, p. 9)

Os símbolos são formas de integração social, eles sempre existiram mesmo que não nos demos conta deles e é através deles que chegamos ao consenso acerca do mundo social que querendo ou não, são eles que colocam ordem na sociedade.

Mas infelizmente as produções simbólicas também são usadas como forma de dominação e a classe dominante acaba escolhendo a sua cultura e disseminando como a cultura dominante e “certa”, sobre as demais culturas. O que contribui para que os dominantes permaneçam no poder. Pois desmobilizam as classes dominadas. Esse foi o processo feito pelos colonizadores com os povos originários. Eles não conheciam e nem queriam conhecer, o que os indígenas sabiam, desde o início os menosprezaram como

tolos, sem cultura, sem conhecimento, sem história,... E impuseram a cultura, a religião, a língua,... europeia como sendo a única certa.

Essa posição dos colonizadores portugueses está muito bem explicada na segunda síntese de Bourdieu:

> A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as fracções dominantes, cujo poder assenta no capital econômico; têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes *por acréscimo*, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação; a fracção dominada (letrados ou intelectuais e artistas, segundo a época) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização. (Bourdieu 1989, p. 12)

Temos que estar atentos para não nos deixar cair nestas armadilhas tão bem planejadas.

Não podemos ser ingênuos que isso só acontece nas classes dominantes. Todos os grupos têm dentro de si seus sistemas simbólicos, o que temos que estar atentos é o que se quer mostrar, ensinar,... Para não entrarmos na pedagogia do Oprimido, que o educador Paulo Freire tanto falava. Porque todo sistema simbólico trás consigo suas ideologias, que não podemos nos deixar enganar que elas são auto suficientes, temos que nos policiar para não nos tornarmos aquilo que tentamos combater.

Bourdieu nos alerta para estarmos atentos a:

> o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma, illocutionary force, mas que se define numa relação determinada - e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (Bourdieu 1989, p. 14)

Temos que estar atentos aos mitos que criamos, pois quando ficamos ‘”cegos” acabamos não vendo o essencial. E a forma de isso não acontecer é pela educação e cultura de um povo. Onde todos têm o direito de falar e de serem ouvidos.

É através da violência simbólica que a legitimação do discurso dominante acontece, e alguns podem pensar que é antiga, que não acontece mais, mas a violência simbólica nos cerca por todos os lados do nosso dia-a-dia. Nas escolas, no comércio, na indústria, na mídia, etc. Onde as ideias, crenças e valores da classe dominante são impostas aos dominados. Segundo Bourdieu, é através da violência simbólica que o poder simbólico se

efetua. Um exemplo muito claro disto acontece nos livros didáticos como um todo, mas mais específico quando se trata dos povos indígenas brasileiros. Os livros são distribuídos gratuitamente aos estudantes brasileiros e são usados para formar conceitos, visão de inúmeros povos como se fossem um só, não respeitando as individualidades de cada povo. Estes livros determinam como eles são, vivem, gostam, tudo através dos olhos dos colonizadores; estes povos não são escutados, não tem voz (é preciso ouvir a voz dos dominados, as vozes das memórias subterrâneas como apresenta Pollak (1992), e estes conhecimentos vão se perpetuando em forma de memórias.

Não temos como falarmos de memória sem falarmos do sociólogo francês Maurice Halbwachs que foi um grande estudioso e criador do campo da memória social. Para Halbwachs, “memória é um fenômeno coletivo e social construído coletivamente que passa por mudanças constantes. Assim, para compreendermos nossas memórias precisamos entender que existem memórias individuais e memórias coletivas (HALBWACHS, 2006). A memória individual muitas vezes apoia-se na memória coletiva e em alguns casos se confunde com ela. De certa forma a memória individual “não existe,” pois nunca estamos sós, mesmos quando estamos sós, porque as memórias que nos constituem estão sempre conosco, o que nos faz estarmos acompanhados mesmos estando sozinhos. Já a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas.

Tudo que nos foi ensinado sobre os povos originários, nos foi transmitido e difundido pela memória dos colonizadores, ou seja, memórias emprestadas. Memórias emprestadas, “são memórias que não são nossas, mas de outra pessoa que com base nos seus interesses a divulgam como lhes convém e são passadas de geração a geração” (Halbwachs, 2006 pág. 54). Foram através dessas memórias que conhecemos e aprendemos sobre os povos originários do nosso país. Paul Ricoeur, também trata desta questão.

Paul Ricoeur também tem algumas divergências com relação ao conceito de memória coletiva e individual de Halbwachs, mas seu conceito de memória manipulada se aproxima do conceito de memória emprestada de Halbwachs. Memória esta que também foi utilizada para distorcer os fatos ocorridos com os povos originários. Paul Ricoeur nos explica como a memória pode ser manipulada através das ideologias dominantes:

> [...] é no nível que a ideologia opera como discurso justificador do poder, da dominação, que se veem mobilizados os recursos de manipulação que a narrativa oferece. A dominação, como vimos, não se limita à coerção física. Até o tirano precisa de uma retórica, de um sofista, para transformar em discurso sua empreitada de sedução e intimidação. Assim, a narrativa imposta se torna o instrumento privilegiado dessa dupla operação. A própria mais valia que a ideologia agrega à crença oferecida pelos governados para correspondem à reivindicação de legitimação levantada pelos governantes apresenta uma textura narrativa: narrativa de fundação, narrativa de glória, e de humilhação alimentam o discurso da lisonja e medo. Torna-se assim possível vincular os abusos expressos da memória aos efeitos de distorção que dependem do nível fenomenal da ideologia. Neste nível aparente a memória imposta está armada por uma história ela mesma "autorizada", a história oficial, a história aprendida é celebrada publicamente. (Ricoeur, 2007, p. 98)

Pollak também trata desta questão que reconta a história e ele denomina de memória enquadrada ou enquadramento de memória. Primeiramente Pollak compreende que a memória é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar. Então Pollak nos apresenta o enquadramento de memória, que se assemelha ao conceito de memória emprestada de Halbwachs e de memória manipulada de Ricoeur. Segundo Pollak (1989):

> O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente O passado em função dos combates do presente e do futuro.(Pollak, 1989, p. 9-10)

Com a compreensão desses conceitos fica mais fácil compreender o que foi feito com a história e cultura indígena brasileira.

Como não conseguiram escravizar ou obrigar os indígenas a trabalhar forçadamente, começaram a criar histórias e difundi-las na população e todos sabemos que "cada conto aumenta um ponto," espalhando-se muito rápido na população. Os colonizadores foram matando os "selvagens" expulsando-os de suas terras, desmatando, espalhando doenças e principalmente tentando acabar com a identidade dos povos indígenas, pois se se batizassem, passassem a falar português, a trabalhar, esquecessem todas suas memórias e cultura poderiam ser considerados seres humanos (para os colonizadores). Resende demonstra em várias passagens do seu livro a intenção dos colonizadores em mudar a versão a seu favor.

> O projeto colonial português tomava como sua missão converter e civilizar os índios, transformando-os em fiéis e vassalos úteis ao rei de Portugal. Segundo os critérios desta política, os índios, ao adotarem o catolicismo, deveriam abandonar

> os seus costumes e tradições, considerados inconciliáveis com o modo de vida europeu. Portanto, não se tratava apenas de uma adoção de um novo credo religioso, mas de uma transformação radical em seus próprios modos de vida: para os índios serem integrados à civilização deveriam passar por um processo de "aculturação" que, em tese, forçava-os a abandonar seus costumes e tradições mediante a completa adoção da religião e dos hábitos europeus. (Resende, 2015, p. 61)

> Assim, na prática o governo nem sempre se preocupou de fato com a "civilização" dos índios, que, muitas vezes, prestavam melhores serviços na condição de "bestas e selvagens", ameaçando com sua "ferocidade" os contrabandistas, o que contribuiu para reforçar essas imagens sobre a população indígena. (Resende, 2015, p. 75)

> A ausência de cobiça indígena, elogiada por Jean de Lery, foi na mesma época gravemente criticada quando os nativos se recusaram a trabalhar para o enriquecimento dos colonos e do rei de Portugal. E, por consequência, os índios foram igualmente descritos como indolentes e preguiçosos – e o que antes era uma virtude se transforma então em um sério defeito. (Resende, 2015, p. 87)

> Assim, os atributos negativos foram recorrentemente usados como pretexto para justificar e até incitar a guerra colonial declarada contra os índios. E o mais grave: ideias que foram reeditadas, amplamente disseminadas e que reproduziram durante todos esses séculos uma visão equivocada das práticas e dos costumes indígenas. Essas imagens distorcidas do universo indígena dão testemunho de quanto preconceito envolve o tema e do evidente desconhecimento sobre o nosso Brasil indígena. (Resende, 2015, p. 89)

A posição dos dominadores é desestabilizar as identidades, pois as memórias e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos (Pollak, 1992). Tirar a identidade de um grupo faz com que ele enfraqueça. E este era a intenção dos colonizadores:

> Os povos indígenas, ao longo dos 500 anos de colonização, foram obrigados, por força da repressão física e cultural, a reprimir e a negar suas culturas e identidades como forma de sobrevivência diante da sociedade colonial que lhes negava qualquer direito e possibilidade de vida própria. Os índios não tinham escolha: ou eram exterminados fisicamente ou deveriam ser extintos por força do chamado processo forçado de integração e assimilação à sociedade nacional. Os índios que sobrevivessem às guerras provocadas e aos massacres planejados e executados deveriam compulsoriamente ser forçados a abdicar de seus modos de vida para viverem iguais aos brancos. No fundo, era obrigá-los a abandonarem suas terras, abrindo caminho para a expansão das fronteiras agrícolas do país. (Baniwa, 2006, p. 41)

Temos que mudar esta situação que vem se perpetuando desde o "descobrimento" do Brasil, escutamos, lemos, assistimos a filmes, propagandas que nos mostram a versão dos colonizadores. Eles contaram a história da maneira que os favorecia. Toda população indígena do nosso país, milhares de pessoas não foram ouvidas e com certeza elas têm uma outra forma de contar a história. E para isso precisamos ouvir, conhecer as memórias subterrâneas (Pollak, 1992), dos marginalizados, das minorias que lá estavam e

vivenciaram o que ocorreu. É escutar a história contada por outra ótica. Precisamos com base nestas falas comparar com os oficiais e assim reconstruir a história e cultura indígena brasileiro.

Para Halbwachs (2006, p. 34):

> [...] é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.

3 Abordagem metodológica

Para desenvolver o projeto de pesquisa, será feita uma pesquisa qualitativa, inicialmente exploratória, seguindo-se de pesquisa de campo (a ser realizada após a aprovação na qualificação). Para dar início ao projeto será realizado um questionário com professores dos anos iniciais do ensino fundamental para identificar como estes trabalham a temática sobre histórias e culturas indígenas, como são suas formações, o que sabem sobre o tema, onde buscam informações; bem como um questionário para alunos do 4º ano, a fim de saber que memórias eles têm sobre os povos originários.

A metodologia aplicada será uma revisão narrativa, onde se discutirá o tema do descaso com os povos originários a fim de compreender como se deu e se dá a desvalorização através do uso do poder simbólico através da violência simbólica sobre os povos originários. Pois é através deste poder e desta violência que as memórias são formadas.

Pois é necessário compreender como se construiu os conceitos de invisibilidade destes povos para poder ir em busca de formas de construir novas memórias que serão difundidas para as novas gerações.

4 Considerações Finais

Compreender como os colonizadores (dominantes) usaram de poder simbólico, para discriminar os povos originários, de uma forma tão bem sucedida é preocupante, mas importante, porque está presente no nosso cotidiano e é assustador, normalmente não nos damos conta.

Espera-se que ao compreenderem o quanto todos fomos manipulados por uma classe dominante, em busca de poder, que nos induziu a discriminação dos povos

originários, possamos através deste trabalho auxiliar o maior número de professores possíveis a criarem novas memórias sobre os povos indígenas brasileiros e consequentemente ensinar aos alunos todo um conhecimento que até então estava escondido.

Acredita-se que o conhecimento através da educação é capaz de operar mudanças significativas, porque ao compreender como as relações de poder agem e interferem no nosso dia-a-dia iremos valorizar a voz dos povos originários. Escutaremos as memórias subterrâneas, e assim reconstruiremos as memórias que foram enquadradas, emprestadas e manipuladas, dando visibilidade a estes povos, mostrando toda sua diversidade.

Referências

BANIWA, Gersem Luciano dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Censo Brasileiro de 2022.** Rio de Janeiro, 2023.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, M. Memória, Silêncio, Esquecimento. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de. **Mundos nativos: culturas e história dos povos indígenas**. 1. ed. Belo Horizonte, MG : Fino Traço, 2015.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Unicamp, 2007.

4

Memórias de engajamento na perspectiva da psicologia positiva e da memória social[16]

Grayce de Castro Couri[17]
Fernanda Veadrigo Irber [18]
Camile Rosa de Souza [19]
Maria de Lourdes Borges [20]

Resumo:

O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão acerca das memórias de engajamento em cooperativas de reciclagem sob o olhar da psicologia positiva e da memória social. Como metodologia, foi realizada uma revisão narrativa da literatura. Do ponto de vista teórico, a discussão fundamentou-se em Halbwachs (1990), por meio da memória social; Rothberg (2015), com o conceito de memórias de engajamento; Boehs e Silva (2017) e Pureza et al. (2012), abordando a perspectiva da psicologia positiva. A memória social surge através das experiências vivenciadas entre os membros de um grupo, formando a identidade grupal e, consequentemente, determinando sua forma de agir e pensar. As memórias de engajamento são memórias de habilidades construídas através da memória social, permitindo que o grupo identifique meios de enfrentamento e resistência. Nessa perspectiva, as memórias de engajamento são estimulantes de mobilizações que impactam em consequências coletivas positivas. Essas consequências podem ser abordadas com base na psicologia positiva, que consiste no estudo de emoções e traços positivos, bem como forças e virtudes do sujeito. Assim, ao formar as memórias de engajamento, habilidades e traços positivos do grupo são desenvolvidos, sendo essenciais para que o coletivo enfrente situações adversas. É por meio dessas memórias que torna-se possível o enfrentamento de preconceitos e estigmas sociais

---

[16] Capítulo do e-book de trabalhos apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2023 na Universidade La Salle, Canoas, RS.

[17] Graduanda em Psicologia e bolsista voluntária de Iniciação Científica do grupo de pesquisa Tecnologias Sociais, Inovação e Desenvolvimento, Universidade La Salle, grayce.202210223@unilasalle.edu.br

[18] Graduanda em Psicologia e bolsista CNPq de Iniciação Científica do grupo de pesquisa Tecnologias Sociais, Inovação e Desenvolvimento, Universidade La Salle, fernanda.202210714@unilasalle.edu.br

[19] Graduanda em Psicologia e bolsista FAPERGS de Iniciação Científica do grupo de pesquisa Tecnologias Sociais, Inovação e Desenvolvimento, Universidade La Salle, camile.202121515@unilasalle.edu.br

[20] Professora de psicologia, Doutora e pesquisadora do PPG em Memória Social e Bens Culturais, líder do Grupo de Pesquisa Tecnologias Sociais, Inovação e Desenvolvimento (CNPq). Universidade La Salle, maria.borges@unilasalle.edu.br

pelos catadores das cooperativas de reciclagem. Portanto, compreende-se a memória de engajamento como ferramenta fundamental para a perspectiva da psicologia positiva aplicada em cooperativas de reciclagem, visto que fortalece as lutas do grupo através da identificação de suas forças, virtudes, emoções e traços positivos.

Palavras-Chave: memórias de engajamento; psicologia positiva; cooperativas de reciclagem

1 Introdução

As cooperativas de reciclagem caracterizam empreendimentos fundamentados nos princípios da economia solidária, atuando de modo autogestionário e visando satisfazer as necessidades econômicas e sociais dos indivíduos. As cooperativas integram indivíduos que não encontram inclusão no mercado de trabalho formal. (Esteves, 2015). Desse modo, entende-se que a relevância de tais empreendimentos está atrelada à inserção no mercado de trabalho e à geração de renda.

Salienta-se a importância da autogestão no trabalho realizado dentro das cooperativas de reciclagem que buscam os princípios da economia solidária, uma vez que a autogestão é marcada como uma organização de trabalho em que todos os integrantes do grupo participam das decisões que envolvem o meio coletivo (Leal, 2014). Assim, para que a autogestão seja efetiva, torna-se necessário o alinhamento das ideias, dos objetivos e dos princípios do grupo, bem como o vínculo entre os cooperados e o desenvolvimento de habilidades que permitam o enfrentamento de situações adversas e a resolução de problemas.

Essas habilidades, na perspectiva da memória social de Halbwachs (1990), podem ser denominadas de memórias de engajamento (Rothberg, 2015). As memórias de engajamento são construídas através da vivência de experiências adversas, pelas quais o grupo cria estratégias para superá-las, formando parte da sua memória coletiva. Conforme o grupo enfrenta novos cenários adversos, além de novas memórias serem criadas, as antigas tornam-se fortemente presentes e são constantemente transformadas, misturando-se com o cenário atual e fazendo-se essenciais para o enfrentamento de problemas.

O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão acerca das memórias de engajamento de cooperativas de reciclagem sob o olhar da psicologia positiva e da memória social. Como metodologia, foi realizada uma revisão narrativa da literatura.

Nessa perspectiva, as memórias de engajamento são estimulantes de mobilizações que impactam em consequências coletivas positivas. Essas consequências podem ser abordadas com base na psicologia positiva, que consiste no estudo dos fatores promotores de bem estar, qualidade de vida, felicidade e das forças presentes nos indivíduos e nas organizações, direcionando o foco para os aspectos positivos do sujeito (Boehs; Silva, 2020).

Ao formar as memórias de engajamento, habilidades e traços positivos do grupo são desenvolvidos, sendo essenciais para que o coletivo enfrente situações adversas, tornando possível o enfrentamento de preconceitos e estigmas sociais pelos catadores das cooperativas de reciclagem.

2 Referencial teórico

2.1 Memórias de engajamento das cooperativas de reciclagem

As ideias, os objetivos e os princípios grupais são construídos por meio da identidade formada através da memória social do grupo. Segundo Pollak (1992), é a partir da vivência grupal que o coletivo desenvolve o seu modo de agir e pensar, diferenciando-se dos demais.

A identidade do grupo é o fenômeno responsável por guiar os seus objetivos e formar os seus princípios, norteando as suas ações e abrindo espaço para que novas pessoas se identifiquem com esse coletivo por meio de ideias semelhantes. A identificação com determinado grupo permite que o vínculo ocorra. A memória social torna-se, portanto, elemento essencial para o funcionamento, tanto das das cooperativas de reciclagem, como de qualquer grupo autogestionário (Pollak, 1992).

A memória social também é o que fundamenta a ocorrência das memórias de engajamento (Rothberg, 2015). Conforme Halbwachs (1990), a memória social é construída por meio das experiências vivenciadas em determinado coletivo, encontrando-se em constante transformação. Ela é criada e recriada a cada situação experienciada pelo grupo, formando a sua história e a sua identidade.

Para Rothberg (2015), as vivências, quando ocorridas em cenários de dificuldades e enfrentadas e superadas de forma coletiva, formam as memórias de engajamento. Assim,

a memória de engajamento surge como uma ferramenta para o enfrentamento de problemas. Conforme o autor, ela é criada a partir do desenvolvimento de habilidades coletivas para superar dificuldades, sendo utilizada para enfrentar novos cenários adversos que aparecerão no decorrer das vivências do grupo.

Desse modo, compreende-se as memórias de engajamento como meio pelo qual é possível desenvolver o pensamento crítico em relação à solução de problemas, avaliando de forma crítica o passado e identificando, através da história do grupo, meios de enfrentamento e resistência (Rothberg, 2015).

As cooperativas de reciclagem ainda configuram-se como espaços geradores de renda para parte da população que se encontra em situação de maior vulnerabilidade sócio econômica, tornando-se, muitas vezes, a única alternativa factível de sobrevivência econômica através do trabalho diante da pobreza e exclusão social (Silva, 2020). Nesse contexto, percebe-se a necessidade do desenvolvimento de formas de enfrentamento pelos cooperados, identificando suas lutas e meios de resistência.

Conforme Pinheiro e Júnior (2015), o âmago da invisibilidade social dos catadores advém do contato direto com lixo, apesar de ser uma questão multifatorial. Essa prática torna-se suficiente para a criação de um estigma em que a sujeira se estende para além do objeto de trabalho, fazendo com que parte da sociedade desenvolva uma visão repleta de preconceitos referente aos catadores.

Ainda segundo os autores, essa configuração de trabalho compõe a economia solidária, forma alternativa de produção do capitalismo, que tem como pilares: solidariedade, igualdade e proteção ao meio ambiente. Tal movimento possui caráter transformador em aspecto social e pessoal através de processos de empoderamento. Desse modo, a economia solidária torna-se também uma forma de resistência de grupos que sofrem com a invisibilidade social.

A identificação dessas problemáticas e a construção de formas de resistência são derivadas das memórias de engajamento (Rothberg, 2015), pelas quais torna-se possível a compreensão dos catadores sobre as suas lutas, através da história das cooperativas de reciclagem da qual fazem parte, bem como sobre os meios de enfrentamento, utilizados no passado, resgatados no presente e elaborados de acordo com a configuração do grupo atual, da sua realidade e das particularidades da situação adversa. Nesse sentido, as memórias de engajamento permitem que situações de invisibilidade, estigmas e preconceitos sociais não sejam normalizadas pelos catadores, desenvolvendo meios de resistência e de identificação deste grupo com as suas lutas sociais.

2.2 Memórias de engajamento e a psicologia positiva

A psicologia positiva tem como foco o estudo das emoções relacionadas ao bem estar e à felicidade, bem como as forças e as virtudes de cada indivíduo (Pureza et al., 2012). Assim, a abordagem positiva se detém a compreender os fatores que promovem emoções positivas e aquilo que é salutar para o desenvolvimento de cada pessoa.

Essa vertente relaciona cinco elementos fundamentais: emoções positivas, engajamento, sentido, realização e relacionamentos positivos (Pureza et al., 2012). Portanto, a psicologia positiva busca, por meio da ênfase em aspectos positivos do sujeito, enfatizar as potencialidades e o lado saudável do ser humano.

É imprescindível compreender que a psicologia positiva não está interessada em ignorar características negativas presentes nas vivências de cada sujeito. Para Boehs e Silva (2017), a proposta da abordagem é considerar de forma integral o indivíduo, reconhecendo os aspectos negativos, como enfermidades e adversidades, ao mesmo tempo que considera as potencialidades. Logo, há a priorização do fortalecimento das competências de cada sujeito para que este se torne capaz de enfrentar e superar dificuldades e problemas.

A partir dessa perspectiva, identifica-se a possibilidade de relacionar a psicologia positiva com as memórias de engajamento, uma vez que as memórias de engajamento desenvolvem habilidades de enfrentamento, as quais servem para superar obstáculos e adversidades (Rothberg, 2015), e são construídas por meio das potencialidades do grupo. Desse modo, as memórias de engajamento são formadas pelas forças e virtudes de cada integrante das cooperativas de reciclagem, sendo indispensáveis para o desenvolvimento da capacidade de superar adversidades.

A psicologia positiva torna-se essencial para a identificação dos fatores formadores das memórias de engajamento nas cooperativas de reciclagem, fortalecendo as lutas do grupo através da identificação de suas forças, virtudes, emoções e traços positivos. Além disso, ao aplicar a abordagem positiva diretamente com os catadores, pode-se estimular ainda mais o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento, visto que, conforme Boehs e Silva (2017), prioriza-se as potencialidades de cada sujeito, o que possibilita a valorização e emprego do melhor de cada indivíduo.

3 Abordagem metodológica

Como abordagem metodológica, foi realizada uma revisão narrativa da literatura. Segundo Casarin et. al. (2020), tal abordagem trata-se de um processo amplo e simplificado ao ponto que a pesquisa pode ser pouco específica, sem rigor metodológico e, portanto, não havendo a obrigatoriedade de informações detalhadas do procedimento e da avaliação das referências incluídas. Ainda de acordo com os autores, esta metodologia é importante para atualizações de um determinado assunto com suporte teórico por um curto período de tempo.

Para a revisão narrativa de literatura utilizou-se como fundamentação teórica três conceitos: memória de engajamento; memória social e psicologia positiva. Para discorrer sobre a memória de engajamento, utilizou-se como fonte Rothberg (2015); para memória social, embasou-se em Halbwachs (1990); em relação à psicologia positiva, fundamentou-se em Boehs e Silva (2017) e Pureza et al. (2012). A seguir são apresentados os resultados parciais.

4 Resultados parciais

O objetivo deste artigo foi apresentar uma discussão acerca das memórias de engajamento de cooperativas de reciclagem sob o olhar da psicologia positiva e da memória social. O presente artigo transcorreu de conceituações sobre a memória de engajamento, no contexto das cooperativas de reciclagem, a psicologia positiva e a memória social.

Foi possível compreender a psicologia positiva de forma conceitual nas cooperativas de reciclagem ao analisar as memórias de engajamento. A relação se estabelece a partir do entendimento de que as memórias de engajamento são desenvolvidas e sustentadas nas potencialidades do ser humano e nas emoções positivas de superação e enfrentamento de cenários adversos (psicologia positiva), permitindo que se desenvolva meios de resistência a preconceitos e estigmas sociais, bem como a não normalização da invisibilidade do catador e a identificação deste grupo com as suas lutas sociais.

Desse modo, identifica-se a correlação da memória de engajamento e da memória social, uma vez que as dificuldades superadas nas cooperativas são vivenciadas na coletividade, criando o sentimento de pertencimento a determinado grupo e o fortalecimento do vínculo entre o espaço e o grupo através da memória social.

Por meio deste estudo, compreende-se a relevância de relacionar os conceitos da memória de engajamento e da psicologia positiva, uma vez que a primeira pode ser uma ferramenta fundamental para a perspectiva da segunda aplicada em cooperativas de reciclagem, visto que fortalece as lutas do grupo através da identificação de suas forças, virtudes, emoções e traços positivos.

Como futuros estudos, sugere-se a realização de pesquisas qualitativas com os catadores das cooperativas de reciclagem de Canoas/RS, por meio de entrevistas semiestruturadas e da observação da sua forma de trabalho, a fim de identificar suas memórias de engajamento sob o olhar da psicologia positiva e posteriormente pesquisas de cunho quantitativo em um número maior de cooperativas.

Referências

BOEHS, S. T. M.; SILVA, N. **Psicologia Positiva Nas Organizações e No Trabalho Conceitos Fundamentais e Sentidos Aplicados**. São Paulo: Vetor Editora, 2020.

CASARIN, S. T. et al. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. **Journal of Nursing and Health**, v. 10, n. 5, 30 out. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.15210/jonah.v10i5.19924. Acesso em: 29 jan. 2024.

ESTEVES, R. A. A indústria do resíduo: perfil das cooperativas de reciclagem e dos catadores de resíduos no estado do Rio de Janeiro. **Revista Monografias Ambientais**, v. 14, n. 2, p. 86–99, 15 set. 2015. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/17913/pdf. Acesso em: 08 jan. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

LEAL, M. O princípio da autogestão na economia solidária como alternativa emancipatória e combate ao trabalho alienado. **Repositório Institucional da Unipampa**, 14 mar. 2014. Disponível em: https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/3588. Acesso em: 11 jan. 2024.

PINHEIRO, P. T.; JÚNIOR, H. R. O cooperativismo e sua importância no processo de desinvisibilização social dos catadores de materiais recicláveis. **Derecho y cambio social**, s.v., n. 40, 2015. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5460327. Acesso em: 08 jan. 2024.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PUREZA, J.R.; KUHN, C. H. C.; CASTRO, E. K.; LISBOA, C. S. M. Psicologia positiva no Brasil: Uma revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas.** São Leopoldo. v. 8, n. 2, p. 109-117, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v8n2/v8n2a06.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.

ROTHBERG, D. Comunicação para sustentabilidade, memória social e cidadania em projetos de pesquisa. **Líbero.** São Paulo. v. 18, n. 35, p. 133-144, jan./jun. de 2015. Disponível em: https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/81. Acesso em: 05 jan. 2024.

SILVA, S. P. Reciclagem e economia solidária: Análise das dimensões estruturais dos empreendimentos coletivos de catadores no Brasil. **Ipea.** s.v., n. 2268, p. 129-141, 2020. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11520/1/Reciclagem_Economia_cap5.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.

Nota de Agradecimento: Agradecemos o apoio do CNPq e Fapergs.

5

Memória do Trabalho e a História Incorporada: uma análise inspirada em Bourdieu[21]

Claudiâni Guimarães Vargas Gonçalves[22]
Moisés Waismann[23]

Resumo:
Nesta comunicação tem-se o objetivo de aproximar o entendimento da memória do trabalho a partir do Patrimônio Industrial e a compreensão da história incorporada apresentada por Pierre Bourdieu no seu livro: O poder simbólico (1989), publicado pela editora Difel. Esta aproximação será feita a partir do equipamento cultural do Museu do Trem, localizado no município de São Leopoldo, estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de um estudo qualitativo e exploratório que vai articular a revisão bibliográfica e a pesquisa documental produzida por meio de uma visita técnica. O foco é apresentar o Museu ao mesmo tempo que problematizar a gestão cultural do equipamento, por meio das potencialidades e limitações enfrentadas pela atual gestão. Provisoriamente acredita-se que o Patrimônio Industrial, mais especificamente a memória do trabalho, cresce com a incorporação do entendimento da história incorporada ao mesmo tempo em que se permite vislumbrar saídas para as limitações político-gerenciais, do equipamento cultural, Museu do Trem.

Palavras-chave: história incorporada; museu do trem; patrimônio industrial

1 Introdução

Este trabalho surgiu a partir de uma visita técnica realizada em outubro de 2023, no Museu do Trem, fundado em 26 de novembro de 1976 e localizado no município de São Leopoldo, estado do Rio Grande do Sul. A visita possibilitou entender como se comporta a gestão cultural do equipamento. Desta forma emerge o objetivo deste artigo: aproximar o

---

[21] Capítulo do e-book de trabalhos apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2023 na Universidade La Salle, Canoas, RS.

[22] Mestra em Memória Social e Bens Culturais. Universidade La Salle. Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais. E-mail: claudiani.vargas0230@unilasalle.edu.br

[23]Doutor em Educação. Universidade La Salle. Professor Orientador. E-mail: moises.waismann@unilasalle.edu.br

entendimento da memória do trabalho a partir do Patrimônio Industrial e a compreensão da história incorporada apresentada por Pierre Bourdieu.

Justifica-se este estudo pela importância do equipamento ao município de São Leopoldo, não se limitando apenas a esta localidade, ao estado ou mesmo à esfera nacional, uma vez que o Museu do Trem discorre seu discurso para além do solo brasileiro, com participações e intervenções de outros equipamentos culturais semelhantes em países como a Argentina, o Uruguai e o Chile. Além disso, o Museu do Trem é considerado o centro de preservação da história ferroviária do Rio Grande do Sul, possuindo a salvaguarda de objetos e documentos da extinta Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS) / Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), logo é viável discutir e pensar a gestão cultural que envolve o lugar responsável pela preservação da primeira estação ferroviária do estado.

Para melhor visualizar a estrutura atual do Museu do Trem, apresenta-se, na sequência, algumas fotografias realizadas pela autora no dia da visita técnica:

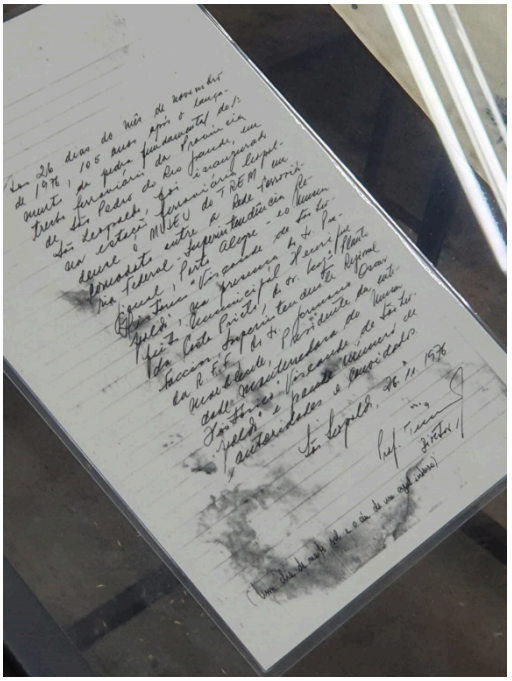
Figura 1 - Fachada da entrada principal do Museu do Trem

Fonte: imagem capturada pela própria autora, 2023.

Figura 2 - Vagões originais

Fonte: imagem capturada pela própria autora, 2023.

Figura 3 - Livro de abertura registrado pelo professor Telmo Lauro Muller na inauguração do Museu do Trem, em 26 de novembro de 1976



Fonte: imagem capturada pela própria autora, 2023.

Para dar continuidade ao trabalho, esta comunicação está dividida em cinco partes para além desta Introdução, sendo fragmentada em Referencial Teórico, Abordagem Metodológica, Resultados, Considerações Finais e Referências Bibliográficas.

2 Referencial Teórico

A gestão cultural, segundo Rubim (2019), vai além do cuidado com a administração de pessoal, financeira, de materiais ou de infraestrutura, ela é responsável pela gestão das atividades culturais e pela seleção dos curadores. Ainda, o autor diz que a gestão cultural é complexa e envolve áreas diversificadas, múltiplos agentes e profissionais, portanto extremamente desafiadora, principalmente ao considerar a falta de investimentos financeiros oriundos dos governos. Para Fernandes (2019), a gestão cultural apresenta vários objetos de atuação como as artes, o patrimônio, a memória e as manifestações de culturas populares e em massa. Para ela, a gestão cultural deve ser de competência da sociedade por meio das organizações e/ou profissionais, sendo estes lucrativos ou não.

A autora Vilutis (2019) traz o entendimento da gestão cultural como uma dimensão simbólica onde acredita que a cultura está relacionada ao quadro do imaginário, do pertencimento e da memória, entre o passado e o presente, de uma comunidade ou grupo social, constituindo a identidade étnica de um território, contemplando muitos significados, experiências e vestígios memoriais.

Neste sentido, Pierre Bourdieu em sua obra “O poder simbólico” (1989) disserta sobre a capacidade de se impor significados e influenciar o comportamento por meio de símbolos e signos culturais. O autor argumenta que o poder simbólico desempenha um papel importante na manutenção das estruturas de poder e que o homem é um ser simbólico, logo social, que percebe a transmissão da memória através da linguagem. Sobretudo, o homem cria sua identidade cultural através dos símbolos que o mundo lhe apresenta e desta maneira, o poder simbólico é a força que descreve as relações sociais e de comunicação do homem.

Ainda, segundo Bourdieu, é necessário entender o habitus característico de uma classe que resulta no formalismo de um campo social, representando uma reflexão dos modos e costumes de fazer de uma instituição. Além disso, o autor diz que a ação histórica/social tem dois estados: aquele que se acumulou a partir de máquinas, monumentos, edifícios, documentos, entre outros; e aquele que originou seu habitus (*entendo também como “modos de fazer”*), ou seja, o habitus seria um produto da

aquisição histórica, que permeia ao longo do tempo. Logo, “a história sujeito descobre-se ela mesma na história objeto” (Bourdieu, 1989, p. 83).

O autor também menciona os agentes dominantes como aqueles que impõe suas regras e que esperam uma certa submissão consciente. A questão da reprodução do habitus não questionável, segundo o autor, representa um meio “mecanicista que reduz o trabalhador ao seu posto de trabalho” (Bourdieu, 1989, p. 100), embora o ser social seja, de fato, social e não apenas histórico. Neste contexto, pode-se aproximar as dificuldades políticas e incorporadas ao Museu do Trem pela atual gestão.

Ainda segundo Bourdieu, em todo este cenário complexo se constitui a história reificada ou objetivada e a histórica incorporada, onde a primeira, muitas das vezes, é escrita pelas classes dominantes e apresentam uma narrativa oficial que legitima as estruturas de poder existentes. Por outro lado, a histórica incorporada diz respeito a experiência vivida pelos indivíduos e está enraizada nas práticas, memórias e narrativas pessoais, sendo influenciada por seu habitus e suas posições sociais. Logo, há uma relação complexa entre as formas de história, ou seja, a história reificada geralmente molda a história incorporada, já que as narrativas oficiais influenciam a percepção das pessoas sobre o passado e presente, ao mesmo tempo que a história incorporada proporciona a reinterpretação da história reificada, a partir das experiências e lutas pessoais/coletivas, formando o campo social.

Com respeito ao entendimento sobre o patrimônio industrial imaterial, também presente no campo social, este se refere ao cotidiano fabril e que conforme aborda Magalhães (1985) trata das várias tradições e do patrimônio intangível (práticas e atividades). Para Kühl (2018), o patrimônio industrial se refere a um bem já identificado que necessita de preservação por meio dos seus elementos. O patrimônio industrial vai além de um lugar de trabalho, mas trata-se de um local de memória, sendo visto como vestígios de atividades que, por muita das vezes, deixaram de existir ou de ter importância (Ferreira, 2009) e compreende a dimensão das estruturas industriais que precisam ser preservadas (Meneguello, 2005).

Desta forma, a partir do exposto até aqui, aproxima-se da metodologia e da conclusão deste estudo por meio da apresentação dos próximos capítulos.

3 Abordagem Metodológica

Para este estudo persegue-se a pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica ao qual trata da dinâmica e abordagem de um determinado problema complexo que necessita ser descrito e decodificado de forma interpretativa. Sobre a pesquisa bibliográfica, esta é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2012, p. 50), sendo sua vantagem residir “no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 2012, p. 50).

Já na pesquisa documental, os documentos são considerados como “fonte rica e estável de dados” (Gil, 2002, p. 46), pois “[...] subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica” (Gil, 2002, p. 46). Neste viés, surgem as fontes imagéticas que, segundo Mauad (2005), é um meio de rememorar o passado no presente, uma vez que a imagem visual possui a capacidade narrativa através do tempo, ao qual direciona as referências culturais salientando acontecimentos, vivências, histórias e memórias. Logo, a imagem é considerada como fonte histórica e produto cultural.

4 Resultados

Os resultados aqui apresentados surgiram a partir da tentativa de aproximar o entendimento da memória do trabalho à compreensão da história incorporada apresentada por Pierre Bourdieu no seu livro “O poder simbólico” de 1989, avançando por meio dos conceitos de patrimônio industrial imaterial e da gestão cultural, a partir do caso do Museu do Trem de São Leopoldo/RS.

Neste momento, também se faz o exercício de dissertar acerca de algumas das dificuldades e limitações postas pela atual gestão do equipamento cultural, considerando a esfera pública/política. Os relatos apontados colocam o Museu do Trem de São Leopoldo em um campo obscuro, onde entre as situações enfrentadas estão a não regulamentação do equipamento como entidade do município ou mesmo do estado do Rio Grande do Sul. O sentimento dos armazéns estarem “sem donos” limita as condições para possíveis investimentos e aprimoramento do departamento de curadoria, por exemplo, como a própria quantidade do quadro efetivo de funcionários para a manutenção do local e catalogação de novos itens ou categorização daqueles que ainda

estão sem tratamento e destino como imagens, documentos e materiais de vídeo áudio, ou ainda, reduz a capacidade de aperfeiçoamento físico do lugar, como novos móveis e estrutura tecnológica.

Assim, esses limitadores atuais vão ao encontro direto do Museu do Trem e sua estrutura, afetando a gestão cultural no sentido de barrar muitos avanços sejam eles de caráter tecnológico, de divulgação, administrativo ou mesmo patrimonial. Neste sentido, pode-se aproximar da fala de Bourdieu no que diz respeito aos movimentos que são postos ou impostos dentro de uma instituição, na qual são passíveis de reivindicações, porém, em sua grande maioria, não atendida, ou seja, permanecem as disputas de poder refletindo uma sociedade que foi incorporada por uma sociedade reificada, sendo esta segunda maior, ao qual é constituída pelas classes dominantes que possuem o poder de decidir ou limitar recursos financeiros, mesmo aqueles que representem a salvaguarda de um patrimônio.

5 Considerações Finais

Reforça-se que este trabalho surgiu a partir de uma visita técnica realizada pela autora ao Museu do Trem no mês de outubro de 2023 e que está vinculado às produções realizadas no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

Neste estudo, procurou-se, de forma sucinta, refletir sobre os conceitos de história incorporada e seus símbolos a partir do sociólogo Pierre Bourdieu, bem como sobre a memória do trabalho, a gestão cultural e suas relações com o campo do patrimônio industrial, bem como, citar algumas das dificuldades enfrentadas do ponto de vista da atual gestão do Museu do Trem, salientando que não se limita neste artigo os elementos passíveis de discussão para as resoluções de problemas apontados às necessidades deste equipamento. Neste sentido, de fato há muito o que ser feito, começando pela regularização legal desse patrimônio e pelo olhar atento no que tange às políticas públicas, sobretudo às condições de investimentos e à mão de obra qualificada que suporte a curadoria esperada.

Ainda, a gestão está diretamente ligada ao saber-fazer, logo, àquilo que é intangível (imaterial). No caso do Museu do Trem não é diferente, ou seja, as práticas do cotidiano que envolvem a gestão fazem parte do seu patrimônio industrial como elemento que

precisa ser conhecido e preservado no intuito de rememorar seus vestígios, evitando apagamentos ou mesmo silenciamentos da sua trajetória memorial.

A partir dessa discussão, conclui-se que é necessário o exercício de reflexão sobre as diferentes histórias e memórias, bem como de que forma elas estão sendo produzidas e reproduzidas nos diversos campos sociais, quais suas influências, suas limitações e quais reivindicações elas provocam no sentido de luta para a continuidade de perpetuar a memória do trabalho a partir dos seus patrimônios materiais e imateriais.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.

FERNANDES, Taiane. Histórico da gestão cultural no Brasil. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim (org.). **Gestão cultural**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 33-47.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. **Revista Museologia & Patrimônio,** v. 2, n. 1, jan./jun. 2009, p. 22-35. Disponível em: http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/43/23. Acesso em: 15 out. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

KÜHL, B. M. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização:** Problemas Teóricos de Restauro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

MAGALHÃES, A. **E Triunfo? A Questão dos Bens Culturais no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. p. 133-174. jan.-jun. 2005.

MENEGUELLO, Cristina; RUBINO, Silvana B. Preservação do patrimônio industrial no Brasil. **Oculum Ensaios,** v. 1, p. 125-132, 2005. Disponível em: http://www.redalyc.org/pdf/3517/351732195010.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim - organizador. **Gestão cultural**. Salvador: EDUFBA, 2019.

VILUTIS, Luana. **Gestão cultural comunitária em três dimensões:** simbólica, cidadã e econômica. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim - organizador. Gestão cultural. Salvador: EDUFBA, 2019. pg. 169-193.

Nota de Agradecimento
O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior – PROSUC e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

6

Ensaios sobre equidade digital: estratégias do Polo UAB Sapucaia do Sul[24]

Joseane Leoni Silveira Goularte[25]
Patrícia Kayser Vargas Mangan[26]
Ingridi Vargas Bortolaso[27]

Resumo:

O presente artigo traz um estudo qualitativo acerca das estratégias empregadas no Polo da Universidade Aberta do Brasil (UAB) de Sapucaia do Sul durante o ano de 2023 através do ensino superior a distância e demais projetos direcionados a população do município, com finalidade de identificar e refletir sobre as propostas da instituição que buscam promover o enfrentamento à desigualdade no acesso ao ensino superior por um grupo de pessoas menos privilegiadas dentro da sociedade. Historicamente existe uma tendência à elitização da educação superior, com o capital intelectual permanecendo restrito apenas a determinados grupos sociais; portanto, pela mesma situação, grande parte da população se mantém impossibilitada de acessar determinadas tecnologias digitais, seja para fins sociais, acadêmicos ou profissionais. O Polo da Universidade Aberta do Brasil de Sapucaia do Sul atua nessa problemática não só sendo um centro integrado de cursos de graduação de universidades federais em modalidade a distância, mas, principalmente, agindo como facilitador ao ofertar o acesso ao espaço físico, a acessibilidade, a estrutura de informática e ao acesso à internet, todos fatores essenciais para o ingresso e permanência dos alunos nos cursos. Com base em teorias sociais sobre educação e exclusão digital como Gilson Schwartz (2000) e sobre inclusão digital aplicada à sociedade como Silveira (2005), percebe-se a necessidade latente da sociedade em discutir sobre como ampliar o acesso ao conhecimento e aos meios tecnológicos e, com isso, também ampliar o acesso ao capital intelectual.

Palavras-chave: ensino superior; educação a distância; inclusão digital.

---

[24] Capítulo do e-book de trabalhos apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2023 na Universidade La Salle, Canoas, RS.

[25] Mestranda do PPG MSBC, Graduada em Pedagogia: Magistério das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio e Orientação Educacional. Especialização em Neuropsicopedagogia e Educação Especial Inclusiva; Gestão Escolar; Gestão Educacional: Teoria e Prática na Contemporaneidade. joseane.202320460@unilasalle.edu.br.

[26] Doutora em Engenharia de Sistemas e Computação pela COPPE/Sistemas-UFRJ; Professora do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle. patricia.mangan@unilasalle.edu.br

[27] Doutora em Administração pela Unisinos; Professora do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle. ingridi.bortolaso@unilasalle.edu.br

1 Introdução

O presente artigo tem como objetivo tratar sobre a era digital aplicada à educação, através de reflexões acerca do ensino superior em modalidade a distância que é executado pelo Programa da Universidade Aberta do Brasil em Sapucaia do Sul, que atua ampliando e interiorizando o ensino, promovendo o acesso à pesquisa científica e, mais ainda, sendo uma forma de enfrentamento à desigualdade social, como é o caso brasileiro.

Conforme o Decreto 5.622/2005, a Educação a Distância é definida como:

> [...] modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

O Programa Universidade Aberta do Brasil - UAB, instituído pelo Decreto 5.800, de 8 de junho de 2006, está presente em todo o país através de Polos atuantes em microrregiões como um sistema integrado de universidades públicas, oferecendo cursos de nível superior para diferentes grupos sociais com dificuldade de acesso à formação acadêmica, seja por condições financeiras, dificuldade geográfica, falta de acessibilidade ou mesmo falta de tempo para acompanhar o cronograma de horário diário das aulas dos cursos presenciais. Dessa forma, o programa atua expandindo o acesso à educação, que é um direito universal de todos, além de consequentemente estimular o contato entre os diferentes níveis governamentais - federal, estadual e municipal - nas discussões referentes à educação superior continuada.

O Polo de apoio presencial da Universidade Aberta do Brasil da cidade de Sapucaia do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, iniciou em 2008 com a assinatura do termo de adesão com o Ministério da Educação e através da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -, no qual o município se compromete a oferecer subsídios físicos para que os cursos aconteçam na modalidade de educação a distância, mas também com carga horária presencial, porém essa menor. Assim, o programa teve seu início efetivado em 2009 no município e, desde então, oferta cursos em nível de graduação e pós-graduação em parceria com as universidades federais do país, como forma de expandir o ensino superior, atingindo um número de pessoas que

dificilmente conseguiriam frequentar e permanecer num curso superior totalmente presencial.

O Polo está inserido dentro do espaço físico de uma escola de ensino fundamental da rede pública de ensino, contando com espaços específicos e espaços compartilhados com a escola. As aulas acontecem no turno da noite, embora a secretaria do Polo abra diariamente nos três turnos e sempre que necessário o Polo funciona aos sábados para dar conta das demandas dos cursos e suas respectivas instituições. A instituição conta com uma sala para administração e secretaria, uma sala para os tutores, dois laboratórios de informática (LABIN) - um com dez computadores e outro com trinta e cinco computadores, mais uma tela interativa para as aulas presenciais, todos conectados a internet -, um auditório com tela interativa com capacidade para sessenta pessoas, um laboratório de matemática com materiais de apoio para as aulas práticas e estágios e uma biblioteca compartilhada com a escola, na qual o bibliotecário, conforme a CAPES exige, é quem faz a organização do espaço, mais os banheiros sendo um deles com acessibilidade. Além disso, conforme necessidade dos calendários das universidades federais, há possibilidade de uso das demais salas de aula da escola durante o turno da noite. A Educação a Distância é mediada através de estratégias de ensino aprendizagem que envolvem aulas síncronas e assíncronas a distância, aulas presenciais, fóruns e seminários online. Sendo assim, é preciso pensar no impacto da instituição na localidade, portanto é necessário trabalhar em busca de melhorias e adequações diante do direito à educação de qualidade que possa contribuir para diminuir a injustiça social em nosso país. Conforme (Bauman, 2013, p.57), “grupos ou categorias com opções limitadas ou sem opção alguma, e por isso forçados a seguir uma rotina monótona e inteiramente previsível, não têm chance, na luta pelo poder, com protagonistas dotados de mobilidade e livre-arbítrio. ”

Embora o ensino seja prioritariamente a distância, são nas atividades presenciais que os Polos se diferenciam, tanto em função do perfil dos alunos quanto da comunidade em que está inserido, já que o Polo da UAB Sapucaia do Sul promove atividades além dos cursos de ensino superior. O Polo promove também cursos periódicos direcionados à comunidade sapucaiense, como curso de informática para iniciantes e curso de fotografia para o público da Sala de Recursos da rede pública de ensino, referentes aos alunos com Altas Habilidades e Super Dotação do município, promovendo atividades para esses estudantes inseridos no cotidiano do Polo, de forma a familiarizar esses alunos com o ensino superior. Por fim, como ação mais recente, foi lançado o primeiro projeto de

Revista Científica dentro de um Polo UAB, a Refugiare, revista científica digital destinada a toda a comunidade acadêmica em geral, que busca ampliar o âmbito da pesquisa e a escrita científica dentro do meio acadêmico no campo da educação.

Conforme já apresentado, o programa Universidade Aberta do Brasil, tem em seu cerne o objetivo latente de promover, através do ensino, formas mais interativas e colaborativas de ensino, desenvolvendo atividades educativas em lugares e tempos diferentes.

2 Referencial Teórico

No que se refere aos processos de aprendizagens e metodologias de ensino, faz-se necessário pensar na BNCC (Base Nacional Comum de Curricular), que nos leva a considerar os diferentes tipos de aprendizagem, competências e habilidades.

Conforme Silveira (2005, p.434):

> A inclusão voltada para a cidadania, no sentido da busca do direito de interagir e do direito de se comunicar por meio das redes; a inclusão voltada para inserir as camadas mais pauperizadas ao mercado de trabalho - neste caso seria uma inclusão com um foco mais tecnicista, de ações que estão voltadas a meros "cursos de informática"; e por último a inclusão voltada à educação, na perspectiva da importância da formação sociocultural dos jovens, na sua formação e orientação diante do dilúvio informacional. Sendo assim, a definição da inclusão digital se dá com a universalização do acesso ao computador conectado à internet, bem como, ao domínio da linguagem básica para manuseá-lo com autonomia.

O Polo da UAB Sapucaia do Sul passa pelos três tipos de inclusão digital citados pelo autor que serão discutidos nos tópicos de metodologias, desde a promoção de meios para a comunicação social através das atividades com alunos de altas habilidades, passando pelo curso de informática que atua na inserção do público no mercado de trabalho através do ensino digital e tecnológico, até os cursos de educação superior a distância que garantem a formação continuada e de qualidade.

3 Abordagem Metodológica e Resultados

A presente reflexão acerca das discussões de combate a iniquidade digital é apresentada em forma de um estudo qualitativo, pois segundo Marshall e Rossman

(1999), os métodos qualitativos são apropriados para gêneros de pesquisas que são remetidos ao seu ambiente natural e com aproximação exploratória de dados.

Paralelo às aulas de ensino superior, o Polo busca atingir a comunidade sapucaiense através de seus cursos, tanto para crianças e adolescentes quanto para adultos. É através da necessidade da comunidade em aprender informática e ter onde treinar e acessar a internet que o Polo vem construindo identidade e memória social. Para que o processo se efetive, Candau (2011, p. 69) ressalta “A que se atribuir essa importância que assume a nominação? Sem dúvida, isso se deve ao fato de que a memória de um sobrenome, quer dizer, a permanência no tempo de uma identidade atribuída, é uma fonte essencial da totalidade existencial”. Assim, cada nova turma que é iniciada antecede uma avaliação do público inscrito, seu perfil, faixa etária e interesses, sendo muitas vezes feita a modificação e adequação da ordem dos módulos dos cursos do Polo, a fim de manter a turma motivada e valorizando o espaço. O público jovem mantém o interesse em aprender práticas que envolvem as redes sociais e o uso do WhatsApp, já o público adulto tem interesse em práticas que envolvem o dia a dia, como o acesso a contas bancárias, realização de compras e pagamentos online, além de desenvolver independência no manejo do computador. Do mesmo modo quando identificarmos os interesses e necessidades dos alunos, agregamos ao longo do curso as especificidades pontuais, sendo através de palestras, de discussões e de socialização entre os estudantes, estimulando suas habilidades e empatia. O curso de informática do Polo é usado como instrumento de proficiência em busca da inserção dos jovens e adultos no mercado de trabalho, já que a população sem acesso a computadores sabidamente fica distanciada de grande parte das vagas disponíveis no mercado de trabalho, pois no cenário atual é predominante entres os segmentos de trabalho que diferentes vagas necessitem de habilidades de informática, seja lidando com comércio, sistemas de marcação de consulta ou de controle de estoque e tantos outros que são comuns à maioria das profissões. Dessa forma, o curso de informática promove uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Outro viés que demonstra a capacidade do Polo em promover um movimento cultural é através do maior acesso às tecnologias, é a oficina de fotografia com os alunos da educação especial do município, especificamente os alunos com altas habilidades e superdotação, posto que a Lei nº 13.239, de 29 de dezembro de 2015, estimula a parceria entre as instituições de ensino superior e a educação especial. O curso de fotografia, através de suas técnicas, tem mobilizado os alunos para outros olhares dentro dos seus

interesses, sendo parte da metodologia do curso fazer pesquisa pontual na internet e, após, prática de fotografia em diversos cenários, ângulos e técnicas, no pátio do Polo. Essa atividade é realizada no contraturno da escola e tem aumentado o interesse dos alunos em conversarem entre si sobre suas opções de fotografias, melhorando suas habilidades sociais e de conversação - especialmente para esse público, já que crianças com altas habilidades e superdotação têm predisposição a se isolarem -, e permitindo que se mantenham abertos e empáticos dentro de sala de aula, posto que normalmente são introspectivos e não gostam de estar no centro de atenções. Receber as devolutivas positivas das professoras da Sala de Recursos fortalece nossa concepção do quanto o uso de internet e tecnologias promove, além de aprendizagem, a socialização como meio de terapia ocupacional, mas também fortalecimento da identidade do Polo.

Ademais, o principal público alvo do Polo UAB são as classes sociais com menos recursos financeiros e que normalmente ficam impossibilitados de acessar o ensino superior, seja pela inviabilidade de pagar por um curso privado, ou pelo fato de que as universidades federais em sua grande maioria têm cursos integrais ou com horários que não permitem que seus alunos mantenham um emprego com horário fixo. Logo, histórica e continuamente, grande parte da população ainda se vê sendo deixada de fora do grupo que atinge a conclusão do ensino superior. Os Polos UAB formam um movimento contra esse paradigma, não só por ofertar cursos de qualidade, gratuitos e através da educação a distância, mas principalmente por oferecer o espaço físico e o acesso a computadores com internet, além dos tutores presenciais que fazem a mediação do processo de ensino e aprendizagem entre os acadêmicos e os docentes de seus respectivos cursos.

Apesar do ensino na modalidade EaD aumentar as chances dos alunos concretizarem seus estudos, muitas vezes também os assusta em função de estarem longe na maioria das vezes dos seus professores e colegas de turma. A pressão do dia a dia, dos horários de trabalho e das tarefas domiciliares com a família, muitas vezes os distancia o suficiente do curso para quererem deixá-lo. O Polo de apoio presencial procura mapear seus estudantes, em função de recebê-los na instituição, de perceber seu estado de espírito, desânimo ou alegria ao finalizar uma prova ou um trabalho postado na plataforma da respectiva instituição de ensino: é assim que muitas vezes resgatamos alunos que corriam risco de evadirem no curso, acolhemos os ajudamos a permanecerem firmes em seu propósito, através da conversa direcionada, da motivação e de ações de socialização no Polo, como a semana acadêmica dos cursos e convites para receber os

coordenadores dos cursos e professores, todos com o objetivo de manutenção e fortalecimento do relacionamento humanizado entre docentes e discentes.

Por fim, como forma de valorizar o ensino a distância, promover o patrimônio cultural dos acadêmicos e fomentar a pesquisa científica, o Polo criou a Revista Científica Digital Refugiare, em 2023, sendo atualmente o único Polo do Brasil a ter uma Revista Científica. O projeto prevê edições anuais do periódico, de acordo com regimento próprio e comissão editorial, com artigos com temas variados, desde que sempre relacionados à educação, que passarão por avaliação de uma banca especializada de pareceristas. A proposta é que as submissões e o acesso à revista se expandam além da comunidade acadêmica específica do Polo, de forma a promover maior acesso a essa modalidade de educação digital.

4 Considerações Finais

O Polo de apoio da UAB de Sapucaia do Sul, vem atuando de forma a promover o maior acesso a tecnologias digitais voltadas à educação e ao trabalho, como forma de democratizar e ampliar o acesso à educação superior. Por acreditar que a equidade digital é uma ferramenta decisiva e facilitadora na construção de um espaço acolhedor e inclusivo, com foco no ensino do pensar, refletir, dialogar, criar, o Polo de Sapucaia do Sul tem colocado na sua missão educacional a ampliação do seu público, promovendo ações que vão de aprendizagem a equidade digital não só no ensino superior, mas também criando possibilidades para os demais públicos da cidade.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Danos Colaterais:** Desigualdades Sociais Numa Era Global. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** Trad. De Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

BRASIL. **Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

MARSHALL, Catherine, ROSSMAN, Gretchen. **Designing Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage, 1999.

SCHWARTZ, G. Exclusão digital entra na agenda econômica mundial. **Folha de São Paulo**, Caderno Dinheiro, São Paulo, p. B2, 2000.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Exclusão digital:** a miséria na era da informação. Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2005.

7

A exposição memórias da escolinha de futebol: aspectos sociais e culturais[28]

Enedir Manoel Monteiro[29]
Maria de Lourdes Borges[30]

Resumo: O futebol constitui-se num veículo para uma série de representações da sociedade brasileira, transcende sua qualidade esportiva, criando relações sociais e identidades, bem como representa um forte universo. Este artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão, a partir do entendimento de Bourdieu, sobre o desenvolvimento da exposição “Memorias da escolinha de futebol de Maracajá” como produto final do mestrado profissional em MSBC, apresentado na Escola de Educação Básica Municipal 12 de Maio de Maracajá/SC que ocorreu de 09 a 11 de outubro de 2023. Foi realizado um estudo de caso qualitativo que resultou na exposição. Os resultados das análises indicam que o esporte pode ser relacionado a um poder simbólico, uma vez que as escolinhas de futebol existem com o objetivo de socialização.

Palavras-chave: escolinha de futebol; memória social; memória coletiva

1 Introdução

Para artigos, espera-se uma introdução com a contextualização geral do tema, o objetivo do artigo e outros itens que os autores acharem necessários.

O futebol constitui-se de um veículo para uma série de representações da sociedade brasileira, permitindo a expressão e vivência de problemas nacionais. Ele transcende sua qualidade esportiva, criando relações sociais e identidades, bem como representa um forte universo simbólico (Freire, 2006).

A união entre a identidade e a representação oferecem informações determinante sobre a ideia de região. Os acordos individuais e coletivos são adequados por

---

[28] Capítulo do e-book de trabalhos apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2023 na Universidade La Salle, Canoas, RS.

[29] Mestrando em memória social e bens culturais. Universidade LaSalle. E-mail: enedir.202220921@unilasalle.edu.br

[30] Professora do Programa de Pós-graduação em memória e bens culturais da Universidade LaSalle. Doutora em Administração. Psicóloga. E-mail: maria.borges@unilasalle.edu.br

idealizações simbólicas, a maior parte das vezes motivados por estruturas de domínio e organizações sociais (Bourdieu, 1984).

O entendimento de identidade regional é produzida e é sustentada através de imagens simbólicas, habitus culturais e narrativas específicas, que conseguem por colocar limites simbólicos nos diferentes territórios. A relevância da linguagem, dos costumes e dos conjuntos de crenças na organização dessas identidades regionais, revelando como esses componentes agem na interpretação dos indivíduos, ou seja, de todos que estão no jogo (Bourdieu, 1984).

Precisamos então refletir sobre o espaço, a inserção, a socialização, pois segundo Moran (2001) poderemos aprender a mudar nossas ideias, nossos sentimentos e nossos valores. Levantar uma discussão a respeito de qual seria a função das escolinhas de iniciação esportiva significa solidificar uma estreita vinculação com os objetivos da apropriação e transmissão do saber e do agir, e buscar uma postura investigativa da contextualização dentro da dimensão do esporte.

Diante do exposto, este artigo tem por objetivo apresentar como foi o desenvolvimento da exposição “Memorias da escolinha de futebol de Maracajá” como produto final do mestrado profissional em MSBC, apresentado na Escola de Educação Básica Municipal 12 de Maio, nos dias 9, 10 e 11 de outubro de 2023.

2 Referencial teórico

Trata-se de estudo de caso qualitativo que resultou em uma exposição. O público-alvo da exposição foram alunos e professores da escola e também toda a comunidade maracajense.

Tal exposição despertou o interesse do público para a prática do futebol e de seus benefícios em termos de contribuição social.

A exposição foi composta por diferentes artefatos como: fotografias (aproximadamente 25 fotos) e demais itens (camisetas, medalhas e troféus, aproximadamente 10 itens), que serão distribuídos em um biombo e mesas, em ordem cronológica, contendo legenda, informando o ano e local, bem como outras informações que façam sentido de maneira a contar a história da escolinha.

O produto, foi organizado na Escola de Educação Básica Municipal 12 de Maio, no palco da escola, local com boa circulação de pessoas (comunidade escolar interna, mais de 700 alunos e externa), bem iluminado e arejado, próximo do refeitório e cercado por

vidros. Houve também uma lista de presença, para que cada visitante deixasse seu nome assinado, servindo como indicador para o produto. A exposição teve a duração de três dias, indo do dia 11/10/23 a 13/10/23. A abertura da exposição foi no dia 11 de outubro de 2023 às 9h, contando com a presença da direção, professores, alunos, entrevistados e autoridades municipais. A escola 12 de maio, fica localizada no Município de Maracajá, no extremo Sul Catarinense, é de fácil acesso e diversos de seus alunos já participaram da escolinha de Futebol desde 1997.

O Município de Maracajá vem crescendo constantemente, por isso, a exposição de artefatos como fotos e itens buscou evocar a memória de quem frequentou a escolinha, viu alguém frequentar ou que foi em algum evento envolvendo a Escolinha de Futebol. Não há em Maracajá projeto semelhante.

O fornecimento das fotos e itens para a Memórias da Escolinha de Futebol em exposição serão emprestados a partir do acervo da sociedade local.

Para montar a estrutura da exposição serão utilizados: mesas, palco e biombos, fornecidos pela escola onde ocorrerá a exposição, bem como material informativo de cada artefato.

A realização da exposição busca um melhor relacionamento com a comunidade de Maracajá e tornar a Escolinha de Futebol mais conhecida, criando assim mais confiança com os consumidores (usuários), bem como fortalecer o nome.

Ao trazer a comunidade do município para poder conhecer o passado e o presente da escolinha de futebol, pode aproximá-los do esporte, além de incentivá-los ao estreitamento de vínculos, e assim aprofundar um sentimento de pertencer ao local.

Nessa circunstância a exposição tem um olhar como uma conexão de ideias entre o expositor e os visitantes, apresentando não somente os elementos concretos da escolinha, mas a transmissão de lembranças ajudando a evocar a memória coletiva.

De acordo com Pierre Bourdieu (1984), o valor é a autenticidade na elaboração de uma cena, corroborando com esse pensamento para fundamentar as memórias da escolinha de futebol é preciso muita atenção, uma vez que produzir um propósito emana persistência para que possa quebrar com a omissão e fazer da experiência algo que possa ser útil para as relações sociais, compartilhando os acontecimentos do passado e quebrando paradigmas.

Portanto, é pouco eficaz duvidar radicalmente das coisas que já estão há algum tempo interiorizados na sociedade. Por isso que a lógica de constituição de uma base sólida de um processo educacional tende a falhar (Bourdieu, 1984). Outrossim, esses

princípios são criados a muito tempo e todos estão presos na lógica de um padrão e de uma formalização.

Segundo Bordieu (1984) a disposição de fazer prevalecer os objetos de utilidade costumeiros nos conhecimentos coletivos, existe uma ideia de investigar um determinado campo do conhecimento, apoiada no passado das comunidades, na sua origem e funcionalidade. Descobre a importância de um lugar como uma causa própria. O que está em jogo é são as disputas pelas regiões, vários campos tem interesse em dominar, dominando conseguirá empregar o seu poder para comandar o jogo.

Relacionando as ideias de Bourdieu com a exposição sobre a escolinha de futebol, é notório que o esporte pode ser relacionado a um poder simbólico, uma vez que as escolinhas de futebol existem com o objetivo de socialização.

A teoria do capital de Bourdieu estabelece que diferentes capitais pertencentes aos indivíduos podem determinar as suas posições na estrutura de estratificação social e influenciar ainda mais o padrão de comportamentos sociais. Mais especificamente, existem três formas de capital, nomeadamente capital econômico, social e cultural. A aquisição e acumulação de diferentes capitais está vinculada à experiência de socialização individual, o que ocorre na transição do homem biológico para o homem social (Bourdieu, 1989).

No entanto, os acontecimentos no percurso de vida das pessoas não são os mesmos, e os indivíduos alcançarão várias oportunidades de vida e serão limitados por diversas situações sociais. Assim, haverá heterogeneidade nos resultados da socialização entre diferentes grupos sociais. Na formulação de Bourdieu, todos vivem num “campo” particular, que é um espaço hierárquico estruturado com regras de funcionamento e relações de poder próprias. Nesse espaço social, diferentes atores ocupam posições dominantes ou subordinadas determinadas pelo volume de cada capital e pela estrutura dos capitais (Bourdieu; Passeron, 1977).

A estrutura de capital individual, moldada no processo de socialização, pode influenciar as próprias disposições, que correspondem a hábitos particulares que refletem gostos comportamentais distintos em áreas diversas (como educação, saúde, lazer, etc.) (Bourdieu, 1989).

O capital econômico refere-se à riqueza material e aos ativos financeiros pertencentes a indivíduos ou famílias. O rendimento e os bens pessoais/familiares são frequentemente utilizados para medir a escala dos recursos econômicos de um indivíduo. Foram verificadas associações significativas entre capital econômico e

comportamentos em diferentes áreas da vida, por exemplo, famílias com maior renda tendem a conseguir estimular mais os filhos a chegarem a graus mais altos de escolarização (Bourdieu, 1989).

No contexto da teoria do capital de Pierre Bourdieu, o capital econômico refere-se aos recursos a que um indivíduo ou grupo tem acesso através da sua posição econômica, tais como rendimento, riqueza, propriedade e outros ativos tangíveis. Bourdieu argumentou que o capital econômico é apenas uma das várias formas de capital pertencentes aos indivíduos, e que estas diferentes formas de capital interagem entre si para moldar a posição social do indivíduo e as oportunidades de mobilidade social. De acordo com Bourdieu, o capital econômico é frequentemente a forma de capital mais visível e mais valiosa nas sociedades capitalistas, mas não é o único ou mais importante determinante do estatuto social e do poder (Mikkelsen et al., 2021).

O capital econômico dos pais afeta o nível de escolaridade dos seus filhos de várias maneiras. Quanto maior o capital econômico, mais as famílias investem na educação escolar. Assim, as famílias com forte capital econômico pretendem reproduzir o capital cultural enviando os seus filhos para escolas da sua escolha. Porque à medida que aumentam os privilégios da classe social, o capital cultural também aumenta na mesma proporção (Mikkelsen et al., 2021).

O capital social também é um importante determinante social que tem sido amplamente discutido. Bourdieu definiu capital social como o conjunto de recursos reais ou potenciais que podem levar ao acesso a uma rede durável de relações com maiores ou menores graus de institucionalização de conhecimento e reconhecimento com os outros grupos sociais. O capital social está significativamente correlacionado condições de vida e comportamentos individuais e similares dentro de um grupo (CIFTCI et al., 2023).

Assim, a quantidade de redes de apoio e a qualidade das ligações interpessoais são capazes de impactar uma variedade de fatores de estilo de vida, resultando no fato de que os indivíduos com redes sociais mais valiosas são menos propensos a envolver-se em comportamentos de anomia social. Em certo sentido, a noção de capital social serviu como uma ferramenta crítica para discutir empiricamente a relação entre a solidariedade social e os resultados educacionais e em outros âmbitos da vida em uma determinada comunidade (CIFTCI et al., 2023; Bourdieu, 1989).

Os indivíduos que vivem numa comunidade específica serão influenciados pelas normas comportamentais das pessoas circundantes, assim, quando mais pessoas no

entorno de uma pessoa tiverem bons hábitos e bons resultados de vida, maiores serão as chances de que ele opte por comportamentos mais positivos para seu presente e futuro (CIFTCI et al., 2023).

O capital cultural é um tipo especial de capital na teoria do capital de Bourdieu. Refere-se às coisas imateriais mantidas e compartilhadas pelas pessoas, que podem servir como uma representação simbólica do status socioeconômico de um indivíduo. Possui três formas de existência: (1) O estado corporificado, que significa a disposição adquirida ao longo da vida. Por exemplo, os hábitos comportamentais de uma pessoa podem ser formados através do processo de instrução parental; (2) O estado institucionalizado, como certificado acadêmico formal; (3) O estado objetivado, que existe na forma de objetos culturais (por exemplo, livros em casa) (Bourdieu, 1989; Bourdieu, 2013).

Neste sentido, o capital cultural pode ajudar a compreender melhor o mecanismo pelo qual se desenvolve a desigualdade social nos comportamentos em diferentes áreas da vida, dentre elas a questão educacional. Sabe-se que Bourdieu propôs a sua teoria dos capitais em França, mas isto não exclui a seu potencial aplicabilidade noutros contextos culturais (Bourdieu, 2013).

Em todos esses cenários, surgem dominantes e dominados, isso significa que as pessoas cujo capital social, econômico, cultural, enfim, as diferentes formas de capital forem mais expressivas, serão aquelas que terão mais facilidade de exercer dominação sobre as pessoas com menores índices de capital (Borurdiru, 1989).

Pereira (2011) ressalta que, no campo da educação, levar em consideração as teorias de Bourdieu é essencial para a construção de espaço mais igualitários e com menores chances de segregação e desrespeito para alguns dos membros do grupo.

Verifica-se que a educação não pode ser pautada nas diferenças que as relações sociais e os capitais de cada indivíduo e sua família formulam no perpassar do tempo, ainda que isso certamente exerça uma influência que precisa ser reconhecida para que possa ser alterada e, assim, seja possível atuar para a redução das desigualdades sociais.

3 Considerações Finais

Através da exposição foi possível trazer para a sociedade do município de Maracajá/SC as contribuições que a escolinha gerou, dentro do desenvolvimento social,

como: lazer, recreação, educação, civismo, inclusão, melhora da coordenação motora, ajuda a evitar e ou reduzir casos de obesidade, bem como fazer com que a sociedade busque por políticas públicas de incentivo ao esporte. Sobretudo, no que tange os aspectos sociais, a exposição foi capaz de promover a divulgação da escolinha, tornando-a mais conhecida e fidelizando seus usuários através da história, evocando a memória coletiva. Os resultados das análises indicam que o esporte pode ser relacionado a um poder simbólico, uma vez que as escolinhas de futebol existem com o objetivo de socialização.

Referências

BOURDIEU, P. **Distinction**: A social critique of the judgement of taste. London: Routledge; 2013.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **Reproduction in education, society and culture**. London: Sage; 1977.

CIFTCI, S.K.; et al. The effects of parental's cultural and economic capital and parental support on being an elite scientists. **PLoS One**. v. 18, n.7, 2023.

FREIRE, J.B. **Pedagogia do futebol**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MIKKELSEN, B.E. et al. Are Perceptions of Health Dependant on Social Class? Studying Soft Power and Symbolic Violence in a Health Promotion Program among Young Men at Vocational Schools. **Int J Environ Res Public Health**. v. 18, n. 14, p. 7517, 2021.

MORAN, José Manoel**. Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3. ed. Campinas-SP: Papirus, 2001.

PEREIRA, W.R. Entre a dominação simbólica e a emancipação política no Ensino Superior em Enfermagem [Higher education in nursing: between symbolic domination and political emancipation]. **Revista Escola de Enfermagem da USP**. Ago; v. 45, n. 4, p. 981-8, 2011.

8

Estratégias para tornar uma cidade inteligente[31]

Adriano Rostirolla[32]

Resumo:

O presente artigo trata de estratégias que uma cidade deve traçar para se tornar “inteligente”, antes discorrendo conceitos sobre cidade inteligente ou *smart city*. O objetivo geral foi mostrar como se atinge esse fim, planejamentos de curto, médio e longo prazos, plano de metas, parcerias públicas, privadas, com universidades e com a sociedade, permanente revisão de processos e procedimentos, tecnologias de informação e comunicação, profissionais criativos e especialistas, divulgação de dados de forma transparente à população e maior participação dos cidadãos, levando em conta suas especificidades culturais, políticas, socioeconômicas e ambientais, conforme os autores Cunha; Przeybilovicz; Macaya; Burgos (2016) e Carvalho (2019), especialista no tema cidades inteligentes. A abordagem metodológica foi feita elencando os cinco pilares do projeto de cidades inteligentes: plano de metas, tecnologias, participação cidadã, desenvolvimento de pessoas e processos e procedimentos da autora Carvalho (2019). Como resultados, foi citado o *Ranking Connected Smart Cities* e elencada a cidade de Curitiba, sendo referência de cidade inteligente no Brasil e eleita no ano de 2023 a cidade mais inteligente do mundo. Rezende, Pós-Doutor em *Strategic Digital City*, explica porque Curitiba é considerada uma *smart city*, além trazer algumas de suas iniciativas de planejametno urbano, mobilidade e serviços públicos para os cidadãos.

Palavras-chave: cidades; inteligentes; tecnologia

Introdução

Para o filósofo grego Platão (428/427 a.C. - 348/347 a.C.), na sua obra “A República” (Platão, 2017), a pólis (cidade-estado grega) deve ser governada por quem expressa o ideal de sábio, assim ela deverá ser governada pelos filósofos. Já na

---

[31] Capítulo do e-book de trabalhos apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2023 na Universidade La Salle, Canoas, RS.

[32] Doutorando em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle/ Câmpus Canoas. E-mail: adriano.rostirolla72@gmail.com. Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/4782493664733820.

concepção de Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), na obra “Política” (Aristóteles, 2019), em especial no Livro VII, a cidade é anterior ao indivíduo, estrutura-se e existe em função do bem-estar e da promoção da virtude de seus cidadãos. Maquiavel (1469-1527), em “O príncipe” (Maquiavel, 2010), defende que para se construir uma cidade perfeita o governante precisa tomar decisões difíceis e até cruéis para o bem comum. Outros filósofos, autores e especialistas se debruçaram sobre o que seria uma cidade ideal para se viver.

O debate sobre “cidades inteligentes” iniciou-se de fato na década de 1990, embora o termo “*smart city*” tenha sido criado na década de 1960, época em que progressivamente as tecnologias de informação e comunicação (TICs) eram incorporadas na infraestrutura do meio urbano. Em meados da década de 2000 a designação “*smart city*” ganha força, sendo atualmente mais utilizada, coexistindo com os termos cidade digital ou país digital.

Uma *smart city* pode ser uma cidade de pequeno ou grande porte, antiga ou ultramoderna. No presente artigo, será abordado como elevar uma cidade a ter o *status* de “cidade inteligente” tendo por base especialistas, estudos e um *ranking* no Brasil e na Europa de cidades inteligentes. Sobre a cidade de Curitiba, tida como um dos modelos de cidades inteligentes no Brasil e no mundo, serão elencadas inovações, práticas e políticas, discorrendo motivos que a elevam ao *status* de *smart city*.

2 Referencial teórico

A aspiração por melhores oportunidades de emprego, educação e de qualidade de vida motiva as pessoas a deixarem as áreas rurais para viver no ambiente urbano da cidade.

No Brasil, 84,72% da população vive em zonas urbanas, sendo que na região Sudeste este índice chega a 93%. Apenas 319 municípios (5,7% das 5.570 cidades brasileiras) concentravam 57% da população nacional em 2022. A soma da população das 27 capitais brasileiras é 22,9% do total da população de 203.080.756 habitantes recenseados (IBGE, 2022 (data-base de 1° de agosto de 2022)).

A cidade é o espaço privilegiado de desenvolvimentos político, social e econômico, onde acontecem os fluxos de conhecimento, cultura, inovação, economia e geração de riquezas, além de possuir impacto no meio ambiente. Assim, há a necessidade de a cidade constantemente aperfeiçoar a qualidade dos serviços para os *stakeholders*. Os

autores Gelpi; Kalil (2016, p.35) utilizam a seguinte definição para cidade: “É o espaço construído pelo homem que reflete o modo de vida, a cultura, a produção e as relações sociais de uma sociedade, em um determinado período de tempo”. Uma característica essencial da cidade de qualquer tempo e lugar é “a de um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens (Rolnik, 1995, p.12).

É preciso entender a cidade inteligente com um organismo vivo, dinâmico, complexo e em permanente aperfeiçoamento. O conceito de cidade inteligente está sempre relacionado com a melhoria de qualidade dos serviços que são prestados, a análise integrada de informações para as decisões e antecipações de problemas e da resposta rápida e eficaz a eventos que acontecem na cidade, como acidentes, desastres naturais, incêndios, etc.

Uma das fontes mais utilizadas para conceituar cidades inteligentes é um estudo realizado em universidades europeias no qual foi classificada a definição de inteligência urbana com base na análise de setenta cidades europeias de médio porte (Giffinger *et al.*, 2007).

No Brasil, o Ministério do Desenvolvimento Regional apresentou a Carta Brasileira para Cidades Inteligentes (Brasil, 2020), sendo “um esforço coletivo para a construção de uma ‘estratégia nacional para cidades inteligentes’”. No documento, é apresentado o seguinte conceito para cidades inteligentes no contexto do Brasil:

> São cidades comprometidas com o desenvolvimento urbano e a transformação digital sustentáveis, em seus aspectos econômico, ambiental e sociocultural, que atuam de forma planejada, inovadora, inclusiva e em rede, promovem o letramento digital, a governança e a gestão colaborativas e utilizam tecnologias para solucionar problemas concretos, criar oportunidades, oferecer serviços com eficiência, reduzir desigualdades, aumentar a resiliência e melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas, garantindo o uso seguro e responsável de dados e das tecnologias da informação e comunicação (Brasil, 2020, p. 28).

O referido documento estabelece padrões para o avanço do desenvolvimento econômico, tecnológico e sustentável, além de ampliar a análise sobre cidades inteligentes, em geral associadas somente ao uso das tecnologias da informação e comunicação sem a “conexão com os problemas concretos das cidades brasileiras” (Brasil, 2020, p.19).

Um governo inteligente implica uma gestão holística, visionária, colaborativa e transparente dos recursos e dos ativos de um território urbano. Segundo Cunha; Przeybilovicz; Macaya; Burgos (2016, p.91), os traços dessa gestão manifestam-se em:

- Intensa colaboração público-privada, com diversos atores locais para gerar compromissos na busca dos objetivos compartilhados;
- Criação de sistemas de gestão digital para a conservação do patrimônio histórico e cultural;
- Difusão da informação municipal em formatos padrão, abertos e interoperáveis para fomentar a transparência;
- Gestão eficaz do capital humano do território com a finalidade de atrair e reter talentos, profissionais criativos e especialistas de alta qualificação;
- Desenvolvimento de plataformas horizontais e integradoras da gestão de diferentes âmbitos urbanos para assegurar maior sinergia e economia de escala no uso de recursos urbanos e uma maior efetividade na prestação dos serviços;
- Maior participação e colaboração cidadã.

3 Abordagem metodológica

Cada cidade apresentará demandas segundo suas configurações culturais, políticas, socioeconômicas e ambientais que as tornam únicas. Com o seu crescimento e desenvolvimento, cresce também “a quantidade e a qualidade das informações que permitem melhor entendê-las” (Carvalho, 2019, p.14).

Uma cidade inteligente requer ação assertiva, eficiente e rápida dos gestores, que devem investir em cinco pilares que sustentarão, a longo prazo, no tempo e no espaço, o projeto de cidades inteligentes (Carvalho, 2019, p. 15-17):

- Plano de metas: define a cidade que temos, a cidade que queremos e o caminho mais rápido e eficiente para alcançar o destino idealizado. No plano, define-se o quê, o porquê, o como, o onde o quando e o valor de custo de cada projeto. Estabelece ainda prazos, metas e indicadores de monitoramento dos resultados alcançados de cada atividade definida;

- Tecnologias de informação e comunicação (TICs): são um meio que faz a cidade ser inteligente pela aplicação com sabedoria de determinadas tecnologias;
- Participação cidadã: a população deve ter direito a voz nas deciões que impactam a vida no município por instrumentos como redes sociais, *sites*, etc.;
- Desenvolvimento de pessoas: liderança, comunicação e gestão;
- Processos e procedimentos: serviços de qualidade prestado pelo município, com

a permanente revisão e mapeamento de processos e procedimentos, resultando aos servidores a clareza da ação em cada situação apresentada pela cidade.

O planejamento “deve ser precedido de um diagnóstico holístico dos problemas enfrentados pela cidade, seus pontos fortes e fracos, e das oportunidades e riscos da implementação de inovacao tecnológica” (Ruiz; Tigre, 2015, p.155). Isso corrobora os diversos tipos de demandas que cada cidade apresenta conforme as suas especificidades.

O *Ranking Connected Smart Cities*, criado em 2015 e realizado pela Urban Systems em parceria com a Necta a partir do levantamento das principais publicações nacionais e internacionais sobre o tema cidades inteligentes, conectadas e sustentáveis, lista as 100 cidades consideradas mais inteligentes e conectadas no Brasil. O levantamento se baseou em dados de 656 municípios com mais de 50 mil habitantes (IBGE, 2022) e levou em conta 74 indicadores em 11 eixos temáticos (mobilidade, urbanismo, meio ambiente, energia, tecnologia e inovação, economia, educação, saúde, segurança, empreendedorismo e governança) (RANKING CONNECTED SMART CITIES, 2023). As primeiras sete cidades colocadas nos anos de 2021, 2022 e 2023 são apresentadas abaixo:

Tabela 1 – Ranking Connected Smart Cities 2021, 2022, 2023

2021	2022	2023	Cidade
2º	2º	1º	Florianópolis – SC
3º	1º	2º	Curitiba – PR
1º	3º	3º	São Paulo – SP
15º	12º	4º	Belo Horizonte – MG
9°	8°	5°	Niterói – RJ
11°	11°	6°	Barueri – SP
5°	7º	7º	Vitória – ES

Fonte: Ranking Connected Smart Cities 2023.

4 Resultados finalísticos

Desde 2018 Curitiba figura na lista das 21 comunidades mais inteligentes do mundo. “Curitiba se destaca por sua vocação em diferentes e modernas tecnologias, incluindo

iniciativas de planejamento urbano e mobilidade sustentável (...) e alguns serviços públicos tecnológicos focados nos cidadãos", explica Denis Alcides Rezende, Pós-Doutor em *Strategic Digital City* (Sankari, 2023). Ainda segundo Rezende, dentre os destaques que impactam na vida dos curitibanos, estão:

Integração do transporte urbano e intermunicipal; semáforos integrados; aplicativos de estacionamentos; serviços de agendamentos médicos; aplicativos de saúde; bibliotecas eletrônicas nas unidades do Farol do Saber; escolas de robótica; controles digitais de movimentações de pessoas e veículos por meio de câmeras públicas com reconhecimento facial; botões eletrônicos de pânicos e ações policiais; cadastro do e-cidadão Curitiba; gestão de projetos e processos digitais para facilitar documentações municipais aos cidadãos; programa nota fiscal curitibana; guia Curitiba de turismo; plataformas de atendimentos por meio de portais com aplicações de inteligência artificial; ônibus elétricos e painéis solares; sistemas inteligentes de dados e informações dos cidadãos e do governo; redução de papéis e formulários para contribuir com meio ambiente sustentável; ampliação de portais eletrônicos (Sankari, 2023).

Curitiba foi eleita em 2023 a cidade mais inteligente do mundo. O reconhecimento foi no evento *World Smart City Awards*, em Barcelona, Espanha, em 8 novembro de 2023. O prêmio foi concedido devido a políticas públicas, ações e programas de planejamento urbano inteligentes, voltados para o crescimento socioeconômico e sustentabilidade ambiental. No tema das cidades inteligentes, esse é o mais importante do mundo, organizado pela Fira Barcelona.

5 Considerações finais

A crescente urbanização enseja muitos desafios. Uma gestão municipal inteligente deve aperfeiçoar constantemente o desenvolvimento da cidade para que ela continue sendo o fator de atração populacional, fornecendo os melhores produtos e serviços, otimizando os recursos disponíveis, gerando riqueza e proporcionando melhor a qualidade de vida da população.

É necessário ter instrumentos de planejamento, metas, comunicação com os munícipes, parcerias com o setor público, privado, universidade e sociedade sobre a cidade que se tem e a cidade que se quer conceber como uma cidade inteligente. Mídias sociais permitem a interação do governo com os munícipes, o *feedback* destes e a apresentação de resultados, além de aplicativos como o Colab (http://www.colab.re/) –

utilizado para as pessoas relatarem das demandas da cidade e de *sites* como Democracia Digital da Fundação Getúlio Vargas (http://democraciadigital.fgv.br), Pacto Alegre (http://www.pactoalegre.poa.br) e Dados Abertos POA (http://dadosabertos.poa.br), de Porto Alegre, e Programa de Metas da Prefeitura de São Paulo (https://programademetas.prefeitura.sp.gov.br/).

Conforme Michael Batty, do College of London, “Uma cidade será tão inteligente quanto o forem os seus cidadãos”, pois quem faz uma cidade inteligente são as pessoas que nela habitam, tornando-a um lugar cada vez melhor para se viver.

Referências

ARISTÓTELES. **Política.** São Paulo: Edipro, 2019.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. **Carta Brasileira para Cidades Inteligentes.** Disponível em: https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/desenvolvimento-regional/projeto-andus/carta-brasileira-para-cidades-inteligentes. Acesso em: 20 out. 2023. Brasília, 2020.

CARVALHO, Grazielle. **Cenários futuros para cidades inteligentes.** São Paulo: Trilhas Treinamento e Consultoria, 2019.

CUNHA, M. et al. **Smart Cities:** transformação digital de cidades. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania-PGPC, 2016.

GELPI, Adriana; KALIL, Rosa Maria Locatelli. **A cidade comentada**: expressões urbanas e glossário em urbanismo. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

GIFFINGER, R. et al. **Ranking of European Medium-Sized Cities**. Research Report, Vienna: University of Technology, 2007. Disponível em: https://www.smart-cities.eu. Acesso em: 28 out. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022.** 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html. Acesso em: 16 nov. 2023.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe.** São Paulo: Penguim Classics/ Cia. das Letras, 2010.

PLATÃO. **A república.** Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2017.
Ranking Conected Smart Cities 2023. Disponível em: https://ranking.connectedsmartcities.com.br/. Acesso em: 13 out. 2023.

RUIZ, Isadora; TIGRE, Anja. Smart cities além da tecnologia: gestão e planejamento para a inovação urbana. *In:* FGV – PROJETOS: cidades inteligentes e mobilidade urbana. **Cadernos FGV Projetos**, ano 10, n. 24, 2015. p. 140-157. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/11878. Acesso em: 06 nov. 2023.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANKARI, Patrícia. O que faz de Curitiba uma cidade inteligente? **Gazeta do Povo,** Curitiba, 25 mar. 2023.

9

Memória coletiva e inovação na APAE de Pedreiras-MA[33]

Graciete Rodrigues dos Santos[34]

Resumo:

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Pedreiras- MA, é uma entendida sem fins lucrativos que surgiu visando o atendimento de pessoas com deficiência intelectual e múltipla, a fim de proporcionar qualidade de vida e inclusão social. Buscando a preservação e manutenção da memória coletiva construída ao longo de décadas em Pedreiras- MA, considera-se o avanço da inovação como possibilidade para manter vivo esse acervo. Neste cenário, surge a temática desse trabalho. Pesquisa-se sobre Memória Coletiva e Inovação na APAE de Pedreiras- MA. Para tanto, analisar o processo de memória coletiva e inovação na APAE de Pedreiras /MA. Realiza-se, então, uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa seguida de um pesquisa documental. Diante disso, verifica-se que a memória coletiva da APAE é sua própria identidade pois permite que seus avanços continuem vivos ao longo dos anos; promove a preservação do seu acervo de memorias através dos registros documentais que expressam a sua trajetória histórica ao longo de décadas como uma entidade que visa o atendimento educacional da pessoa com deficiência intelectual e múltipla; a inovação alinhada a tecnologia traz para o mercado protótipos que permitem a sociedade manter vivo recordações a longo prazos, o que antes era praticamente impossível. Portanto, compreende-se que o processo de inovação torna possível a preservação da memória coletiva construída ao longo das décadas.

Palavras-chave: memória coletiva; inovação; APAE.

---

[33] Capítulo do e-book de trabalhos apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2023 na Universidade La Salle, Canoas, RS.

[34] Pos-graduada em Docencia do Ensino Superior (FACEC); Educacao Especial e Inclusiva com Enfase em Deficiencia Multiplas e Intelectual (FADYC); Licenciada em Pedagogia (FAVIX); Politicas Publicas, Gestao e Serviço Social (FACUMINAS). Bacharel em Serviço Social (FEMAF); Pedagoga na APAE de Pedreiras-Ma. Docente na Faculdade de Educacao Memorial Adelaide Franco (FEMAF). E-MAIL: gracieterodrigues37@hotmail.com e gracieterodrigues23@gmail.com

1 Introdução

Como os humanos constroem o seu próprio caminho ao longo da vida através da recolha de memórias físicas e intelectuais, sempre houve a preocupação em criar um lugar para a memória ao longo da história humana. Embora seja um tema recorrente na história da civilização, a abordagem que constrói a memória como processo de identidade. De acordo com Le Goff (1997), "a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva". (Le Goff, 1996, p. 423).

Para Halbwachs (1990) comtempla a memória como uma espécie de processo de reconstrução, devendo ser investigada, levando em conta duas questões: a primeira, diz respeito ao fato de que não se trata de uma repetição cronológica, linear dos acontecimentos e vivencias no contexto de interesses atuais; a segunda questão, é aquela que se difere dos acontecimentos e vivenciais, podendo ser evocados e localizados em um determinado tempo e espaço envoltos num conjunto de relações sociais.

A inovação é um processo intimamente relacionado à memória, porque ambos têm escopo e potencial próprios. A inovação vai além do desenvolvimento de recursos ou sistemas tecnológicos, mas dado que geralmente existem tendências tecnológicas na inovação de produtos e processos. Em relação à visão da inovação como um processo, a literatura sugere o seguinte: concentre-se em como sua organização inova. Processo de inovação de energia "criação, desenvolvimento, uso e difusão de novos produtos ou ideias" (Utterback, 1983).

Diante do exposto, levanta-se o questionamento, como a inovação contribui para o processo de memória coletiva na APAE de pedreiras- MA ? Para tanto, faz-se necessário analisar a literatura relacionada as pessoas com deficiência intelectual e múltipla, ou seja, pessoas que não se enquadram nos padrões esperados de "normalidade" "um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso" (Goffman, 1988, p.13). Este cenário prevalece há muito tempo, reforçando forte descaso e marginalização desse grupo desde o início da história.

Diante disso, surge a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) fundada no dia 11 de dezembro de 1954, na capital do país à época, a cidade do Rio de Janeiro, fruto do empenho de uma mãe americana, Beatrice Bemis, e de seu marido, com o apoio de profissionais da área de saúde, profissionais liberais e

professores envolvidos com a área de educação especial. (Januzzi; Caiado, 2013). Em Pedreiras- MA, a instituição é fundada em 18 de abril de 1998, em assembleia geral. Objetivando primeiramente "promover o bem-estar e o ajustamento social, atendendo-os em todas as idades e etapas de sua vida e em todos os espaços sociais que ocupassem". (Januzzi; Caiado, 2013, p. 8). Em um longo processo a instituição vai se reorganizando e expandindo-se pelo país.

Esse trabalho objetiva Analisar o processo de memória coletiva e inovação na APAE de Pedreiras /MA.

Para isso será realizado uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativo, "A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites."[...] (Fonseca, 2002, p. 32). Para Minayo (2001), " a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, de motivos, de aspirações, de crenças, de valores e de atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis".[...] (Minayo, 2001, p. 22) O trabalho também se debruça sobre uma pesquisa documental que visa analisar documentos de controle interno da instituição. "[...] A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais,[...] e etc". (Fonseca, 2002, p. 32) A coleta de dados foi realizada no mês de setembro/2023. Para o levantamento de dados analisou-se bibliografia sugerida pelo programa de mestrado, dentre outros. Os critérios de seleção artigos indexados na Scielo e Google acadêmico , utilizando os seguintes descritores: Memória coletiva; inovação; APAE.

2 Referencial teórico

2.1 Interligação entre memória coletiva e Inovação

Memória coletiva e a inovação são conceitos que podem ser aplicados em diversas organizações, a memória coletiva se refere à forma como um grupo de pessoas compartilha, preserva e transmite sua história, conhecimento e cultura ao longo do tempo. A relação entre memória coletiva e inovação é um tópico interessante que envolve a forma como sociedades, organizações e grupos usam sua memória compartilhada para contribuições à criatividade e à inovação. É importante destacar que Paul Ricoeur

estebelece três aporias que afetam o problema teórico da memória. Estas foram citadas em 1996, na Universidade de Madrid, em um seminário. De acordo com Ricoeur (1999, p.14, tradução livre), “a segunda aporia se refere à relação que existe entre a imaginação, enquanto função de ausência de rastros temporais, e a memória que, ainda que consista como a imaginação é uma representação, pretende alcançar o passado, constituí-lo e lhe ser "fiel”.

Através do processo de memória o homem consegue manter viva lembranças de experiências vividas, mesmo que haja em um dado momento de fragmentação dessas lembranças o indivíduo consegue resgata-las aos poucos. A memória coletiva está refere-se à soma do conhecimento, experiências, valores e tradições compartilhadas por um grupo de pessoas, comunidade ou sociedade. Ela é guardada na mente das pessoas, bem como em documentos, histórias, símbolos e práticas culturais. As memorias serão sempre coletivas mesmo que alguns fatos sejam vividos individualmente, nunca estamos sozinhos. De acordo com Halbwachs (1990) entende que as memórias individuais existem, mas são sempre influenciados por nossas vivencias, como seres sociais que somos.

> Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (2006, p. 30)

Neste cenário, o avanço tecnológico junto a inovação permitem que essas lembranças sejam guardadas não somente no inconsciente, mas, através de fotografias, documentos, drives, entre outros. Essa possibilidade de manter viva as memorias e conseguir compartilhá-las com outras pessoas independente do espaço de tempo que isso aconteça, permite construir essas lembranças coletivas. Para Pierre Nora (1993, p. 9) “A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.”

A inovação desempenha um papel importante na construção e na evolução da memória coletiva de uma sociedade, a inovação pode ser definida como processo que “envolve a criação, o desenvolvimento, o uso e a difusão de um novo produto ou ideia” (Utterback, 1983). A inovação contribui para a memória coletiva de várias maneiras,

envolve frequentemente a criação de novas tecnologias, sistemas e métodos. Essas inovações ajudam a preservar e armazenar informações de maneira mais eficaz. Por exemplo, a invenção da escrita e, mais tarde, a impressão permitiu que a sociedade registrasse e compartilhasse informações de maneira mais precisa e rigorosa.

2.2 Contribuições da inovação para memória coletiva na APAE

A história da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) remonta ao século XX, quando houve um aumento na conscientização e na preocupação com as pessoas com deficiência intelectual e múltipla, bem como suas famílias. A APAE é uma organização não governamental brasileira que se dedica a apoiar e promover a inclusão e o bem-estar dessas pessoas. A APAE foi fundada em 1954 por um grupo de pais e profissionais da área de saúde, educação e assistência social no Brasil. “sua importância social e política foi se solidificando até constituir-se na maior rede privada de educação especial do país, razão pela qual pode ser considerada como a expressão mais qualificada da relação entre o público e o privado nesse campo da educação.” (Lehmkuhl, 2021, p. 12)

Essas pessoas estavam preocupadas com a falta de serviços adequados para atender às necessidades das crianças com deficiência intelectual na época. “se deveu primeiramente a uma omissão do setor da educação pública que forçou uma mobilização comunitária para preencher a lacuna do sistema escolar brasileiro”. (Mendes, 2010, p. 99). O principal objetivo da APAE é promover a inclusão social e o desenvolvimento pleno das pessoas com deficiência intelectual e múltipla. Quando se trata de uma organização como a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), a memória coletiva desempenha um papel importante na promoção da inovação e no cumprimento de sua missão. A memória coletiva na APAE pode incluir: preservação da história da organização, incluindo como ela foi fundada, seus marcos ao longo dos anos e os valores fundamentais que a orientam, como inclusão, respeito , solidariedade e igualdade de direitos para pessoas com deficiência.

A APAE possui uma história significativa na luta pela inclusão de pessoas com deficiência intelectual e múltipla. A memória coletiva da organização pode ser preservada por meio de registros históricos, documentos, fotos e depoimentos de pessoas envolvidas ao longo dos anos. Isso ajuda a manter viva a missão da APAE e a fortalecer seu compromisso com a inclusão.

3 Abordagem Metodológica

A metodologia se refere ao conjunto de métodos, técnicas e procedimentos que são utilizados para levar a cabo uma investigação, um projeto ou uma atividade específica. “[...] modo sistematizado, utilizando para isto método próprio e técnicas específicas” (Rudio, 1980, p. 9). É uma abordagem sistêmica que ajuda a organizar e estruturar o processo de trabalho para atingir objetivos específicos de maneira eficiente e real. Com base nisso, para desenvolver essa pesquisa utilizou-se a pesquisa bibliográfica

Para Lakatos e Marconi (2001, p. 183):

> a pesquisa bibliográfica, “[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]”.

Utilizou-se uma abordagem qualitativa que Segundo Malhotra (2001, p.155), “a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”. seguida de uma pesquisa documental que visa analisar documentos sem tratamento analítico Lakatos e Marconi (2001), a pesquisa documental é a coleta de dados em fontes primárias, como documentos escritos ou não, pertencentes a arquivos públicos; arquivos particulares de instituições e domicílios, e fontes estatísticas

4 Resultados e Discussões

A APAE C.E.P. Vicente Benigno de Pedreiras é uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, localizada na Avenida Mariano Lisboa da cidade de Pedreira/MA.

Atualmente, possui um total de 110 alunos, sem contar com os que são atendidos só pela saúde. A instituição funcionava só no turno matutino. Com o avanço da demanda em 2011 na gestão da senhora Joseane Leonel Costa, passou a funcionar de segunda a sexta feira, nos turnos, matutino e vespertino. Os alunos atendidos pela instituição são crianças, adolescentes, jovens e adultos com deficiência intelectual e múltiplas.

O histórico da APAE foi levantado por meio da análise de documentos de uso interno da instituição como: regimento interno; projeto político pedagógico; estatuto.

Quadro 1 – Histórico, Contextualização e Caracterização da APAE

Eventos	Descrição
Fundação	A fundação ocorreu no dia 18 de abril de 1998, nas dependências da Av. Mariano Lisboa, nº. 1188, engenho.
Presidente atual	Inês Maria Sales de Castro
Quadro de pessoal	A APAE conta com 17 funcionários com a presidente e vice-presidente
Número de alunos	110 alunos matriculados
Atividade desenvolvidas	Rreunião, oficina, roda de conversa e palestra com as famílias. Com os alunos realiza-se aula, aula passeio, oficinas com jogos e reciclagem para fortalecer os aspectos: psicológico, psicossocial, cognitivo e a coordenação motora

Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Pedreiras surge da necessidade de uma educação igualitária que tendesse as crianças, adolescentes, jovens e adultos com deficiência intelectual e múltipla. Articula ações de defesa de direitos e prevenção, orientação, prestação de serviço, apoio a família direcionado a melhoria da qualidade de vida da pessoa com deficiência e a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

No momento temos uma APAE aberta à comunidade, composta pelo sistema de atendimento inclusivo, educação, saúde e assistência social, pelos quais se busca a melhor forma de atendimento aos alunos e as famílias no âmbito da saúde, educação e assistência social. Analise da estrutura física da APAE foi feita in locus pelo próprio pesquisador com autorização da presidência.

Figura 1 - Fachada da APAE Pedreiras

Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

O funcionamento da instituição depende de cooperação de voluntariado e da esfera pública municipal, que coopera contratando os profissionais da educação e cedendo alguns da saúde para manutenção e funcionamento normal com sucesso.

Todas as atividades da APAE são devidamente registradas em documentos e garantem o controle da instituição, assim como, registro e armazenamento da memória coletiva através de vídeos, fotos, relatórios, entre outros.

Figura 2 – abertura da semana nacional da pessoa com deficiência intelectual e múltipla 2023

Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Figura 3 – Projeto órgãos do sentido 2022

Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Como em todo início, não foi fácil, um projeto abrangente nos aspectos de atender a demanda, fornecendo melhoramento na educação, saúde e bem-estar social.

Figura 4 – visita ao Parque João do Vale no dia da árvore 2022

Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

A memória coletiva na APAE abrange as lições aprendidas ao longo de décadas de trabalho com pessoas com deficiências. Isso inclui práticas bem-sucedidas, estratégias experimentais e compreensão profunda das necessidades que a APAE atende. Manter e preservar essa memória é crucial para a continuidade bem-sucedida da organização.

5 Considerações Finais

Portanto, a relação entre memória coletiva e inovação na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) é de extrema importância para o funcionamento eficaz dessa organização. A memória coletiva refere-se à acumulação de conhecimento, experiência e tradições ao longo do tempo dentro da instituição. A inovação, por outro lado, envolve a introdução de novas ideias, práticas e abordagens para enfrentar desafios em constante evolução. A memória coletiva e a inovação na APAE são interdependentes. A memória coletiva oferece uma base sólida de conhecimento e experiência, enquanto a inovação permite que a organização evolua e atenda às crescentes demandas e desafios das pessoas com deficiência. Encontrar maneiras de equilibrar e integrar esses elementos é essencial para o sucesso contínuo da APAE no apoio às pessoas com deficiência e suas famílias.

Referências

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** UEC: Fortaleza, 2002. Apostila.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda,1990.

JANNUZZI, G. M. CAIADO, K. R. M. **APAE:** 1954 A 2011: Algumas Reflexões. Autores Associados. 2013.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopse Estatística da Educação Básica MEC/INEP – 2020. Brasília, DF: MEC/ Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados abertos/sinopses-estatísticas/educacao-basica Acesso em 30/09/2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A**. Fundamentos metodologia científica.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 4. ed. Campinas-SP: Unicamp, 1996.

LEHMKUHL, M. de S**.** A filantropia como gênese da Educação Especial. **Revista Educação Especial**, v. 34, p. 1-15. 2021. Disponível em:https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/42685.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MENDES, E. G.. Breve histórico da educação especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogía**, v. 22, n. 57, may/ago. 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

NORA, P.; KHOURY, T. Y. A. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

UTTERBACK, J. The dynamics of product and process innovation in industry. In: HILL, C; UTTERBACK, J. **Technological innovation for a dynamic economy.** New York, Pergamon Press, 1983. p. 40-65.

UTTERBACK, J.M**. Mastering the dynamics of innovation for a dynamic economy**. Nova York: Pergamon Press, 1983.

10

Aruanda é logo ali: memória, resistência e criatividade da umbanda de mãe Jovelina[35]

Alexandre Machado da Silva[36]
Marcelo Alexandre de Azevedo[37]

Resumo:
Aruanda[38] é logo ali? O objetivo do artigo é apresentar uma faceta importante para afro-umbandistas e pessoas de outras denominações religiosas a partir de vivências com Jovelina Santos – figura icônica e emblemática, conhecida como: Mãe Jovelina do Pajé Peri, a sacerdotisa em atividade, mais longeva, do município de São Leopoldo, RS. Liderança de Umbanda da região do Vale do Rio dos Sinos. A partir de uma análise documental e transcrições sobre escritos, fotografias e audiovisual, as abordagens serão ancoradas nos autores Bourdieu, Karpinski e Passos relacionando-os em articulação com materiais acessados na Casa de Umbanda Pajé Peri sediada na cidade de São Leopoldo/RS. Mãe Jovelina e sua atuação representam a unidade na diversidade, por promover a liberdade da construção epistemológica nas relações sociais, nos espaços em que circula, Bourdieu diria promovendo um “sistema de rede” (Bourdieu, 2010).

Palavras-chave: Aruanda; práticas ancestrais; povos tradicionais.

1 Introdução

[35] Capítulo do e-book de trabalhos apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2023 na Universidade La Salle, Canoas, RS.

[36] Graduado em Psicologia (Bacharel) – UNISINOS, mestrando em Memória Social e Bens Culturais pela UNILASALLE – Canoas/RS. Diretor Geral da Casa de Cultura Aruanda – São Leopoldo/RS, preside o Centro de Umbanda Cacique da Lua e Oxum das Cachoeiras – São Leopoldo/RS.

[37] Graduado em Filosofia (licenciatura plena) - UNISINOS, mestre em educação pela UFRGS e doutorando pelo PPG em Memória Social e Bens Culturais do UNILASALLE – Canoas/RS. Está coordenador da Unidade de Programas Educacionais da Secretaria Municipal de Educação em Esteio/RS, preside o Conselho Municipal de Educação, é vice-presidente, da Cooperativa de Conteudistas(COONTEUDO) de Porto Alegre/RS.

[38] É a nominação dada a um lugar no plano espiritual para diferentes tradições, em especial para a umbanda, considerada para essa tradição Terra Sagrada dos Orixás. Local místico onde vivem todas as entidades de luz que habitam a cultura africanista e afroindígena da Umbanda. Pode significar o local de trabalho dos espíritos cuja evolução os credencia a trabalharem intermediando a relação entre os planos físico e espiritual, esse trabalho resulta no bem e caridade.

Mãe Jovelina contribuiu e contribui para a memória, resistência e criatividade da cultura Afro-umbandista da região, durante toda a sua vida religiosa, essa mulher visionária, soube combater o preconceito e a discriminação das religiões de matrizes culturais africanas com a magia do amor e uma “pitadinha” de oralidade nos encontros. As suas narrativas e histórias carregam saberes e práticas ancestrais, afro-indígenas que influenciaram não só a construção do conjunto de preceitos e regras do seu terreiro, mas toda uma maneira de cuidar e zelar pelo bem-estar do próximo.

Hoje, no alto de seus 98 anos de existência e 69 anos dedicados a caridade, Mãe Jovelina segue com força e vigor por essa tradição espiritual brasileira, distribuindo e reinventando memórias que dialoguem com o respeito e a identidade dos Povos Tradicionais. A pretensão do artigo é trazer uma de suas narrativas mais belas. Um verdadeiro convite para conhecermos Aruanda. Uma imersão ao Sagrado coletivo da Umbanda de Mãe Jovelina e a potência da sua oralidade como ferramenta criativa para combater os campos hegemônicos eurocentrados[39].

É visível a remontagem da importância dessa personalidade para o universo das religiões de matriz africana e a própria umbanda, e para o campo do pensamento intelectual engajado na superação do paradigma limitante de recorte colonialista. A pesquisa destaca a força criativa dessa mulher decolonial e o seu respeito para com a sua ancestralidade, um forte contraponto a certa tendência contemporânea de achatamento das consciências.

> A eficácia simbólica poderia encontrar seu princípio no poder que da sobre os outros, e especialmente sobre seu corpo e sua crença, a capacidade coletivamente reconhecida de agir por meios bem diversos, sobre as montagens verbo-motores mais profundamente ocultas, seja para neutralizá-las, seja para reativá-las fazendo-as funcionar mimeticamente. (Bourdieu, 2009, p. 113).

O mimetismo da “eficácia simbólica” incute um determinado *habitus*[40], cujas disposições são duráveis e legadas de geração em geração. Nessa transferência constituem um ethos permeável a um pensar, sentir e agir, interagir e transformar o mundo, cujos significados e significantes introduzem certa durabilidade nos processos sociais, não excluindo a possibilidade de sofrerem corrosão a partir de fenômenos externos a esses.

---

[39] É uma proposição sobre a qual a Europa coloca-se como referência principal ao mundo, com reflexos culturais a outros povos, tendência no campo do pensamento humano surgida na era moderna.

[40] Para Bourdieu trata-se de maneira genérica da de extratificação e regulação de um contexto societário.

Percebe-se que na Umbanda de Mãe Jovelina, seus ensinamentos, relevantes, são constantemente revisitados. É como se fosse comparado a um processo de aprender com frequência diária à escola. A sua forte conexão com as suas raízes pavimentam a estrada dos valores dessa cultura popular brasileira, chamada Umbanda. Ela tem esse dom. Algo que nos cativa. Que nos convida a sermos protagonistas de histórias que vão além do nosso conhecimento.

Quando nos damos por conta, ela já nos inseriu nesse mundo de afetos e símbolos. E lá, somos todos livres. Ela possui uma maneira diferenciada, dinâmica de transmitir os seus conhecimentos. Incorpora uma variedade multifacetada de um patrimônio cultural vasto e surpreendente que, por sua vez, abre caminhos para o rompimento das forças hegemônicas.

Mãe Jovelina se põe em roda e, nos faz viajar num tempo espaço, onde o manifesto sagrado da Umbanda, rompe com as paredes eurocentradas, e se apresenta, nos apresentando as suas origens, a sua gênese – e os jardins de Aruanda. De cantos a encantos, contos e lendas as pessoas vão descobrindo os caminhos para estarem nesse lugar místico e encantado. Mas real e muito verdadeiro. Tão verdadeiro que ela segue semeando essas histórias. Histórias que vão de caboclos a caboclas, Pretos e Pretas-Velhas, de Exus a Pomba-Giras. Tudo transmitido de forma oral, afetuosa e criativa.

A cada oportunidade de estar ao lado de Mãe Jovelina percebe-se a potência dessa mulher que enfrentou as adversidades da vida, conforme ela mesma conta sempre alicerçada e amparada pelo sagrado. Seu saber ancestral promove aberturas e transformações nas relações para um despertar ainda mais amoroso e fraternal.

Em uma dessas ocasiões, em seus relatos, quando fora convidada entre os anos de 1958 e 1968, ano de construção do Santuário Padre Réus, por padres daquela congregação para falar sobre a Umbanda, sua popularidade já era bem grande, pois o seu terreiro já contava com cinco anos de atividades. Muito antes do início das obras do Santuário. E ela já contava com mais de quinze anos de trabalhos prestados a comunidade Leopoldense.

Pois, por dez anos, fora benzedeira da região. Nesse encontro inter-religioso, ao lhe ser dado à oportunidade de fala, ela então usa toda a sua rede de apoio espiritual e descortina a visão preconceituosa e enraizada em setores da sociedade de que as entidades umbandistas são seres demoníacos, resgatando a importância do sincretismo

adotado por nossos ancestrais, para seguirem cultuando o sistema de crenças, das raízes ancestrais para uma expressão cultural legítima de nossas comunidades.

Por ter grande conhecimento de ritos e rituais, e por conhecer muito sobre a cultura afro-umbandista, ela buscou habitar e povoar a vida das pessoas através das características de cada entidade. Criando processos de adaptação narrativa para potencializar a energia interna de cada pessoa que a procura. Suas orientações construíram e constroem caminhos, linhas que se convergem, se cruzam e emergem para uma vida mais digna e liberta. O seu corpo-comunidade é praticamente um quilombo.

Diariamente, ela recebe uma grande quantidade de pessoas que sofrem pelo preconceito e a discriminação étnico-racial. De crianças a idosos todos são acolhidos amorosamente e orientados. A cada encontro, é possível conhecermos um pouco mais sobre a sua memória de quase um século de existência.

2 A magia da oralidade

Para esta pesquisa é adotado o registro da oralidades para (re)transmitir experiências já vividas com Jovelina Santos através de toda a sua bagagem epistêmica afrocentrada. O convívio com essa lenda viva da Umbanda é ter a oportunidade de registrar na nossa mente, corpo e alma: a sua memória, a sua identidade cultural e o seu corpo-comunidade – que acolhe a todos, com carinho e axé, no seu colo de mãe zelosa. Através das suas narrativas é possível deleitar-se com padês[41] epistemológicos, psicológicos e reflexivos que foram e são arriados[42] pelo percurso da encruzilhada de afetos. Local de encontro entre ela e a quem a procura. Dentre as inúmeras vezes vivenciados pelos mais próximos, há relatos de experiências sobre o alimento ofertado pelo manancial inesgotável de Mãe Jovelina – aprendendo de forma amorosa a ressignificar os enfrentamentos da vida.

> [...] a memória pode provocar a inovação, pois o seu conteúdo é sempre atualizado, ressignificado, reelaborado ou inovado de acordo com cada nova demanda". (Karpinski; Cândido, 2019, p. 92).

---

[41] Dentro da Umbanda o Padê não é uma oferenda, apesar do uso de elementos alimentares, como pimenta, farinha, água, cachaça, mel e dendê, sendo um componente da cerimônia em honra a Exu um mensageiro, sendo ele quem avisa que vai ser feito um ritual.

[42] Na cosmogonia das religiões de matriz africana, especialmente a iorubá, ao "arriar" uma oferenda, há uma conexão e perpetuação da troca de força sagrada entre os mundos do divino oculto e profano visível, onde a energia está em tudo, tendo maior afinidade com um ou outro orixá.

Nesse sentido Mãe Jovelina participa ativamente na vida da comunidade. Gerando novas perspectivas, impulsionando as pessoas a se reinventarem. Sendo uma escola viva e pulsante do saber/fazer ancestral.

Em todos os encontros vivenciados junto a mãe Jovelina há grandes aprendizagens sobre Aruanda. Entre tantas informações valiosas, ela indica esse lugar – como são e, o que fazem os moradores de lá. E como essa comunidade se acolhe – e nos acolhe. Para as vivências espirituais e no campo da memória, é algo tão profundo e belo que gera maravilhamento com seus relatos. Há impacto em cada frase dita por Mãe Jovelina, gerando um sentimento sobre o qual, reside uma experiência sobre como seria ao sermos novos moradores daquele local. Então avistamos que Aruanda é logo ali.

3 Significados de Aruanda...

Viver em Aruanda, território Sagrado, lugar que podemos chamar de nosso. Sim, nosso! De todes, da Ancestralidade. Da força que vem dos Orixás, às Divindades da natureza. Um cantinho de todes nós. Dessa transitoriedade, que tanto nos faz falta, que vem de Exu, o Senhor dos caminhos. De narrativas, balbuciadas, falas, contadas, “gestualizadas”, sentidas, rasgadas no clamor e no toque do tambor, aos nossos antepassados. Esse lugar que nasce do som, do vento que teima em soprar, do assoviar, do chamado, do canto dos sabiás. Do jardim florido que colore o nosso dia-a-dia e perfuma o nosso pensar. Fazendo morada a todos olhares, dando passagem a sonhos, sendo possível proseamos contos e cantos com os antigos, como numa gostosa conversa com os Vovôs e as Vovós, os Pretos e Pretas-Velhas[43].

Neste lugar, os rios não têm direita nem esquerda. Não existem guerras cartográficas por territórios, pois as águas se conversam e se convergem, sem discriminação. Uma vai aceitando a outra, formando um novo curso, um novo caminho, delineando o chão. Gerando infinitas possibilidades para as telas dos artistas da vida. Em Aruanda, Frantz Fanon, Grada Kilomba, Jeferson Tenório, Conceição Evaristo, Everson Jaques Vargas e tantos outros são nomes de rua, na periferia de: “Eu só sou porque somos”. Cantinho onde moramos. Na nossa comunidade a construção da igualdade não é

[43] Linha de trabalho da Umbanda, os Pretos Velhos, são as entidades mais antigas, possuidoras de um vasto conhecimento da vida e dos seus mistérios. São espíritos ancestrais poderosos que trazem consigo a humildade, a sabedoria, a generosidade, o acolhimento e os benzimentos para as mazelas da alma e do corpo.

um desafio, mas sim uma conduta, uma ideologia de vida, que liberta a todes, sem discriminação.

Por isso, vive-se em uma casa cheia. Cheia de amor, de movimentos de afeto, de experiências potentes, de um saber/fazer, que se cruza em conexões e compartilhamentos através dos cosmo-sentidos, que vão para além dos corpos e corpas já pré-definidos pela sociedade capitalista e selvagem. Lá temos a cor da noite. Somos todes pretos, indígenas, gordos, pobres, gays, trans. Somos a herança da história. A diferença que conversa, se escuta e faz a diferença.

Essa vivência sem o açoite da desigualdade, sem o prejuízo da cristalização dos corações desfragmentados pelas políticas não sociais, criadas e gerenciadas pelo patriarcado colonizador. Em Aruanda a(o)s vizinhos usam colares de conchas, flechas, zarabatanas, cocares. Trafegam em arco-íris com a velocidade da luz. Se banham nas águas doces de Oxum[44], se pertencendo. E se multiplicam nos mares de Yemanjá[45], num coletivo decolonial.

Durante toda sua existência a casa nunca encontra-se vazia, uma obra inacabada, um lugar com sofrimento. Nem na hora do silêncio o movimento para por lá. Pois, ao cair da madrugada, no descanso dos justos, o convite faz morada para juntes dançarmos, em roda no toque do tambor, no Xirê[46] dos Orixás. Nesse ambiente os sonhos são acalentados e, o desejo que pulsa, de ver um mundo mais cordial, aberto, interseccional. Mundo esse que dialogue com as diferenças, expandindo, assim, os caminhos para um convívio de paz e igualdade. Passos (2020) nos convida a pensarmos, juntes sobre: “Quais são os corpos que podem acessar o direito de existir? Quais são os corpos e subjetividades que podem se expressar, ter acesso à vida e às condições de subsistência?”

Refletindo sobre essas questões, observamos que fora de Aruanda em outros domínios, onde o colonialismo, ainda, impera - potencializando o racismo, a discriminação, o machismo e a invisibilidade do negro, da mulher e das pessoas LGBTQIA+ geram ações constantes de um sofrer doloroso para aquela(e)s considerados irmãos e irmãs da umbanda. Não importando se por via mar, através dos navios negreiros

---

[44] Orixá iorubá sincretizada com Nossa Senhora da Conceição, santa dos católicos. É a Orixá que habita no Sagrado Feminino. Senhora das águas doces, é considerada a Mãe Sagrada da Umbanda.

[45] Orixá africana sincretizada com Nossa Senhora dos Navegantes, santa dos católicos. Yemanjá é a dona das águas salgadas. É considera a Mãe Universal da Umbanda.

[46] Roda ritualística realizada em louvação aos Orixás.

ou no holocausto que desumaniza e objetifica os corpos e corpas lançados no mar dos tormentos. Seja ele físico ou mental.

Podemos pensar nesse lugar como um refúgio criativo contra a hegemonia das forças eurocentradas? Ou de fato a discriminação e o preconceito de raça, gênero e de classe social sempre irá existir como a força maior, que impulsiona e move o mundo?

Ao responder sobre essa condição, podemos em um primeiro momento, reconhecer o paradigma predominante no atual modo de produção da vida humana, e a submissão dos sujeitos a uma "instituição". Nos ajuda dialogar com Bourdieu e seu conceito de *apparatchick*, que seria "*o aparelho feito homem e podem-se- lhe confiar as mais altas responsabilidades, pois ele nada pode fazer em prol de seus interesses"* (BOURDIEU, 1998: 95). Nessa consagração de um modo produtivo que descaracteriza as identidades, tornando-as "únicas", qualquer condição de convivência e inclusive de trabalho é suportada, mesmo as pessoas a percebendo, chegando a ter apreciação por esse modo produtivo, por justificativas históricas e de herança.

Ao responder concretamente sobre a possibilidade contra-hegemônica de Aruanda, ser um lugar aglutinador de forças simbólicas em comunhão com as diversidades e o respeito democrático as diferenças, novamente Bourdieu nos dirá ser essa relação que é de luta com grande investimento no campo simbólico, que supere o "mundo social" das classes dominantes. Assim, "as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulados pelos agentes" (BOURDIEU, 1998:11).

4 Conclusão

É preciso por essas questões em debate, fazer a palavra circular, nos mais diferentes meios de acesso ao saber. Em Aruanda todes somos chamados de doutores. Não há vez para a invisibilidade das diferenças, pois, acessamos as diversas academias da vida, da nossa ancestralidade. Proporcionando aos nossos habitantes as devidas aberturas nos espaços sociais.

> É por meio do compromisso social, político e ético que alcançamos pessoas às quais nunca chegariam na universidade devido à desigualdade estrutural, ao racismo, ao patriarcado, à LGBTfobia o que promove uma restrição a universalização do ensino superior. (Passos, 2020, p. 72).

Há um lugar, um caminho a ser percorrido. Onde haja uma grandiosa encruzilhada de encontros, que proporcionem acontecimentos que irão dialogar, de forma pacífica e ordeira para a quebra da hegemonia da branquitude e dos seus campos discriminatórios. Nem que seja preciso convocar através dos atabaques a força de Pai Xangô[47], o Senhor da Justiça. Ou de cada um dos Orixás, para que de fato, possamos acabar de vez com o racismo, o sexismo, o machismo, o elitismo, e a cisheteronormatividade.

Vivemos num lugar, onde as casas são cheias, cheias de uma beleza coletiva que rompe com os paradigmas, os dogmas e as regras desse colonizado patriarcal. Vivemos num lugar em constante construção de uma produção do cuidado de si e dos demais. Desde o curumim[48] até o morubixaba[49]. Vivemos num lugar habitado por pessoas que criticam o racismo no canto aos Orixás.

De pessoas que repudiam o machismo louvando ao Sagrado Feminino de Gaia, a nossa Mãe Terra, a geradora de todes os seres. Vivemos num lugar que grita por liberdade como o retumbar de um trovão, que vem rasgando o céu de uma ponta a outra. Fazendo poesia em movimento. Vivemos em Aruanda, num lugar acolhedor, todinho nosso, sem dor, sem sofrimento. Um lugar dentro de nós.

O sentido da presente escrita, pode ser percebida na busca de uma inteireza em resgatar uma personalidade forte para um campo teórico e acadêmico associado ao reconhecimento dos fazeres da oralidade, portanto cabe destacar todo o material não se encontra atualmente catalogado, sugere-se uma organização nesse sentido, para posterior aproveitamento do material em outros escritos de vulto acadêmico.

Referências

BOURDIEU, P. Compreender. In: BOURDIEU, P. (org.). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico da ed**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático, título original Sentido Prático**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

KARPINSKI, Cezar; CÂNDIDO, Ana Clara. Memória e inovação: uma aproximação necessária. **Ciência da Informação**, v. 48, n. 2, 2019.

---

47 Orixá iorubá sincretizada com São Gerônimo, santo dos católicos. É o quarto Rei da dinastia Oyó. Senhor dos rios e trovões. Na Umbanda é a entidade da justiça.

48 Crianças indígenas.

49 Indígena mais velho, o ancião da tribo

PASSOS, Maria Clara Araújo dos; PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Do epistemicídio à insurgência: o currículo decolonial da Escola Afro-Brasileira Maria Felipa (2018-2020). **Cadernos De Gênero E Diversidade**, v. 7, n. 1, p. 118–135, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.9771/cgd.v7i1.43442.

Nota de agradecimento: Em conclusão, expressamos nossa sincera gratidão à Capes e a Unilasalle. A parceria entre estas instituições que promovem o desenvolvimento de pesquisas, resultam não apenas em avanços científicos, mas também na formação de profissionais capazes de contribuírem significativamente para o progresso de nossa sociedade. Aos professores e professoras do PPGMSBC da Universidade La Salle de Canoas, pela contribuição teórica e acadêmica valiosa para o nosso entendimento e escrita do tema proposto.

11

A afirmação da identidade e da cultura negra: um estudo à luz de Pierre Bourdieu[50]

Paola Verdun[51]

Lúcia Regina Lucas da Rosa[52]

Resumo:

Este trabalho é um recorte da Tese de Doutorado[53] cujo tema é a dança afro-brasileira e sua relação com a docência. Assim como esta dança, outros elementos também são vistos como sistemas simbólicos (BOURDIEU, 1989) como a arte, a religião, a língua, os quais constroem simbologias ao mesmo tempo em que são construídos, e por isso são considerados pelo autor como estruturas estruturantes. Tratam-se também de produções simbólicas que funcionam como instrumentos de dominação em que uma cultura dominante tem o poder de designar quais outras culturas são as menos importantes. Assim, objetiva-se articular conhecimentos acerca de um elemento de afirmação de identidade negra - o tambor - como presente no caráter hábil das estruturas onde está imersa a sua cultura, a partir do texto de Paradiso e Gonçalez (2014), que analisam a identidade negra e a religiosidade afro-brasileira valorizada neste instrumento de percussão. Para isso, lança-se mão do aporte teórico de Bourdieu (1989), caracterizando este estudo como uma revisão narrativa. Conclui-se que o tambor representa uma forma de preservar e valorizar a memória e a história dos ancestrais africanos, que contribuíram para a formação da sociedade brasileira; e também é um patrimônio cultural imaterial que deve ser reconhecido, respeitado e protegido como parte da diversidade e da riqueza do Brasil. É um símbolo de resistência, de identidade e de memória para os povos negros que foram escravizados e oprimidos ao longo da história brasileira. Assim, considera-se importante pensarmos na história do negro contada pelo negro e não pelo colonizador,

---

[50] Capítulo do e-book de trabalhos apresentados no V SOCULT - Seminário Gestão Cultural e Gestão Social, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2023 na Universidade La Salle, Canoas, RS.

[51] Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais (UNILASALLE), Mestra em Educação (ULBRA), Licenciada em Dança (ULBRA) e graduanda em Letras - Língua Portuguesa (UNILASALLE). Revisora de livros e textos acadêmicos. Bolsista CAPES/PROSUC. E-mail: paola.202210698@unilasalle.edu.br.

[52] Doutora (2012) e Mestre (1996) em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, área de Literatura Brasileira, Especialização em Reconstruindo o ensino de língua e literatura pelo Centro Universitário La Salle (1998), Especialista em Docência universitária na contemporaneidade (2020) e em MBA em gestão de instituições de ensino superior (2017) pela UCS-RS e graduada (1988) em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC-RS. Atualmente, coordenadora do curso de Letras na Universidade La Salle - Unilasalle, Canoas-RS, professora adjunta III no curso de Letras; professora e pesquisadora no PPG Memória Social e Bens Culturais na Unilasalle.

[53] Esta pesquisa está sendo realizada com o apoio do benefício de uma Bolsa CAPES/PROSUC.

compreendendo-se a importância de uma história não reificada, que, quando coisificada, excluiu o negro da sociedade brasileira desde sua origem até os dias atuais.

Palavras-chave: identidade; habitus; cultura afro-brasileira; tambor.

1 Introdução

Este trabalho é um recorte da minha Tese de Doutorado cujo tema é a dança afro-brasileira e sua relação com a docência. Assim como esta dança, outros elementos também são vistos como sistemas simbólicos (Bourdieu, 1989) como a arte, a religião, a língua, os quais constroem simbologias ao mesmo tempo em que são construídos, e por isso são considerados pelo autor como estruturas estruturantes. Tratam-se também de produções simbólicas que funcionam como instrumentos de dominação em que uma cultura dominante tem o poder de designar quais outras culturas são as menos importantes. Neste contexto emerge a violência simbólica, que é a dominação de uma classe sobre a outra, assim como ocorreu no processo de dominação cultural imposto aos negros que foram escravizados na América.

Assim, objetiva-se articular conhecimentos acerca de um elemento de afirmação de identidade negra - o tambor - como presente no caráter hábil das estruturas onde está imersa a sua cultura, a partir do texto de Paradiso e Gonçalez (2014), que analisam a identidade negra e a religiosidade afro-brasileira valorizadas neste instrumento de percussão. Para isso, lança-se mão do aporte teórico de Bourdieu (1989), caracterizando este estudo como uma revisão narrativa.

A partir da próxima seção revisa-se brevemente a obra O Poder Simbólico, de Pierre Bourdieu (1989), para em seguida articular pontos de interesse desta leitura aos autores Paradiso e Gonçalez (2014) em sua análise sobre o tambor no poema Atabaques, de Oliveira Silveira (1981). Por último, tecem-se algumas considerações finais e as referências.

2 O poder simbólico em Bourdieu

Em sua obra, Bourdieu (1989) nos convida a tentar perceber onde o poder simbólico está, já que se coloca de modo invisível, dificultando, tanto a quem o exerce quanto a quem o sofre, identificá-lo. Os sistemas simbólicos (arte, religião, língua) são passíveis de análise, por isso são estruturas estruturadas, privilegiadas pela atividade produtora da

consciência. Em uma primeira síntese, o autor nos aponta uma ordem gnoseológica para o poder de construção da realidade:

> O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. (Bourdieu, 1989, p. 9).

Assim, também, uma cultura dominante tem o poder de designar quais outras culturas são as subculturas, ou seja, são menos importantes. Então essas produções simbólicas funcionam como instrumentos de dominação. Na sua segunda síntese, o autor destaca a violência simbólica, que é essa dominação de uma classe sobre a outra, que "domestica os dominados" (Bourdieu, 1989, p. 11).

> A história da transformação do mito em religião (ideologia) não se pode separar da história da constituição de um corpo de produtores especializados de discursos e de ritos religiosos, quer dizer, do progresso da divisão do trabalho religioso, que é, ele próprio, uma dimensão do progresso da divisão do trabalho social, portanto, da divisão em classes e que conduz, entre outras consequências, a que se desapossem os laicos dos instrumentos de produção simbólica. (Bourdieu, 1989, p. 13).

No processo de dominação cultural imposto aos negros que foram escravizados na América, junto ao seu corpo também foram sequestrados os conjuntos e as riquezas culturais de que dispunham, incluindo sua religiosidade, sua língua, seus costumes e ritos. Foram sujeitos que tiveram sua expressão e existência reprimidas e violentadas; e até hoje sofrem as consequências do epistemicídio que lhes foi imposto.

Para o autor, os espaços sociais em que o agente viveu, os valores e saberes que permearam estes espaços, foram e são por ele reconhecidos, selecionados, articulados, consciente ou inconscientemente, configurando quem ele é, de acordo com sua própria percepção. O habitus, mobilizado no processo de ensino-aprendizagem e na formação da consciência histórica: "trata-se de disposições adquiridas pela experiência, logo, variáveis segundo o lugar e o momento" (Bourdieu, 2004, p. 21). E isso vale para o campo artístico, de produção cultural, intelectual, econômico, editorial, da alta costura, político, social, entre outros.

Também, para o autor, toda a ação histórica diz respeito a dois estados da história (ou do social):

> [...] a história no seu estado objetivado, ou seja, a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direito, etc, e a história no seu estado incorporado, que a tornou habitus. (Bourdieu, 1989, p. 82).

Assim, a atualização de uma história é consequência do habitus como aquisição histórica. Passa a ser uma história feita corpo, atuando e trazendo de volta aquilo que a leva. A história só se transforma em ação histórica se for assumida por aqueles cuja história a isso os predispõem. Ou seja, esses sujeitos, para constituir uma ação histórica que seja sua, devem interessar-se em fazê-la funcionar em seu grupo. Temos assim, também, "uma relação de pertença e de posse em que o corpo apropriado pela história se apropria [...] das coisas habitadas por esta história" (Bourdieu, 1989, p. 83). Então, fundamental é este agente tornar-se interessante e ser reconhecido em seu grupo. O papel social desempenhado por estes agentes, como um grupo, é o que torna a sua história "atuada e atuante", a partir daquilo que foi incorporado, que se tornou habitus para o grupo (Bourdieu, 1989, p. 87).

Quando levamos estes pressupostos para dialogar com a história do negro no Brasil, por exemplo, observa-se que a ação, ou seja, as maneiras de fazer socialmente apreendidas pela mente e pelo corpo, assim como a hexis – a dimensão corpórea do habitus (Peters, 2021), são muito importantes para pensarmos na história do negro contada pelo negro e não pelo colonizador. Compreende-se a importância de uma história não reificada, que, quando coisificada, excluiu o negro da sociedade brasileira desde sua origem até os dias atuais.

> O seu corpo, em que está inscrita uma história, *casa-se com* a sua função, quer dizer, uma história, uma tradição, que ele nunca viu senão encarnada em corpos ou, melhor, nessas vestes <habitadas> (sic) por um certo habitus [...] (Bourdieu, 1989, p. 88).

No entanto, para algumas comunidades negras, nascer negro é uma consequência histórica familiar, por laços de sangue, de cor de pele; mas tornar-se negro é criar outra consciência. É tornar esse habitus outra coisa além de apenas uma dimensão corpórea. É tornar esse habitus atuante nas lutas antirracistas, na ampla difusão de sua cultura e na afirmação de sua identidade, continuamente.

Ao discutir, apoiada no autor, sobre a noção de região, pode-se expandi-la para outras esferas, não apenas geográfica. Para Bourdieu (1989), por exemplo, na ideia de identidade étnica ou regional, os atos de percepção e apreciação, desde os critérios como

a língua ou o sotaque, são representações mentais de reconhecimento; assim como fazem parte das representações objetivas as coisas como emblemas, bandeiras e insígnias, ou os atos estratégicos de manipulação simbólica, os quais “têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores” (Bourdieu, 1989, p. 112). Tudo isso pode ser utilizado em função de interesses materiais e simbólicos, no reconhecimento de um grupo e na luta por uma definição ou afirmação de sua identidade.

> O autor, mesmo quando só diz com autoridade aquilo que é, mesmo quando se limita a enunciar o ser, produz uma mudança no ser: ao dizer as coisas com autoridade, quer dizer, à vista de todos e em nome de todos, publicamente e oficialmente, ele subtrai-as ao arbitrário, sanciona-as, santifica-as, consagra-as, fazendo-as existir como dignas de existir, como conformes à natureza das coisas, «naturais» (sic). (Bourdieu, 1989, p. 114).

O autor discute o que chama de “lógica propriamente simbólica da distinção - em que existir não é somente ser diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente” (BOURDIEU, 1989, p. 129). Neste sentido, afirmar oficial, política e juridicamente a diferença deve ser garantido, para garantir também que cesse a dominação e a negação de uma identidade sobre outra. Daí a importância de leis e políticas públicas afirmativas da identidade negra, afrodescendente, que também passem a garantir a segurança e a dignidade desses grupos.

E uma das principais lutas hoje é justamente a de colocar em posições de poder simbólico exercido por líderes e governantes, indivíduos sociais que possam compreender a importância desta luta identitária, e de ser representado política e socialmente, de ter o direito de existir. Neste sentido discute-se, na próxima seção, um elemento importante na cultura e na luta afirmativa da identidade negra, que é o tambor.

3 O tambor como elemento afirmativo de identidade e cultura negras

Neste trabalho optou-se por discutir acerca de um elemento importante para a identidade e cultura negras e que nos dias atuais ainda é alvo de discriminação - o tambor. Para isso, dialoga-se com Paradiso e Gonçalez (2014), que analisam a identidade negra e a religiosidade afro-brasileira valorizadas neste que é um dos seus principais símbolos, articulados à poesia de Oliveira Silveira, educador e escritor negro também muito importante para a cultura negra no Rio Grande do Sul. Em seu escrito, os autores

contam como se dá a construção e significação do tambor na construção de três poemas do referido escritor: *Atabaques, O Tambor Bebeu Sangue e Cavalo-De-Santo*. Optou-se por trazer para esta análise a relação entre o tambor e o poema *Atabaques*, com apoio dos autores mencionados, por se tratar mais explicitamente do tema escolhido.

Este instrumento musical de percussão tem origem nas culturas africanas e foi trazido para o Brasil pelos negros que aqui foram escravizados. O som do tambor, para alguns, ainda simboliza a manifestação de forças ocultas negativas ou demoníacas, sendo alvo de discriminação destes grupos, por ser um elemento presente em diversas manifestações artísticas e religiosas da cultura afro-brasileira.

No que diz respeito ao significado cultural: o tambor é considerado um símbolo de resistência, identidade e expressão da cultura negra, pois era usado para comunicar, celebrar e protestar contra a opressão. Em relação à religiosidade negra, sua forte presença confere um importante meio de comunicação, de expressão artística, de celebração e de conexão com as divindades e os ancestrais nas religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda. A falta de conhecimento sobre a história do povo negro contada pelo negro e sobre a importância de manter sua identidade e cultura vivas não permite uma compreensão por parte de quem os discrimina.

Assim, no poema Atabaques (Silveira,1981), como também ilustrado mais abaixo, temos que:

> O primeiro tambor – médio – traz em si os nomes dos três atabaques já citados. Em seguida, traz a palavra “candomblé”, fazendo com que estas palavras entrem em sintonia dentro do poema, pois constroem a imagem de que estes tambores são fundamentais para o ritual religioso candomblecista.
> O segundo atabaque – o grande – descreve o ritual religioso, tecendo a cena do momento do transe e da dança sagrada. Com o poema, percebe-se que o rito religioso é seguido também pelo som do adjá controlado pela sacerdotisa chamada de ialorixá, popularmente chamada de mãe de santo. Os iniciados no candomblé, especificados no poema como negros, aparecem nesse espaço iniciando o “rum” , a dança mágica que contagia e leva alguns iniciados a um transe hipnótico. [...] O batuque do atabaque embala o ritual religioso. Enquanto alguém bate no atabaque médio invocam-se os deuses, que descem e espalham o “axé”, último termo do atabaque maior. O axé representa a energia vital e sagradas dessas crenças, sendo administrado pela ialorixá (mãe de santo), partícipe do rito.
> Já no terceiro atabaque – o menor – chamado de lé, vemos as palavras “rumpi, rum e lé, candomblé”, ou seja, novamente o poema sugere que os atabaques são essenciais para o ritual. Visualizar a poesia e entender o quanto isto representa é necessário para compreender qual a intenção do poeta ao “brincar” com as palavras e as dispor dessa maneira. (Paradiso; Gonçalez, 2014, p. 338-339).

Nas imagens abaixo é possível contemplar, tanto na forma quanto no jogo de palavras, essa “brincadeira” de que o autor dispõe para mostrar e afirmar algo, que no

caso discutido aqui é a identidade e a cultura negra, assim como é uma aula sobre a simbologia e os significados do tambor, descrevendo um ritual de candomblé.

Imagem 1 - Poema Atabaques, de Oliveira Silveira

tilim de adjá
i a l o r i x á
negro no rum
r u m p i é por Ogum

r u m
negro no lé r u m p i
e l é O x u m a r é r u m
bate rumpi e l é
c a n
baixou aqui c a n
d o m
um santo d o m
b l é a x é b l é

Fonte: Paradiso e Gonçalez, 2014, p. 337.

Imagem 2 - Trio de Atabaques

Fonte: Site Ouro de Tolo, 2014.[54]

[54] OURO DE TOLO. Disponível em: http://www.pedromigao.com.br/ourodetolo/2014/09/toques-e-tambores/trio-de-atabaques/. Acesso em: 09 dez. 2023.

> Atabaques é um poema em que não há uso de pontuação nem o uso de letras maiúsculas, com exceção dos nomes dos orixás “Ogum e Oxumaré”. A linguagem poética é dinâmica, mas ao mesmo tempo concreta, em que se pode ver através das palavras as imagens dos três atabaques usados nos terreiros de candomblé: o rumpi, rum e le. Ao mesmo tempo em que as palavras são usadas para desenhar os tambores, elas descrevem um ritual do candomblé. (Paradiso; Gonçalez, 2014, p. 336).

Assim o poema Atabaques torna-se corpo, o qual responde ao seu som por meio de um contato com o seu divino, o sagrado. Então no samba, no maracatu, no candomblé e na capoeira temos este importante instrumento de percussão como elemento identitáro e cultural presente nas manifestações artísticas do povo negro, sendo a arte uma constante em seu cotidiano, tanto no corpo quanto em seus fazeres e na sua alma, sua ancestralidade.

> O que se percebe é que há fortemente uma tentativa de resgate identitário do negro, no todo do poema, pois ao resgatar os mitos, a cultura e a religiosidade, o poeta indica que quer ser como é e não apenas ser uma cópia de modelos brancos, que não lhe dizem respeito, com os quais não se identifica. O poeta ao escrever Atabaques resgata e recria a si mesmo e a seu povo. (Paradiso; Gonçalez, 2014, p. 339).

No que diz respeito à arte manifestada em sua expressão pelo tambor, é importante registrar que, ainda hoje em muitos contextos, “a obra de arte só existe enquanto tal, quer dizer, enquanto objecto simbólico dotado de sentido e de valor, se for apreendida por espectadores dotados da atitude e da competência estéticas tacitamente exigidas” (Bourdieu, 1989, p. 286). Culturas consideradas dominantes ainda têm o poder de designar quais outras culturas são as menos importantes. Ou seja, por muito tempo perdurou e ainda perdura a ideia de que a arte negra não é considerada uma obra digna de apreciação e admiração. Ainda se encontra entre as culturas ditas inferiores, embora venham crescendo as lutas em torno de se conseguir espaços para se dar a ver e apreciar como a arte que de fato é.

E esta luta por afirmação como arte também na literatura encontramos, como nos escritos de Oliveira Silveira, como analisado pelos autores Paradiso e Gonçalez (2014). O poeta também precisou lutar contra o academicismo nas artes letradas, já que a literatura negra ainda era pouco conhecida e considerada legítima em sua época.

4 Considerações finais

Este texto articulou uma breve revisão narrativa da obra O Poder Simbólico, de Bourdieu (1989) com o artigo de Paradiso e Gonçalez (2014), discutindo o tambor no poema Atabaques de Oliveira Silveira como elemento importante de afirmação de identidade e cultura negras.

Hoje temos na sociedade, nascendo e se multiplicando, as leis que defendem os povos afro-descendentes. Como exemplo cita-se a lei nº 13196 de 2022[55], que institui o Dia do Tambor, em 29 de setembro. Assim, o tambor representa, assim como na obra literária de Oliveira Silveira, uma forma de preservar e valorizar a memória e a história dos ancestrais africanos, que contribuíram para a formação da sociedade brasileira; e também é um patrimônio cultural imaterial que deve ser reconhecido, respeitado e protegido como parte da diversidade e da riqueza do Brasil.

É um símbolo de resistência, de identidade e de memória para os povos negros que foram escravizados e oprimidos ao longo da história brasileira. E esta afirmação é muito importante para pensarmos e difundirmos a história do negro contada pelo negro.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Glória, RJ, Editora Bertran Brasil SA., 1989.

PARADISO, Silvio Ruiz; GONÇALEZ, Deyse Natali. O “Tambor” como Símbolo Metonímico da Identidade Afro-Brasileira, na Poesia de Oliveira Silveira. **Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v.19, n.2 p. 327-346, 24 nov. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/62081863/O_Tambor_como_S%C3%ADmbolo_Meton%C3%ADmico_da_Identidade_Afro_Brasileira_na_Poesia_de_Oliveira_Silveira. Acesso em: 11 dez. 2023.

PETERS, Gabriel. **Bourdieu em Pílulas** - (Ep.6 - O Poder Simbólico). Vídeo publicado originalmente no Canal Labemus Laboratório do *YouTube* em 23/06/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aYiKxfu6wDM. Acesso em: 02 dez. 2023.

SILVEIRA, O. **Roteiro dos Tantãs**. Porto Alegre: Ed. do Autor, 1981.

[55] A partir do ano de 2002 é celebrado, no dia 29 de setembro, em torno da Praça e do monumento Tambor, situado na Rua dos Andradas, o Dia do Tambor. Fonte: Lei Municipal 13196/2022. Disponível em: - http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?u=/netahtml/sirel/avancada.html&p=1&r=4&f=G&d=ATOS&l=20&s1=(Dia)..RELA. Acesso em: 09 dez. 2023.

UNIVERSIDADE LaSalle Editora

VSOCULT